

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

*CERTA VEZ...*  
EXPERIÊNCIA E NARRATIVIDADE  
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

**Autor:** Marcos Antonio Recchia  
**Orientadora:** Áurea Maria Guimarães

CAMPINAS  
2009



**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/ UNICAMP**

R243c	Recchia, Marcos Antonio. Certa vez: experiência e narratividade no mundo contemporâneo / Marcos Antonio Recchia. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.  Orientadora : Áurea Maria Guimarães. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.  1. Rádio. 2. Cultura popular. 3. Narração. 4. Cidade – Comunidade urbana. 5. Vida rural. 6. Educação. I. Guimarães, Áurea Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	09-178/BFE

**Título em inglês :** Once: experience and narrativity in contemporary world

**Keywords:** Radio; Popular culture; Narration; City – Urban community; Rural life; Education

**Área de concentração:** Ensino e Práticas Culturais

**Titulação:** Mestre em Educação

**Banca examinadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Áurea Maria Guimarães (Orientadora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Caroliba Bovério Galzerani

Prof. Dr. Odilon José Roble

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Batista de Oliveira Silva

**Data da defesa:** 31/07/2009

**Programa de pós-graduação :** Educação

**e-mail :** [marcosrecchia@hotmail.com](mailto:marcosrecchia@hotmail.com)

À minha família

## AGRADECIMENTOS

Faço aqui um agradecimento muito especial a minha esposa Betina, pela companheira, mãe, e mulher que é. Tem a sabedoria dos grandes mestres e me fez compreender o que é o sentido da verdade e da compreensão humana. Betina, EU TE AMO!

Depois desta declaração de amor para a Betina, faço outro agradecimento muito especial, de irmão de sangue, de sangue que corre corcoveando nas veias, à minha querida irmã, a Tânia Maria Rechia. Foi quem me incentivou e foi um grande carregador de baterias para mim. E reconheço nas minhas baterias um traço de teimosia e resistência. Mas o bom conselho, e a sua sabedoria me colocaram num caminho de encontros maravilhosos, com pessoas de grande sensibilidade, de pessoas sábias para com a vida e muita delicadeza, própria de seres humanos especiais.

E dentre eles, a professora Áurea, minha orientadora, que se deixa a cada dia, embeber-se de conhecimentos e com toda bondade e dedicação das pessoas sábias, compartilha com seus "pupilos" e com a Educação. Sempre bem aconselhando, orientando, com sua mestria vai semeando o saber, e o faz de maneira simples, e é justamente na simplicidade que está, em potência, o grande segredo da vida. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina, já nos ensinou Cora Coralina!

Meus piazótes, o Giuliano e o Lorenzo, também foram muito importantes neste trabalho. Eles, e toda criança, carregam o segredo da felicidade, é só observar bem... São meus "pupilinhos" para o resto da vida. Amo vocês!

À Professora Carolina, outro encontro inesquecível, a Carol das nossas tardes de quinta. Que barato aquelas aulas Professora! Que pessoa sensível a Carol. Transmite sua sabedoria com suavidade e leveza. - Carol, muito obrigado por suas aulas!!

Ana Maria, Milton Almeida, Adilson, Dirce, Carol vocês são maravilhosos.

Aos meus pais por sempre estarem de braços abertos para receber seus filhos!

A Capes pela valiosa bolsa.

A todos os professores que me ensinaram, de um ou outro modo, o tesouro que se apresenta para a vida, quando se frequenta o caminho fecundo da pesquisa e do conhecimento. Faço aqui também, um agradecimento todo especial aos professores, muito queridos, que ofereçam muitas contribuições para a realização deste trabalho, Odilon Roble e Luzia Batista. Mais uma vez, muito obrigado!

E tem a galera que participou, sabendo ou não, deste processo todo. Irmãos, parentes amigos, músicas, canções, poemas, receitas de bolo, teatro, novela e "futebór". A vocês, meu muitíssimo obrigado!!!

Pensaram que eu ia esquecer é? - Unicamp, muito obrigado! Lugar lindo das campinas onde voam os pássaros e balança o extenso arvoredo ao sabor do vento.

A Unicamp vai estar sempre no meu coração, com todo o seu precioso "recheio" de professores, alunos e demais colaboradores. Todos muito gentis e prestativos. Que valoroso isto!

Conheci um viajante de uma terra antiga  
Que disse:  
"Duas imensas pernas de pedra, sem tronco,  
Jazem no deserto. Junto a elas,  
Parcialmente afundado na areia, um rosto despedaçado, com o lábio  
Franzido e enrugado em um sorriso escarnecedor de frio poder,  
Demonstra que o escultor bem intuiu tais paixões,  
Que ainda sobrevivem, estampadas naquelas coisas sem vida,  
A mão que as forjou e o coração que as alimentou;  
No pedestal há a seguinte inscrição:  
'Meu nome é Ozimandias, rei dos reis:  
Olhem para meus feitos pujantes e desesperem-se!  
Nada resta além disso.  
Ao redor daquela ruína  
Colossal, ilimitada e desnuda  
As areias solitárias e planas espalham-se ao longe."  
*"Ozimandias", por Percy Bysshe Shelley (1817)*

## RESUMO

Este estudo tem como objeto de análise o programa *Certa Vez...*, da Paraná Educativa criado em 2002. Os programas foram analisados como uma produção da comunicação de massa através do rádio e as suas formas de mediação da cultura popular. O relato dos programas mostrou como seus apresentadores tentavam sensibilizar os ouvintes, operando com elementos da cultura popular a partir de temas relacionados à valorização da vida no campo em contraposição à vida agitada nas grandes cidades.

**Palavras-chave:** radio; cultura popular; narração; cidade – comunidade urbana; vida rural; educação.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the program *Certa Vez...*, of Paraná Educativa created in 2002. The programs were analyzed as a product of the mass media through radio and its forms of mediation of popular culture. The report of the programs showed how its presenters tried to raise the audience, working with elements of popular culture from topics related to the appreciation of country life in contrast to the hectic life in big cities.

**Keywords:** radio; popular culture; narration; city – urban community; rural life; education.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	01
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<i>GERALDO NOGUEIRA, O ÚLTIMO TABARÉU</i>	03
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<i>“CERTA VEZ...” - O COMEÇO</i>	10
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<i>“CERTA VEZ... AQUI A GENTE INFORMA, INTERTE E SE DIVERTE”</i>	18
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<i>A NOSTALGIA DO PROGRAMA “CERTA VEZ...”</i>	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	40
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	42
<b>ANEXOS</b>	47

## INTRODUÇÃO

Começemos pelas nossas perplexidades. Distanciamento de pessoas, trânsito violento e veloz, ambiente das grandes cidades cada vez mais hostil, do ponto de vista das relações por comida, espaço territorial, trabalho, água e outras necessidades cotidianas. Alimentação duvidosa e cheia de produtos químicos gerando muito lixo e resíduos.

O apelo da mídia para o consumo, a velocidade em que a mercadoria nasce e morre e a construção de novas necessidades, numa velocidade atroz, para produzir mais e mais consumo, chega a níveis alarmantes. Anúncios chatos, barulhentos, muitas vezes mentirosos, anunciando novidades são intermitentes. Tudo que está aí é. "Estúpida e inefável existência!", disse certa vez, Jacques Marie Lacan, como que num desabafo diante de tanta loucura e falta de sentido. Esse sentimento de estupidez no modo como estamos tocando as nossas vidas levaram dois cidadãos que vivem em Curitiba no Estado do Paraná a criarem, ingenuamente, um programa que defende uma forma de viver identificada com a vida no campo como uma forma de escapar do sentimento de insensatez advindo das vicissitudes da vida cotidiana nas grandes cidades. Um programa em que os roteiros são inspirados em pessoas como Geraldo, um contador de causos do Estado de Goiás.

No **primeiro capítulo** de nosso trabalho trazemos essa figura artística que muito inspirou a construção dos roteiros do programa *Certa Vez...: Geraldo Ponciano Nogueira* com sua história, sua família e a Dona Negrinha.

No **segundo capítulo** apresentamos o contexto da criação do programa e seus criadores, as intencionalidades do programa, a estrutura da narrativa, o modo como os roteiros eram construídos para, posteriormente, no **terceiro capítulo**, realizarmos uma análise dos roteiros utilizando já no título o seu bordão “Certa vez... aqui a gente informa, *interte* e se diverte”. Repletos de conteúdos que valorizam a linguagem típica do caboclo e articula diferentes saberes, sabores, linguagens, vidas e histórias, esses roteiros também trazem elementos do âmbito da informação, do entretenimento e da diversão.

Mostramos que o programa *Certa Vez* defende a cultura caipira como uma possibilidade de narrativa contemporânea, valoriza a luta cotidiana de uma maneira que não se separe a arte da vida. Valoriza o cotidiano da vida no campo de forma tão forte que expressa, como assinalamos no **quarto capítulo**, uma nostalgia de um passado que não tem mais volta: a vida simples no campo sem a aceleração da vida típica das grandes cidades. Esta reflexão, sobre a tônica nostálgica do conteúdo dos programas *Certa Vez...* ancora-se na distinção que Martín-Barbero e Marilena Chauí fazem sobre o “povo na política”, produzida pela ilustração e o “popular na cultura” elaborada pelos românticos. No que diz respeito à narração e a memória constata-se, com Benjamin, o fim da narrativa tradicional quando as experiências eram transmitidas de geração em geração no meio artesanal. No entanto, o autor vislumbra uma nova narração nas ruínas da narrativa. A partir dessas constatações nos perguntamos: é possível a ressignificação da narrativa benjaminiana na sociedade capitalista?

## CAPÍTULO 1 GERALDO NOGUEIRA, O ÚLTIMO TABARÉU

### **Contando a história...**

Certa vez, em meados de 1995, no Espírito Santo, o Gordo, amigo de um amigo meu, que também tinha o apelido de Gordo, andava com os pensamentos atravessados, querendo mudar de vida. Morava em Cachoeiro do Itapemirim, terra quente e onde nasceu o rei Roberto Carlos. O Gordo tinha um negócio próprio. Uma pequena fábrica de sucos. Mas era inquieto e queria mudar de ramo, experimentar coisas novas. Pronto! O bicho carpinteiro, que muitos inquietos têm no fim da espinha, fez com que o Gordo vendesse seu negócio, para comprar outro em Ponta Grossa, no Paraná.

Depois do famoso puxa-empurra comercial, social, familiar e afins, estava o Gordo dirigindo um caminhão pequeno, daqueles aparelhados com plataforma, para socorrer carros que enguiçam. Ele virou auto-socorrista em Ponta Grossa. E o Gordo andava pra lá e pra cá, socorrendo gente que ficava na rua, cada um com sua "vaca sagrada" do ocidente avariada. Todo dia tinha carro quebrado. Todo dia tinha estresse. Mas o Gordo parecia não "entrar na pressão".

Tudo nos conforme, correria e algumas decepções. Lá pelas tantas, já acostumado com o serviço e com o jeito do caminhão, começou a perceber os barulhinhos e as pequenas avarias, causadas pelo desgaste natural de toda matéria. Aperta aqui, ajeita ali e o caminhão foi ficando quieto, quase sem barulho. Mas

tinha um barulhinho que não parava. Era pléc, plútc, pléct, pláct e ele logo percebeu que o som era som de fita cassete antiga, se batendo pra lá e pra cá, como ele.

O tempo passou, voou e ele prosseguia trabalhando e escutando o barulhinho. Até que um dia, num sabadão de carne assada com cerveja gelada, o Gordo se enervou e resolveu se distrair mais um pouco. Partiu pra cima do caminhão! Chave de fenda *philips* no bolso e começou o desmanche.

Em baixo do banco, numa caixinha preta, ele encontrou cinco fitas cassete, daquelas comuns. A vitrola três em um, que só funcionava o rádio e o toca-fitas, saiu do armário e depois de muito sopro, flanela e poeira voando, foi espetada na tomada duzentos e vinte. Play... Escuta uma, *rock in roll* anos oitenta, a outra, aquele sertanejo rasgado com aquela conhecida choradeira, a terceira fita só fazia um chiado esquisito e prosa não tinha. A quarta, só música lenta, a quinta... Geraldo Nogueira, o último tabaréu!

Cópia pra cá, cópia pra lá, e uma fita veio parar em minhas mãos, na casa do Gordo. O outro Gordo, meu amigo, me apresentou o Gordo Inquieto. Churrasquinho de novo e pausa para escutar o Geraldo. O Gordo sabia o que ia apresentar...

Quatro causos. Um *A Bicicleta*, o outro *A namorada*, o terceiro *O osso*, e o último, *O Marimondo*. Risada até não agüentar mais e câimbra na cara e na barriga. Quem escuta Geraldo se surpreende com seu o jeito de contar causos. Ele coloca o ouvinte dentro da história. No caso *A bicicleta*, temos a sensação de estar na garupa.

E as fitas foram se multiplicando, até uma parar nas mãos de um diretor de teatro, que estava montando um espetáculo que tinha causos. Passei, com alegria, uma fita para o grupo de teatro escutar. Também gostaram. Imitaram o Geraldo e nada mais. Nem o crédito, nem menção, nem nada. O ator imitou Geraldo, artista e ficou bem quieto. Mas tudo bem.

Explorado e sem o devido reconhecimento, dizem alguns, e melhor contador de causos do mundo, dizem outros. Tem até quem diga que Geraldo levava moças para o milharal... Mas isso não desabona seu trabalho. Artista, às vezes, é assim, meio louco, excêntrico e talentoso. Geraldo chamou a atenção, instigando pesquisadores e sendo assistido e escutado por milhares de pessoas, principalmente via internet.

Geraldinho Nogueira foi o último tabaréu, um dos últimos remanescentes do caipirismo brasileiro. O "Sô" Geraldo, foi um "rachadô da arueira", "capinadô de roça" e "derrubadô de mata" em sua própria definição. O talento do matuto para criar e contar causos levou-o a participar de alguns comerciais, como o da extinta Caixego no estado de Goiás. Em propagandas que participava, a produção se valia do seu rico universo linguístico e originalidade que agradava e fazia rir.

"Minha caneta é a enxada na saroba", dizia o sertanejo que era analfabeto. Geraldinho era dono de metáforas brilhantes que retratavam o jeito simples e ao mesmo tempo criativo do homem do campo. Participou do *show* Trova Prosa Viola em que contava seus causos com a dupla sertaneja André e Andrade.

Geraldo Ponciano Nogueira chegou ao programa Som Brasil, da Rede Globo em 1984, à época sob o comando de Lima Duarte, e provocou a procura de vários pesquisadores de Letras e Comunicação Social de universidades do Rio Grande do Sul e São Paulo interessados em investigar o fenômeno Geraldinho. Só interessados. Nem mesmo a Universidade Federal de Goiás, sequer fez qualquer pesquisa sobre Geraldinho Nogueira, o seu ilustre bastião da goianidade.

Em nossa pesquisa, descobrimos que existe material sobre Geraldo que está em poder de Bariani Ortêncio, que é presidente da Comissão Goiana de Folclore. Bariani diz ter tido muitos contatos com Geraldinho "antes da fama". Ele conta que fez gravações dos "causos" muito antes da ida do Geraldinho para a televisão. Antes da televisão, o Geraldinho tinha um "palco" muito importante, ele girava em várias folias de Reis, tanto de Bela Vista quanto de Nova Fátima (município de Hidrolândia-GO). E aí, nos pousos e pontos de bóia, o povo sempre pedia para ele contar algum "causo". Isso não é abordado no pouco material que se tem disponível sobre Geraldo Nogueira.

Existem muitos "Geraldos", que só o trabalho atento da pesquisa poderá revelar. Conhecia o Geraldo dos causos que me chegaram de maneira inusitada, e no campo de pesquisa pude perceber outra faceta de Geraldo. Descobri que ele gostava de bebida alcoólica e que, talvez, isso tenha lhe tirado a vida precocemente devido a uma trombose intestinal. No dia em que ele morreu, tomou sua última "lambicada" no bar do Seu Nezinho que me contou que o compadre Sebastião, que estava com o Geraldo neste dia, ainda falou:

- *Compadre Gerardinho, não beba compadre, o Senhor num tá bão ôme do céu!*

E o Geraldo: - *Que é isso compadre, daqui a pouco eu morro e nem bebi...*

Do bar, foi para o hospital em Goiás, a trombose intestinal complicou e ele voltou num caixão.

Tem muita coisa do Geraldo que está apenas na cultura oral. E a cultura oral, infelizmente, tem essa característica de ser vulnerável ao tempo. Não se arquiva a palavra. No percurso da pesquisa, escutei muitas histórias sobre Geraldo Nogueira. Há um paralelo entre o contador de causos goiano e Manuelzão, o personagem de Guimarães Rosa. O Manuelzão era um registro vivo das pesquisas regionalistas do escritor.

Geraldinho era muito criativo ao transformar circunstâncias do cotidiano, coisas da tradição oral que chegavam até ele e ampliava. Vejamos um trecho do causo *A namoradinha*:

- ...aí eu lembrei de um passado que tá guardado nessa fundura medonha.
- Vai falar que é outra namoradinha ?
- Foi, mas essa é arisca demais.
- Mas, você não tinha muita sorte não, hein.
- Uai, no começo lerava bão, mas do meio pro fim é que o trem zangava tudo. Mas essa era o pai dela que era o defeituoso, era um homem muito fresco, sistemático, não aceitava a família dele apresentar pra ninguém. Mas ela bonita demais, rapaz, nois encontrava numa reunião, uma reza, um terço, com aquele sinal de longe assim que deixava a gente animado. Mas desse tipo, que toda vez que a gente encontrava ela num deixava eu desacossoar não. E lá num adiantava, que ela num apresentava pra gente. E lá ia desse jeito. E um dia o pai dela marcou um mutirão pra roçar uma invernada. E quando ele chamou lá pro caso, aí eu fiquei sastifeito, porque esse dia pensei: vai dar do jeitim que eu tô cum vontade. E já fiquei com pressa de chegar o dia logo, tava demorando, aí quando o dia vespra eu tinha uma foicinha véia e fui lá pra pedra de amolar a foice e aparei dum jeito que ficou aparando asa de mosquito. Encostei ela lá num canto e pensei comigo: amanhã quero ser o primeiro que vou butucar lá. ...

Dotado de incrível facilidade, Geraldinho Nogueira contava seus causos, servindo-se simplicidade e inventividade em seu linguajar que, por si só, já é motivo de riso, e que fascina, não somente por promover o encontro da tecnologia com os costumes mais rústicos e os hábitos de um tempo caipira, mas também porque nele, o tecnológico empresta sua precisão ao registro da história recente de

um homem orgulhosamente roceiro. E esse homem imprime sua oralidade com autenticidade em sua maneira de observar o mundo e que cativou o público nos anos 80 até sua morte, em 1993.

O jornalista Ivair Lima, um dos editores da DMRevista, publica no diário da manhã de 10 de março de 2005 em Goiânia:

### **Passagens e solidão**

Joana Bonifácia Nogueira, que todos conhecem como dona Negrinha, 72, mora a 23 quilômetros de Bela Vista, em uma casinha que ameaça cair a qualquer hora. Os caibros estão cedendo. Quase metade do teto já abaixou perigosamente. As grandes fendas entre as telhas abrem espaço para a passagem da luz solar, do clarão da lua e dos pingos da chuva. Ali, em um recanto onde só se chega depois de trilhar péssimas estradas; passar por muitos mata-burros; cruzar eventuais atoleiros e vadear um pequeno córrego; dona Negrinha divide todas as suas horas com a solidão.

Viúva de Geraldinho Nogueira, trabalhador rural que virou garoto-propaganda e artista de televisão como contador de histórias em linguagem sertaneja, dona Negrinha tem uma invejável descendência: sete filhos, 25 netos e seis bisnetos. Mulher decidida, de fala firme e inquebrantável crença no trabalho, ela se abate profundamente quando fala dos filhos ausentes. Entre lágrimas, reclama da falta que sente dos filhos que estão "espalhados, trabalhando no que é dos outros". Depois de uma vida de muito trabalho, dona Negrinha, se vê na situação de pedir ajuda "a qualquer filho de Deus" para recuperar a casa que Geraldinho Nogueira fez sozinho e onde ela viveu dias de muita agitação, com os cômodos cheios de filhos e netos. Dona Negrinha vive da aposentadoria de trabalhadora rural e de uma pequena pensão deixada por Geraldinho. O dinheiro, diz, "dá para comer", mas vai quase todo em remédios. Para ter um final de vida digno, ela precisa recuperar a casa. "Levanto cedo, faço meu café, cozinho o almoço e a janta. Ainda dou conta do serviço. Essa casa, se der uma chuva forte, cai em cima de mim." O que mais impressiona na cidadã Joana Bonifácia Nogueira é a disposição. Ela gosta de trabalhar e ser independente. Recusa os convites insistentes das filhas para sair da casa quase em ruínas. "Se dependesse das filhas, eu já tinha mudado. Mas não quero. Gosto do meu canto, gosto das coisas do meu jeito." A pequena propriedade, que dona Negrinha não sabe dizer se tem dois e meio ou três alqueires, já não produz nada. "Mexer com criação eu não dou conta, porque não tenho dinheiro para comprar a ração. E trabalhar na plantação já não dá para mim. Tenho pressão alta, um "trem" no tal de coração, e estou quase cega", justifica. Apenas as árvores frutíferas, como um abacateiro que "está perdendo fruta", a mangueira, o limoeiro e o pé de jambo teimam em produzir por conta própria. "Cuidar mesmo eu não cuido não".

A coragem de dona negrinha é surpreendente. Mas ela não se arrisca passar a noite sozinha, principalmente se estiver ameaçando chover. Vai dormir na casa da filha Aparecida que mora perto. Mas às cinco, ou seis horas, já está de pé e de volta à sua casa. Quando não tem nada para fazer, caminha pelos pastos. "Nunca aprendi a ler. Não tenho rádio nem televisão.

Minha diversão era o trabalho. Agora, eu olho as coisas e lembro a vida muito sacrificada que levei.” Geraldinho Nogueira é uma lenda vivíssima em Bela Vista. Um busto seu enfeita um ponto privilegiado da cidade e não há uma pessoa adulta que não se lembre dele. Na parede da sala de dona Negrinha, entre a fotos antigas e cartazes de seus tempos de televisão, há um diploma de Cidadão Honorário de Bela vista. A fama não deixou nada de material para dona Negrinha. “Geraldinho trabalhou demais. Ele fez esta casa. Era trabalhador de roça, carpinteiro, carreiro. Quando descobriram ele para esse trem de televisão, ganhou um dinheirinho. Ela afirma que Geraldinho, “de tão bom que ele era acabou ficando bobo. Nunca quis ganhar muito dinheiro, dizia que dando para comer estava bom. Eu achei que o Hamilton Carneiro ia dar uma gorjeta para nós, mas até agora não saiu nada.”

### **Histórias de Dona Negrinha**

Dona Negrinha preferiu não estudar. Teve a chance, mas achou que se trabalhasse muito teria melhor resultado. Vivendo sempre no meio rural, sem televisão nem rádio em casa, conserva uma maneira própria de falar. Seu idioma é o sertanejo legítimo, fonte na qual beberam grandes nomes da literatura brasileira, como o mineiro Guimarães Rosa e o goiano Bernardo Elis.

### **A vida pessoal**

“A vida nossa, naquele tempo, era assim: nós morava de agregado dos outros, né? E aí prantava o mantimento é na meia. Eles ia pra roça. Era longe de casa. As menina ia pra ajudá. Os home, quarquê lugar que chegava, tomava os banho. Elas ficava com vergonha e ia pra mais longe no corgo. Chegava em casa, sábado, tudo empoeirado. Eu ficava com dó, mas eu tava no mundo também trabaiano. Meu fio mais velho ficava panhando fumo pro outros. Eu tinha que lavar ele pra tirar aquela pregueira. Aí eu falei: não. Desse jeito, a coisa não dá. Aí nós foi lutano, lutano, passava necessidade. O dia que tinha o arroz pra comê, comia. O dia que não tinha comia o puro feijão. E foi até que Deus ajudou que nós deu conta de comprar essa terra. Custemo enleirá. Mas Deus ajudou que eleirou. Aqui, não passava fome não. Enquanto tinha os filho e ele, Gerardinho prantô. Aí os fio foi casando. E ele já não agüentava trabalhar mais, foi trabalhar com o Hamilto (Hamilton Carneiro, publicitário e apresentador de televisão). Eu pensei que ia dá um resurtado bão. Deus levou ele e tá aí: eu suzinha, nessa casa perigando caí. Ficou só as precisão. Tenho irmã que mora em Goiânia. Tem uma que mora em Brasília. Elas usam uma roupa lá até injuá e manda pra mim. Tô usando. E achando que tá bonito. Não compro roupa. Compro carçado. Antes nem isso eu fazia. Geraldinho pegava um couro aí, cortava, fazia uma precata e nós carçava. Remédio eu compro e muito. Me impuribiram eu de comê carne de poico; puribiu comê mantega. Tô anssim. Aí olhando pro tempo. Minhas fia vem direto. Vem os neto também. Enquanto Deus quiser, vou agüentando.”

### **O tratamento da solitária**

“Esse menino meu, o Sebastião, ele prantou um arrozá e arrumou uns pião. Aí ele foi trabaiaá. Quando dei fé, envem um cunhado dele. Chegô aí, falô

- até eles é cumpadi - cumpadi Tião tá com uma dori. Aí gritano. A gente arrumô um carro e levaro ele. Chegô em Bela Vista, disse que tinha que operá que era o tal penicite. Aí eu abri a boca no mundo a chorá. O Geraldinho saiu mei doido - ele tinha comprado uma nuvia - vendeu a nuvia prá í levá minino. Chega lá, em Goiana, o doutor falou: não. Não é penicite. É lumbriga. É silitária. Aí internou. Quando teve arta, o doutor falou que era prá ele bebê uma coiseira, uma remediada, é isso, é aquilo. Nós envinha, topou com uma dona assim de idade. Pergutô o que que ele tinha eu fui contei. Ela falô, ó minha fia, ranja um chifre de carneiro. Ocê panha ele, sapeca e rapa e dá prele bebê que ó: fupe! Nós chegou, eu fui falei pro Gerardinho. Ele foi longe demais e trouxe uma cabeça de carneiro. Eu rapava o chifre, punha num vidro e falava: todo dia cedo, cê bebe. E ele bebena, bebena, bebena. Passou muito tempo aquilo. Sarou. Quando foi um dia, nós tava aqui, aparece a moça lá do hospital. Chegou e falou: 'ó seu Gerardinho, nós soube que o Sebastião sarou com o chifre de carneiro. Doutor fulano mandou para dizer pro senhor que, se tiver aí, pro senhor mandar um pedaço pra ele'. Geradinho pegou o chifre e mandou. Aí me falaram: o chifre tá sendo médio lá no hospital. Eu falei: então tá bão".

### **Morte de Geraldinho**

"Quando foi essa vez que ele adoeceu não teve jeito. Nós pelojou demais. Ele começou o tratamento em Bela Vista. Ficou, ficou. Eu fiquei com ele. Chegava uma fia, chegava um genro... um dia, eu tava lá suzinha mais ele, ele falou: quero ir no banheiro. Eu fui e peguei aquele talo que tava com o soro e levei. Quando chegou no banheiro, deu foi um trem nele. Entortou a boca e caiu no vaso. Eu aprontei aquela gritaiada. Aí chegou minha fia, quando viu eu gritano, aprontou aquele arvorço. Aí veio doutor. Puseram ele na cama. Eu abri a camisa dele. A barriga tava amarelinha, como quem que senhor tivesse passado assafrão. O doutor falou: vou apricar uma injeção nele que ele melhora. Aí médico falou pode arranjar um carro para levar ele pra Goiânia. Aí levou. Chegou lá, o doutor falou: tem que operar. Minha filha falou: sem minha mãe aqui, não opera. Aí veio um pião do Hamirto. Já saí com aquele berreiro de choro. Puseram ele num lugá que só um pode visitá. O Hamirto foi lá visitá ele, saiu carregado. Passô male, e foi carregado prá outro hospitá. O dia que eles deixou eu í lá vê ele, me deu um trem lá que eu caí. Esperaram eu melhorá. E, diacho de um trem que a gente não vai com roupa que tá, que a gente tem. Pegou, me deu uma roupa, eu vesti. Cheguei lá, ele falou baixinho - "uai, cê num tem ropa não?"Falei: tenho. Aí perguntei se ele tava mió. A hora que eu levantei um pano que ele tava tampado, que vi o jeito que ele tava, falei comigo: meu véi não vorta pra casa mais não. Quando foi de noite, ele morreu."

### **Longe demais da cidade - por Ivair Lima (DMRevista)**

Dona Negrinha não quer se mudar para a cidade nem morar com os filhos. Sua vontade é ficar na casa que Geraldinho construiu para a grande família que criaram. "Criei sete filhos e três netos. Fazia tudo. Cozinava para peões, cuidava da casa, descaroçava, cardava, fiava o algodão. Toda a roupa da família era eu que fazia. Labutei muito. Agora o que eu quero mesmo, é ficar no meu canto. Não gosto de Bela Vista para morar. Gosto para ir de vez

em quando.” É impossível conversar com dona Negrinha e não se emocionar. Ela é uma mulher forte, apesar das doenças; rija, apesar do cansaço de uma vida de muito trabalho; e sensível como um bom poeta. Sua expressão quase sempre séria se suaviza quando se lembra dos filhos pequenos e dos bons tempos da casa cheia e muita luta. O publicitário Hamilton Carneiro, citado por dona Negrinha, disse ao Diário da Manhã que pagou por todos os trabalhos realizados por Geraldinho e tem os recibos. Informou que Geraldinho recebeu o maior cachê da época por estrelar a propaganda da extinta Caixego: 2.500 cruzeiros. Hamilton afirmou que Geraldinho “ganhou dinheiro e comprou uma casinha boa em Bela Vista e acho que construiu uma casa para um filho”. Disse também que Geraldinho não soube conservar o que recebeu. “Ele emprestou dinheiro para um sobrinho comprar um gado e montar um açougue e nunca recebeu. Ele emprestava dinheiro até para quem não conhecia.” Sobre os discos, um LP e dois CDs (Trova, Prosa e Viola), Hamilton disse que eles renderam pouco dinheiro porque foram pirateados no Brasil inteiro. André, da dupla André e Andrade, parceiros de Hamilton e Geraldinho nos discos e shows, disse que “ninguém torceu mais e protegeu Geraldinho mais que Hamilton Carneiro”. Afirmou que quando um show rendia pouco, Hamilton repassava sua parte a Geraldinho. “Gastamos muito tempo investindo nesse trabalho. Quando sentimos que ia começar a dar dinheiro, Deus levou o Geraldinho. Nós semeamos, mas não colhemos. Na hora que o sucesso pintou, que o trabalho começava ser o bem aceito, Geraldinho morreu.” André diz que a pirataria levou o lucro possível. “Os discos não renderam dinheiro nenhum porque foram pirateados. Eu já vi e tenho conhecimento de que nossos discos são encontrados no Brasil todo. Mas é tudo pirata e não rende um centavo.” Com o fim da gravadora Anhanguera Discos, que lançou primeiro os discos, o publicitário, poeta e apresentador Hamilton Carneiro retoma a gestão dos discos no selo próprio. “Retomei porque ainda há uma demanda muito grande por esse projeto, mas o fiz de uma forma negociada com a família do Geraldinho para dar fim de vez às acusações de apropriação que sofri”, disse Carneiro sobre as críticas que recebeu de que ele teria lucrado com a projeção e venda dos discos do programa enquanto a família estaria supostamente empobrecida.

Está aí a apresentação do Geraldo. Pouco conseguimos em Goiânia e Bela Vista de Goiás tendo em vista a amplitude de sua vida. No entanto, atende ao nosso objetivo de apresentar uma das fontes de nossas inspirações para as criações dos roteiros do programa de rádio Certa Vez... cujo começo constará no segundo capítulo.

## CAPÍTULO 2 “CERTA VEZ...” O COMEÇO

Este capítulo apresenta a criação do *Certa Vez...* um programa apresentado inicialmente na Rádio Educativa de Curitiba, Paraná, uma vez por semana, aos sábados, na frequência AM, e aos domingos na frequência FM, durante 30 minutos. Depois de um ano se estendeu para uma hora semanal e também era veiculado na internet e rádio comunitária da Universidade Federal do Paraná. Está no ar há sete anos e meio.

Um programa de rádio que pretende preservar a cultura caipira numa cidade como Curitiba, cuja palavra de origem Guarani: *kur yt yba* quer dizer “grande quantidade de pinheiros, pinheiral”, na linguagem dos índios, primeiros habitantes do território. Uma cidade cujos imigrantes, em sua maioria européia, ao longo do século XX, deram nova conotação ao cotidiano. Seus modos de ser e de fazer se incorporaram de tal maneira à cidade que hoje são bem curitibanas as festas cívicas e religiosas de diversas etnias, dança, música, culinária, expressões e a memória dos antepassados.

O capitão-povoador Matheus Martins Leme, ao destacar os "apelos de paz, quietação e bem comum do povo", fundava em 29 de março de 1693 a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. A atual Curitiba passou por um período de extrema pobreza cuja prosperidade só viria a partir de 1812, com o advento do tropeirismo.

Curitiba enfrenta atualmente o desafio de grande metrópole, onde a questão urbana é repensada sob o enfoque humanista, de que a cidade é primordialmente de quem nela vive. O povo curitibano, um cadinho que reuniu estrangeiros de todas as partes do mundo e brasileiros de todos os recantos, ensina no dia-a-dia a arte do encontro e da convivência.

Apesar de não fazer parte do eixo Rio-São Paulo e estar um pouco fora do contexto da música, da literatura, no cenário brasileiro, a cidade de Curitiba tem grandes mestres das artes, como Waltel Branco, um dos maiores violonistas do Brasil, Dalton Trevisan, que está entre os grandes ícones da literatura brasileira, Paulo Leminski, o poeta maldito que sabia latim e traduziu Trotski aos 11 anos e que, o que não aprendeu da vida atrás do galpão, aprendeu dentro.

Curitiba tem muito a oferecer como "cidade sorriso", "capital ecológica", "capital social", dentre outros *slogans* que pretendem defini-la. Mas a marca mais forte de Curitiba é a "mística imigrante do trabalho", como dizia o poeta Leminski. Uma mística onde tudo é trabalho e brincadeira tem hora.

Por isso o carimbo de cidade provinciana, cinzenta com uma chuva fininha constante, com aquela garoa fina que, no inverno, entra pelo vão da ceroula e esfria até o "miolo do osso". Em Curitiba, a gente põe a ceroula em maio e só tira em setembro, mas também faz calor e dá piscina.

E foi em Curitiba, uma cidade cujo frio não perdoa, que começou o programa *Certa vez...* com (os dois caboclos) Roberto José Guiz e Marcos Antonio Recchia, que traziam em suas bagagens uma paixão herdada dos pais e avós, das inesquecíveis noites e finais de semana embalados por música caipira, e tantos outros que foram os responsáveis pelo amor às coisas da nossa terra, da tradição, das memórias, da raiz cultural e suas origens. Sobre sua história de vida Roberto José Guiz nos conta que:

Teve uma época que estive na nossa casa a dupla Vieira e Vieirinha, inclusive eu tenho até hoje o disco autografado, isso foi lá por 1957, 58, eu devia ter três ou quatro anos. Então é de lá, daquela base do interior. Depois a gente foi morar em Itaiópolis, outra cidade pequena, depois Canoíñas e o meu pai tinha uma relação muito grande com o agricultor, o homem do campo, porque ele sempre trabalhou com erva-mate e eu sempre tive esse contato com o colono, com o agricultor. É daí que vem toda essa base, essa criação caipira.

Esses “caboclos”, amigos em Curitiba, pais de família, cada um com suas profissões e bicos, dentre elas ator, vendedor, locutor, roteiristas para rádio e televisão, recordavam velhas canções e os causos que cada um guardava na lembrança. Nesta época Roberto José Guiz trabalhava como diretor de fotografia em uma produtora de vídeo e Marcos Recchia fundava uma casa de artes e um teatro de bolso. Tudo rumava para que a trajetória desses cidadãos de alma cabocla e suas experiências se encontrassem. Juntos recordavam velhas canções e os causos que cada um guardava na lembrança. Tudo isso regado com uma verdadeira cachaça e uma comida feita num fogão de lenha, numa panela de ferro. Esses encontros propiciaram a criação do programa *Certa Vez...* Roberto José Guiz nos conta que tudo começou...

[...] como uma brincadeira. Eu e o cumpradre Recchia, a gente ouvindo música sertaneja, lá no sítio de Tamanduá... a cada dia a gente vinha com novos CDs, a gente sempre apaixonado por aquelas músicas. Um dia surgiu a idéia: Por que a gente não faz um programa de rádio, que hoje está tão raro ter a música de raiz tradicional mesmo. Então, um dia, conversando com José de Melo (diretor da Rádio Educativa do Paraná na época), numa feira que teve no parque Barigui eu contei para ele essa ideia.

Estamos em 2002, mais precisamente a 13 de abril, quando foi ao ar o primeiro programa *Certa vez...* Um Programa da Nossa Terra, na Rádio Paraná Educativa FM. Com Nhô Guiz e Nhô Recchia, como ficaram conhecidos esses descendentes de imigrantes europeus, filhos de agricultores, de alfaiate e de costureira.

Pelo programa *Certa vez...* já passaram e passa muita gente ... dentre eles Mestre Romão, Família Pereira, Viola Quebrada, Caixa Prego, Almir Sater, Pereira da Viola, Roberto Corrêa, Ivan Vilela e uma infinidade de atores, atrizes, artistas plásticos, sanfoneiros e contadores de causos. Na estrutura do roteiro não falta uma boa receita culinária, uma lenda bem brasileira, as plantinhas do mato que curam nossos males e, é claro, um bom caso para começar o programa.

O *Certa Vez...* já atravessou dois governos estaduais, o de Jaime Lerner e o de Roberto Requião, este último no segundo mandato que encerra em 2010. Dois governos e nenhum apoio ao programa. Fizemos por uma causa que, batizamos, ingenuamente, de “caboclismo”. Um programa que, segundo, o ex-diretor José de

Melo, "já faz parte da grade de programação da rádio e tem cunho didático e cultural".

Até hoje nos perguntamos sobre os motivos de manter um programa no ar por tanto tempo sem nenhum apoio. Não tivemos apoio técnico, institucional e nem financeiro. Mudou o governo de Lerner para Requião, mudou o diretor, de José de Melo para Paulo Chaves, que quando assumiu seu cargo político como diretor nos disse: - Mas o que é isso? Vocês não recebem nenhum apoio institucional para a produção do programa? Vocês não podem continuar trabalhando sem pelo menos ressarcir os custos fixos, como compra de livros, cds, pesquisa, roteirização e apresentação.

Essa fala nunca mudou a "postura da rádio" em relação ao apoio. As alterações que ocorreram com mudança de governo e sua nova diretoria foram a redução de cinquenta programas para trinta, mas o *Certa Vez...* permaneceu no ar. E não somente isso, de meia hora de duração, o programa passou, a pedido da direção, para uma hora. A partir dessas considerações nos perguntamos: Por que a permanência do programa *Certa Vez* durante sete anos e meio em uma rádio pública e uma comunitária quando tantos outros já foram retirados do ar? A razão seria pelo fato de proporcionar uma forma de voltar saudosamente para o passado rural, em que os ouvintes (e os roteiristas também) imaginam encontrar a felicidade, fora da cidade, perto da natureza, longe da violência dos grandes centros? Estaria o programa *Certa vez...* mistificando a ruralidade como o lugar mais seguro e mais puro para se viver? Lembramos aqui a frase de Octavio Paz quando diz: estamos condenados a buscar em "*nuestra tierra, la otra tierra; en la otra, a la nuestra*".

Ao lembrarmos as palavras de Octavio Paz, nos vem outra à mente, que tem em sua essência a inquietude humana por excelência: "Entre o aqui e o lá, preferimos o lá, mas estando aqui..." E na vida miudinha do dia a dia como se dá essa comichão, essa busca? Para responder a esta questão basta observarmos o crescimento do mercado de produtos "naturais", sem "grotóchico", como diz o caboclo, restaurantes naturalistas, turismo ecológico e rural em hotéis-fazenda, cursos e treinamentos de altos executivos em ambientes desafiadores das matas e

montanhas, os banhos de cachoeira que tem como benefício lavar algum cansaço e alguma dor e por aí vai.

Muitas são as reflexões que estão sendo feitas a respeito da desordem de nosso tempo, o mal-estar a que tem nos levado a contemporaneidade, com a ênfase no efêmero, no *on-line*, no não poder estar desconectado, no “*just in time*”, na urgência.

Diante dessa vida acelerada, brutal, violenta, aonde o corpo vem sofrendo suas conseqüências em forma de angústia e mal-estar, é que buscamos a compreensão sobre a insistência em guardar na memória a vida no campo, no sítio, na cidadezinha, na terra natal. Aliás, a terra natal tem a força mítica do paraíso primordial, a saudade do tempo da infância onde corríamos soltos pelo quintal, pelas ruas, colhíamos frutas no pé ou nadávamos no rio com bóias de pneu de caminhão. Respirando ar puro, nadando no rio que “rejuvenesce” e “purifica”, fazendo fogueiras, casinhas de madeira, um pedaço de terra... Vemos aí a presença de imagens primordiais e arquetípicas como ar, fogo, água, terra.

[...] eu me criei na cidade do interior tomando banho de rio, criando passarinho, ouvindo moda de viola e tendo um quintal no fundo de casa, indo lá colher a comida fresquinha sem agrotóxicos, sem nada. E é claro que hoje em dia nessa correria da cidade grande a vontade de se voltar para uma cidade do interior é muito grande<sup>1</sup>.

O campo, frequentemente caracterizado como lugar de isolamento, como espaço precário, sem energia elétrica, água encanada, hospital, escola, transporte, telefone, televisão, é concebido no programa *Certa Vez...* como a possibilidade de uma vida mais comunitária longe da brutalidade e da violência das cidades. É possível percebermos nas narrativas do programa o desejo de proximidade com os ouvintes através das identificações de desejos de uma vida no campo.

## **Os Roteiros**

Cada programa *Certa Vez...* que foi ao ar na Rádio Paraná Educativa, teve como bastidor a pesquisa, com coleta de dados, músicas, temas ligados à educação

---

<sup>1</sup> Roberto José Guiz, em entrevista realizada em junho de 2009.

de modo geral, causos, cantoria, entrevistas, que são roteirizados, gravados, editados e posteriormente apresentados.

A cada programa, chegavam telefonemas, *emails*, perguntando sobre receitas, músicas, e o comentário geral era de que o programa estava cada vez melhor. Chegavam também pedidos de informações, dicas, e fizemos boas amizades, sendo uma delas o Senhor Pascoal que dizia que não perdia um programa. O Sr. Pascoal tem um invento patenteado, que é o motor movido a energia gravitacional. Ele batizou o invento com o nome de Motor Gravidade. Ele sonha em ver seu invento contribuindo com o transporte limpo nas grandes cidades... Este retorno constante animou os roteiristas, e o programa está no ar há sete anos podendo ser ouvido na FM 97,1, AM 630, Rádio Comunitária da Universidade Federal do Paraná e internet.

A confecção do roteiro é a parte mais delicada e trabalhosa, mas também a mais interessante devido à total autonomia de decisão dos roteiristas. O roteiro não depende de autorização prévia pela direção da rádio, não há controle sobre o que vai ser ouvido por milhares de pessoas, na capital do Estado do Paraná, mais o interior, internet e na rádio da Universidade Federal do Paraná.<sup>2</sup> Temos um canal de comunicação direta com milhares de ouvintes, uma grande ferramenta para difundir as culturas populares com suas músicas, a mesinha sertaneja com seus remédios que curam diversos males e muitas outras informações de interesse social e comunitário.

É curioso o fato de produzirmos o programa, "queimarmos" o CD e ele ir direto para o ar. Ninguém até os dias de hoje confere o conteúdo, que poderia, entre outras coisas, depor contra o governo, uma entidade de classe, empresários, partidos políticos ou outra situação em que quiséssemos interferir.

Quando começamos a fazer o programa, roteirizar, pesquisar, começamos a nos deparar com material variado, o potencial de conteúdo do programa propriamente dito, como os causos, piadas, receitas, notícias, etc., que vinham em linguagem cabocla, tanto falada quanto escrita, e na forma "oficial", também chamada de forma culta ou gramatical.

---

<sup>2</sup> Em 2002, ocasião em que o programa foi criado e veiculado também na rádio comunitária da Universidade Federal do Paraná, esta rádio estava sob a direção de José Ville, que também era diretor de jornalismo do programa da Central Brasileira de Notícias de Curitiba.

Quando começamos a arriscar algumas formas de apresentar, ensaiar algumas maneiras de narrar, de estabelecer a prosa, foram surgindo “sotaques” diferentes. Mas como já tínhamos o hábito de falar “caboclês”, essa foi a forma que prevaleceu nas apresentações do programa porque nos pareceu a mais adequada, mais condizente com a temática que abordávamos. Então, quando da volta do intervalo do programa, por exemplo, não dizíamos “estamos de volta” e sim “estamos de *vorta*”, e essa simples troca de letra foi se estendendo para muitas outras palavras. Compartilhamos a opinião de Roberto José Guiz quando diz que

[...] a linguagem do programa, [saía] de uma maneira totalmente espontânea. É claro que quando você vai falar de um aquecimento global, por exemplo, que tem alguma coisa técnica para ser dita, essa maneira de falar muda um pouquinho, mas o tom caboclês eu procuro manter o tempo todo. Quando é uma piada, uma receita ele [o caboclo] aflora muito mais, porque é mais fácil você falar caboclo num assunto assim. Agora, quando você vai falar de um assunto mais técnico, a gente acaba escapando e tendo que passar para uma linguagem diferente, mas o caboclo está no programa o tempo inteiro.

As pessoas que nos conheciam diziam não perceber que éramos nós que estávamos apresentando o programa, pois o linguajar caboclês não permitia que se percebesse, por parte do ouvinte, quem eram os apresentadores. Mesmo quando falávamos o português da norma culta, puxávamos para um sotaque acaipirado, o ouvinte dizia que gostava do jeito da prosa, e que nesse momento percebia que era dos caboclos da cidade falando caboclês. Isso era muito curioso, pois foi apenas uma ideia que foi amadurecendo e virou marca registrada do programa.

Com relação à junção de sotaques culturais Ginzburg (1987, p. 114), ao pesquisar o processo de julgamento de Menocchio, um moleiro autodidata que lia muito, na Veneza do final do século XVI, observa que pelas respostas que ele fornecia aos seus inquisidores nos interrogatórios, não havia uma simples reprodução de “opiniões e teses de outros”, uma vez que sua maneira de ler os livros, suas assertivas um tanto deformadas e “trabalhosas” expressavam com muita clareza uma “reelaboração original”, demonstrando o “encontro de correntes cultas e correntes populares”. Menocchio, um homem simples que não se integrava muito bem na sociedade camponesa, lia, “triturava e reelaborava suas leituras”, ultrapassando modelos preestabelecidos. Suas assertivas e indagações que causavam tanto desconforto nos vigários que o interrogavam, vinham de textos que

lia e a cultura oral que “formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva” (GINZBURG, 1987, op.cit., p. 116). O modo muito próprio que Menocchio tinha de ler diferentes textos que lhe caíam à mão expressam para Ginzburg (op.cit., p.18) o equívoco das pesquisas que para explicar a “cultura imposta às classes populares” pressupõem uma “passividade cultural”.

Para demonstrar essa circularidade, esse “influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” especialmente mais forte na “primeira metade do século XVI” Ginzburg (op.cit., p. 20-21) menciona a pesquisa de Mikhail Bakhtin sobre as relações entre *Rabelais* e a cultura popular do seu tempo. Para tanto focaliza o carnaval como “mito e rito no qual confluem a exaltação da fertilidade e da abundância, a inversão brincalhona de todos os valores e hierarquias constituídas, o sentido cósmico do fluir destruidor e regenerador do seu tempo” que contrasta fortemente com “o dogmatismo e seriedade da cultura das classes dominantes” (Ibid., p. 20).

Não há, portanto, dicotomia entre cultura subalterna de um lado e cultura hegemônica de outro, mas sim uma mútua influência, uma circularidade entre as diferentes culturas.

Essa circularidade entre as diferentes culturas, o cruzamento entre cultura escrita e cultura oral aparece frequentemente nos roteiros do programa Certa Vez... Usávamos expressões variadas que íamos colhendo do mundo... Em 1982, em Curitiba mesmo, quando trabalhava no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, ministrava cursos para os representantes do Incra no interior do Estado. Era um treinamento e capacitação para descentralizar os assuntos relativos ao cadastro de imóveis rurais, sem a dependência da capital do Estado.

Nesses cursos, quando o assunto ia avançando, nos deparávamos com várias situações sobre o português gramatical e os alunos, na maioria de origens interioranas, que diziam que a língua portuguesa era muito difícil, e que em português, a gente escrevia “bambu” e pronunciava “taquara”. No decorrer das aulas os alunos traziam expressões muito ricas, engraçadas e que apenas tínhamos escutado. Nunca imaginei que poderia recuperar algumas, 20 anos depois e utilizar em um programa de rádio.

Em determinado momento de uma explicação de algum assunto do curso que ministrava, quando este era considerado muito difícil, complicado, ou bacana, diferente e notório, os alunos utilizavam a expressão “é de tirar pica-pau do toco” e também “tirar pica-pau do oco”, e esta expressão passou a ser um bordão em nosso programa. Nos encontros cotidianos em que participávamos, quem nos conhecia fazia referência a algumas expressões que utilizávamos no programa e afirmavam que passaram a utilizar no seu dia a dia, como por exemplo: *Inté; tirar pica-pau do toco; encilhar o pingo veio; esporear a virilha da mula; chegar mais pra perto do rancho; boas de vorta; compadre; comadre; nhá e nhô* eram expressões correntes que escutávamos, líamos na literatura que falava do caipira, escutávamos nas músicas e íamos incorporando para utilizar no nosso jeito caboclo de falar. O programa *Certa Vez...* tem como bandeira a defesa das culturas caipiras e procura romper com posturas depreciativas, pois:

Desde que o Mazzaropi [sic] criou o Jeca Tatu, por exemplo, as pessoas têm uma visão do caipira muito depreciativa, que é aquele cara de roupa rasgada, todo sujo, banguela, que não toma banho e vive no meio no mato. E na verdade hoje a gente está vendo que existe o caipira Renato Teixeira, o caipira Almir Sater, que existe o caipira Chico Lobo, Paulo Freire. O Almir Sater vive no meio do mato, no Pantanal e ele não anda com a roupa suja. Cornélio Pires contava muito isso, quando ele gravou o primeiro LP de música sertaneja, em 1925, que foi o pioneiro da coisa, né? Nenhuma gravadora queria bancar aquele LP dele, ele juntou o dinheirinho dele, gravou e conseguiu distribuir um pouquinho no início, e vendeu que nem água e choveu gravadora em cima dele. Ele disse não, agora que descobri o caminho, deixe que eu vou continuar sozinho. Então houve sempre aquela ideia que o caipira é um coitadinho, sujo, e não é assim<sup>3</sup>.

Em suma, essa é a questão central do programa *Certa Vez...* a defesa da cultura caipira, a qual é vista de maneira criativa, original, simples, e que pretende trazer aquele pedacinho da história que foi esquecido e visitar o vivido, a experiência do fazer humano.

No próximo capítulo faremos uma análise de cinco programas que temos disponíveis para a nossa pesquisa empírica. A escolha desses programas se deu pelo critério de maior aproximação com o Geraldinho, nosso contador de causos e uma de nossas grandes inspirações para a feitura dos roteiros. Algumas questões foram norteadoras para a análise: Como os roteiristas do programa *Certa Vez...*

operaram com os fragmentos das memórias da cultura popular e criaram empatia com o público? Poderemos afirmar que o programa *Certa vez...* é uma experiência de narrativa na contemporaneidade? São possíveis novas narrativas na contemporaneidade? Quais seriam estas novas tentativas?

---

<sup>3</sup> A entrevista de Roberto José Guiz, realizada em junho de 2009, foi transcrita sem qualquer alteração.

### CAPÍTULO 3

## “CERTA VEZ... AQUI A GENTE INFORMA, INTERTE E SE DIVERTE”

Neste capítulo desenvolveremos nossa reflexão tentando compreender como as culturas populares aparecem no programa a partir do bordão: “*Certa Vez... aqui a gente informa, interte e se diverte*”, procurando apreender como os registros do âmbito da informação, entretenimento e da diversão operam nas memórias dos ouvintes.

A comunicação e a cultura são hoje um “campo primordial de batalha política”, um cenário que necessita de uma política que recupere a sua dimensão simbólica<sup>4</sup> para enfrentar a erosão da ordem coletiva. Por mais eficiente que seja o simulacro do mercado ele não pode sedimentar tradições, uma vez que tudo o que produz “desmancha no ar” por causa de sua “tendência estrutural a uma obsolescência acelerada e generalizada não somente das coisas, mas também das formas e das instituições. O mercado não pode criar vínculos societários” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.15).

Importante registrarmos aqui, antes de adentrarmos especificamente no conteúdo do programa, no conceito de popular. Marilena Chauí (1986, p.10) sobre Cultura Popular pergunta-nos: “seria a cultura *do* povo ou a cultura *para* o povo?” (grifo da autora). Alerta-nos esta autora que a dificuldade de definir o que seria cultura popular fica ainda maior se atentarmos para o fato de que os produtores

---

<sup>4</sup> Sua capacidade de representar vínculos entre os cidadãos e o sentimento de pertencimento a uma comunidade (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.15).

dessa cultura – as denominadas classes populares – não a definem com o adjetivo “popular” e que esta designação é proveniente de membros de outras classes sociais para conceituar as manifestações culturais das classes chamadas de “subalternas”. Nesse aspecto, adverte-nos que se trata de “saber quem, na sociedade, designa uma parte da população como ‘povo’ e de que critérios lança mão para determinar o que é e o que não é ‘popular’” (Ibid., p.10).

No Brasil, ainda seguindo o raciocínio de Marilena Chauí, usa-se a expressão “música popular” para designar as músicas que estão fora do campo da música erudita, mas isso não significa que os compositores e ouvintes pertençam às chamadas classes “subalternas” eles provêm, na maioria das vezes, da classe média urbana. Se no início do século XX, os compositores mais conhecidos eram provenientes “do morro”, no final desse século, grande parte da música popular não só é composta como é também ouvida por universitários. Diferente é a denominada música sertaneja em que o “popular” corresponde muito mais à idéia de “subalterno”. Deste modo, “popular” é usualmente designado como da região, da tradição e do folclore. Mas, nos pergunta a autora: “por que regional, tradicional e típico designariam o ‘popular’?” (Ibid., p.11).

Um dos interlocutores de Marilena Chauí para essa reflexão é Raymond Williams (1992) que nos adverte que o termo “cultura”, é extremamente complexo:

Começando pelo nome de um *processo* – cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana – ele se tornou, em fins do século XVIII, particularmente no alemão e no inglês, um nome para a *configuração* ou *generalização* do “espírito” que informava o “modo de vida global” de determinado povo. Herder (1784-91) foi o primeiro a empregar o significativo no plural, “culturas”, para intencionalmente diferenciá-lo de qualquer sentido singular ou, como diríamos hoje, unilinear de “civilização”. Esse termo pluralista amplo foi, pois, de especial importância para a evolução da antropologia comparada do século XIX, onde continuou designando um modo de vida global e característico. (WILLIAMS, 1992, p.10).

A palavra Cultura vem do verbo latino *colere*, Cultura “era o cultivo e o cuidado com as plantas, os animais e tudo o que se relacionava com a terra; donde agricultura”. Expandindo o uso da palavra, também era utilizada em

referência ao cuidado com as crianças e a sua educação, com o objetivo de desenvolver suas “qualidades e faculdades naturais; donde puericultura”. Cultura também se referia ao cuidado com os deuses, o culto (WILLIAMS, op. cit., p.11).

Williams (op.cit., p.11) afirma que “no uso mais geral, houve grande desenvolvimento do sentido de ‘cultura’ como cultivo ativo da mente” e que também podemos encontrar um grande número de significados:

[...] desde (i) *um estado mental desenvolvido* como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando por (ii) *os processos de desenvolvimento* – como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até (iii) *os meios desses processos* – como em cultura considerada como “as artes” e “o trabalho intelectual do homem”.

Cultura, até a algum tempo atrás, implicava duas idéias opostas: para os antropólogos, “cultura é *tudo*, pois, no magma primordial em que habitam os primitivos, cultura é tanto o machado quanto o mito, a oca e as relações de parentesco, repertório de plantas medicinais ou das danças rituais”. De diferente modo concebe uma vertente da Sociologia para a qual “cultura é *somente* um tipo especializado de atividades e de objetos, de práticas e de produtos pertencentes ao cânone das artes e das letras” (WILLIAMS, op.cit., p.13). Atualmente, essa separação que foi engendrada por esta dupla concepção de cultura,

[...] é, de um lado, obscurecida pelo movimento crescente de especialização comunicativa do cultural, agora organizado em um sistema de máquinas produtoras de bens simbólicos ajustados a seus “públicos consumidores”. É o que faz a escola com seus alunos, a televisão com suas audiências, a igreja com seus fiéis ou a imprensa com seus leitores. E, de outro lado, é toda a vida social que, *antropologizada*, torna-se cultura. Como se a máquina da racionalização modernizadora – que separa e especializa -, impossível de ser detida, estivesse girando, patinando em círculos, a cultura escapa a toda a compartimentalização, irrigando a vida social por inteiro. Hoje são sujeito/objeto da cultura tanto a arte quanto a saúde, o trabalho ou a violência, e há também cultura política, do narcotráfico, cultura organizacional, urbana, juvenil, de gênero, cultura científica, audiovisual, tecnológica, etc. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.13-14).

Um meio de comunicação como o rádio tem o potencial de desenvolver uma “habilidade expressivo-coloquial” que lhe possibilita entrelaçar diferentes atividades e tempos. O rádio possui uma capacidade de mediar o popular como

---

<sup>5</sup> Designação mais conhecida para a música caipira e para a moda de viola que sofre influência dos ritmos urbanos.

nenhum outro meio, a partir “de um entrelaçamento privilegiado da modernizadora racionalidade informativo-instrumental com a mentalidade expressivo simbólica do mundo popular” (MARTÍN-BARBERO, op. cit., p.254).

No primeiro capítulo mencionamos que o programa *Certa Vez*, já passou por dois governos do Paraná, o de Jaime Lerner na ocasião de sua criação e o de Roberto Requião, este já em seu segundo mandato e o *Certa Vez* continua no ar, pois de acordo com o ex-diretor, José de Melo, ele já “faz parte da programação da Paraná Educativa e tem cunho didático e cultural”. O que o faz afirmar que tem cunho didático e cultural?

O conteúdo do programa é composto de: causos, felicitações de aniversário, informações sobre festas ou acontecimentos na cidade de Curitiba e região, receitas culinárias, piadas, lendas, receitas de chás, informações sobre animais, dicas de saúde, história dos municípios do Paraná, histórias dos bairros de Curitiba e entrevistas com cantores da moda de viola, especialistas em chás, dentre outros. Tudo entrelaçado com música sertaneja. E quem eram os compositores e cantores destas modas de viola? Bom, para colocar mais ou menos na “desordem alfabética”, para não colocá-los em situação de competição, os cantores que iam dialogando com o programa *Certa Vez* eram: Roberto Corrêa, Almir Sater, Pereira da Viola, Tião Carreiro e Pardinho, Renato Teixeira, Pena Branca e Xavantinho, Jararaca e Ratinho, Inezita Barroso, Mazzaropi, Viola Quebrada, Caxa Prego, Rosinha do Acordeão, Cascatinha e Inhana, Zé do Rancho e Zé do Pinho, Silveira e Silveirinha, Sergio Reis, Tônico e Tinoco, Irmãs Galvan, Leo Canhoto e Robertinho, Mario Zan, Alvarenga e Ranchinho, Zé Carreiro e Carreirinho, Mano Lima, e se fossemos tentar abarcar todo o repertório musical utilizado para tecer cada programa, poderíamos fazê-lo, mas em extensas páginas, talvez não pertinentes neste momento e poderia tornar a leitura enfadonha.

O rádio não necessita de outra capacidade além da audição, pois está restrito ao sonoro – a voz e a música. A leitura que se faz, portanto, é uma “leitura auditiva” se é que se pode falar assim. Em cada programa, eram apresentadas, geralmente, nove músicas e raramente dez. Os cantores mais presentes no *Certa Vez* são todos aqueles que dialogam com a proposta de trabalho, de rememorar, de escutar histórias diferentes sobre o homem e sua relação com seu modo de vida,

cantores que contam causos musicados e tantas outras formas de transmitir e trocar experiências.

O conteúdo, com um repertório simples e fixo, converte-se num ponto de encontro frequentemente lembrado pelos seus apresentadores, para que seus ouvintes sintonizem na Rádio Paraná Educativa FM 97,1 e AM 630, cujos horários são no Sábado na AM 630 das 17:00 às 18:00 h da tarde e no Domingo na FM 97,1 das 6 às 7 da manhã com o bordão: "aqui a gente informa, *interte* e se diverte". O tema central apresentado no programa é o "caboclisto", o encantamento pela vida simples do campo em contraposição à vida na cidade. Esse tema central possui uma boa acolhida pelos ouvintes, dado que o programa já está no ar há sete anos e meio.

O programa, com a sua recuperação de ideais da natureza coloca em ação sentimentos que consideram o povo e o seu humor, seus saberes e suas práticas cotidianas. Inicia sempre com um causo, geralmente de caboclos. Vejamos um fragmento de causo narrado no programa que foi ao ar em 12 de novembro de 2005:

Salustino resolveu dar uma volta a pé e ver as coisas mais de perto daquele pequeno Vilarejo. Puxou a mula Mascavo para a sombra de uma árvore, tirou o freio e repôs a cabeçada, desapertou o arreio. Caminhando devagar, com jeito aberto, cumprimentava os homens passantes. Parou na farmácia, pediu uma cera para dor nos dentes, e perguntou se havia uma barbearia por perto. O farmacêutico, meio que carrancudo, disse que era só virar a esquina. O boiadeiro agradeceu. Ele sabia que o melhor lugar para se conhecer uma localidade e suas pessoas era a barbearia. Uma portinha, entrou. Dois desocupados e o barbeiro tratando dos passarinhos. No canto, um gancho sustentando uma tarrafa sendo trançada ainda. Cumprimentou com bons ares. O barbeiro, homem pequeno, franzino o recebeu alegremente: "Vamos chegar, vamos chegar ... . Amigo parece querer usar meu serviço. Já atendo ...já atendo" ... Veio e estendeu a mão. Ainda colocando aquele pano para proteger dos cabelos cortados, começou perguntas visando conhecer quem era o boiadeiro. No bom grado, recebia respostas francas. O barbeiro era exímio na tarefa. Salustino também colheu informações importantes sobre a vila e moradores. Antes de pagar o cabelo e barba, já se dispunha a fazer amizades. Saiu com a promessa do barbeiro ir à venda para um "aperitivo da janta". Um carro de bois, carregando lenha, rodeava a pracinha. O boiadeiro soltou pequeno abôio e cumprimentou alegremente o carreiro.

Nesse causo encontramos expressões tais como "caminhando devagar, com jeito aberto, cumprimentava os homens passantes", "cumprimentou com bons

ares”, “o recebeu alegremente”, “respostas francas”, “alegrou a venda com sua simpatia”, “se dispunha a fazer amizades”. A partir deste caso os apresentadores fazem alguns comentários que colocam em ação, de início, sensibilidades ligadas a “magia” do campo, do rural, da natureza. Para assinalar a “bondade” do caboclo os apresentadores colocam em ação palavras como “simples”, “simplicidade”, “humildade”, “gente boa”, “essência do homem de bem”, “o caboclo que tem sempre uma saída pela tangente”, “caboclo mateiro e matuto, sempre muito esperto e vivido” expressões com forte inspiração no artista Geraldo.

Nesse programa, e em praticamente todos eles, as músicas chamam a atenção pelas sensibilidades que acionam nos ouvintes: *É necessário* de Almir Sater, *Sonho de Caboclo* de Moacyr e Limeira, *Coração Sabe o que Faz* das Irmãs Galvão, *Eu Tiro o Leite* de Bob Nelson. As músicas operam com sensibilidades que colocam em ação o campo como refúgio e proteção de uma Curitiba que possui os problemas de uma grande cidade, com suas diversidades e adversidades, onde o clima de medo está presente no cotidiano, a insegurança é uma de suas marcas, a marca dos tempos líquido-modernos como diria Bauman.

O crime organizado, o desemprego e a solidão, entre outros, são fenômenos oriundos do desmonte dos mecanismos de proteção aos menos favorecidos e da globalização. Vivemos num mundo em que a insegurança e o medo é a marca fundamental, um momento de passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida”, isto é,

[...] para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter suas formas por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que se leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (BAUMAN, 2007, p.7).

No dia a dia ficamos sabendo, em tempo real, via satélite, das misérias humanas em lugares distantes e de vidas que correm bem longe de nossa morada. Imagens que penetram em nossas casas de forma tão vergonhosa que nos passam a sensação de serem os sofrimentos dos próximos de nossa casa. Estamos num mundo em que, como diria Milan Kundera (citado por BAUMAN, 2007, p.12), “não existe nenhum lugar para onde se possa escapar”.

Vivemos os efeitos de uma sociedade aberta, efeitos não planejados e imprevistos de uma “globalização negativa”<sup>6</sup>. Num planeta negativamente globalizado, a segurança não pode ser obtida, muito menos garantida dentro de um país ou de um grupo de países. Nesse contexto de mundo sem fronteiras, o medo vem crescendo e se espalha de forma avassaladora. Nossas vidas, em função do medo, alteraram-se; vivemos atrás de muros e quem pode contrata seguranças, dirige carros blindados, freqüenta aulas de defesa pessoal. Atividades que

[...] reafirmam e ajudam a produzir o senso de desordem que nossas ações buscam evitar. Medos que provocam ações defensivas. O medo agora se estabeleceu, saturando nossas rotinas cotidianas; praticamente não precisa de outros estímulos exteriores, já que as ações que estimula, dia após dia, fornecem toda a motivação e toda a energia de que ele necessita para se reproduzir (BAUMAN, op.cit., p.15).

O ciclo do medo e as ações desencadeadas por este não ganhariam o tamanho e a velocidade atuais se não houvesse o que Bauman chama de “tremores existenciais”:

A presença desses tremores não é exatamente novidade: os sismos existenciais têm acompanhado os seres humanos ao longo de toda a sua história, pois nenhum dos ambientes sociais em que as realizações da vida humana têm sido conduzidas jamais ofereceu um seguro infalível contra os golpes do “destino” (BAUMAN, op.cit., p.16).

Todos nós temos medo das adversidades, medo do que não podemos prever nem evitar, e isso nos causa um desconforto existencial muito grande, que nos leva a uma busca de segurança ou, pelo menos, sensação de segurança.

O “progresso”, que já foi um motivo de muito otimismo e crença na felicidade universal, vai para o pólo oposto e fatalista: agora nos vemos ameaçados e tememos as mudanças inexoráveis que, em vez de propiciar paz e sossego, trazem crises e tensões. O “progresso” agora provoca pesadelos e insônia, e não somos capazes de mudar o ritmo estonteante das mudanças. Exatamente por isso, concentramo-nos no que acreditamos exercer alguma influência: observamos níveis de colesterol, sinais de câncer, sintomas de depressão, estresse — enfim,

---

<sup>6</sup> “Globalização seletiva do comércio e do capital, da vigilância e da informação, da violência e das armas, do crime e do terrorismo; todos unânimes em seu desdém pelo princípio da soberania territorial e em sua falta de respeito a qualquer fronteira entre Estados. Uma sociedade ‘aberta’ é uma sociedade exposta aos golpes do ‘destino’” (BAUMAN, op.cit., p.13).

substituímos esse “tremor existencial” por algo que temos a ilusão de controlar (BAUMAN, op.cit.).

Paradoxalmente para aqueles que podem pagar para ter a sensação de segurança em sua saúde, sua moradia, etc., reafirma-se ainda mais o medo; o mundo fica parecendo cada vez mais traiçoeiro e ameaçador, o que estimulará cada vez mais ações defensivas. Os indivíduos procuram soluções individuais para problemas que foram produzidos socialmente (BAUMAN, op.cit.).

Diante desse cenário, em que o “capital do medo” pode ser usado para obter lucros comerciais ou políticos, em que o mundo visto pela televisão parece se constituir de “cidadãos-cordeiros” contra os “criminosos-lobos” (BAUMAN, op.cit., p.19), temos a impressão maniqueísta de que o mundo está dividido em “bandidos” e “mocinhos”.

Curitiba é uma cidade em que seus cidadãos, diante dessa realidade fugidia e ameaçadora, estão dispostos a transformar seus medos, suas angústias em utopias. Será? A música *Sonho de Caboclo* de Tonico e Tinoco expressa muito bem o modo como o programa opera com a memória dos ouvintes, como despertam sonhos e alimentam esperanças de que o mundo do campo é melhor e mais tranquilo para viver: “Sonho com beira de rio/Sonho com peixe no anzol/Com fogueira se está frio/Com praia quando faz sol”. No refrão aparece o amor perdido: “Meu triste sonho é uma mulher, só penso nela que não me quer”. Nas outras estrofes temos: “Sonho com mata fechada/Cherando forte o paudaio/Sonho com as madugada/com estrelinha de orvalho.... Sonho com galo cantando/a manhã Verde e Amarela/Minha viola chorando”. Aliás, referências a “pescaria como elixir de longa vida e eterna juventude”, “beira do rio”, “rancho” e “sonhos” são muito comuns nos programas.

No bordão do programa a primeira palavra que aparece é a que se refere à informação: “aqui a gente *informa, interte e se diverte...*”. Os temas mais recorrentes relacionados à informação são de cunho sócio-ambiental e de inter-relacionamento pessoal. Embora não haja um assunto prioritário, as escolhas estão relacionadas ao dia a dia. Uma novidade de saúde, dicas de limpeza, como tirar manchas, receitas de chás e o que aproveitar de benefício das “plantinhas do mato”, um ou outro comentário sobre uma lei nova que pudesse melhorar a qualidade de vida do “vivente” (como é dito muitas vezes na referência de uma pessoa) e

história, de Curitiba, história dos bairros como também dos municípios do Paraná. É interessante observar as mudanças de linguagem, ora os apresentadores usam o “caboclês”, ora o português padrão.

História do Bairro. A Fazenda Pinheirinho localizava-se numa região que era conhecida, no começo do século XIX, como Capão do Alto, formada por campos e capões, cortados por pequenos arroios, e com a presença esparsa de pinheiros (de onde viria a tirar o seu nome). O bairro Pinheirinho, formado, no passado, por várias fazendas de gado, era chamado pelo nome “Capão dos Porcos” devido à grande criação desses animais, que passavam todos os dias pela atual via rápida, antigamente rua Olho D’água. A Avenida Winston Churchill, sua principal via de acesso, era conhecida como “Carrerão dos Pretos” (fragmento do programa apresentado em 24 de janeiro de 2004).

Essa história trazida pelo programa, cuja preocupação era informar os ouvintes de forma didática a respeito de suas cidades, bairros, fundamentava-se numa visão de história oficial. Nesse momento os roteiristas não buscaram outras fontes, que tivessem em sintonia com uma das propostas do programa, ou seja, a valorização da cultura oral. Nas narrações não havia informações de acontecimentos miúdos do cotidiano, nem relatos de moradores antigos, nem histórias que não foram registradas pela oficialidade. Os roteiristas, ingenuamente, caíram na armadilha de informar apenas uma visão de história.

Numa sociedade cujos meios de comunicação de massa, as indústrias do lazer têm sujeitado o desejo dos indivíduos e da coletividade muitas vezes pelas centenas de anúncios comerciais, muitos dos quais, induzem a hábitos de alimentação nada saudáveis, estimulando o consumismo, difundindo estilos de vida que associam a posse de bens supérfluos como fatores de sucesso, alegria e bem estar, os roteiristas e apresentadores do programa Certa Vez acionam a memória das “belezuras” fornecidas pela natureza, vejamos este fragmento:

Então vamo principiá o trem: A tar da BATATA-DE-PURGA é um laxativo esperto e um energético de tirar picapau do toco, e não fosse só isso, ainda por cima é depurativo. A BERINJELA véia de guerra reduz o colesterol e triglicérides e ácido úrico. Já a vermeiôna BETERRABA é boa contra anemia, antiácidos, e laxativa. – Ah, agora sou eu, O tar de CABELO-DE-MILHO é diurético, elimina o ácido úrico. O espinhentão, o CACTUS é cardiotônico, vai bem contra palpitações, e síndromes cardíacas. Por outro lado o CAJUEIRO, o lindo cajueiro, atende na diabete, colesterol, triglicéride, e inflamações da garganta. - E temos ainda a CANA-DO-BREJO, diurético, depurativo, e antiinflamatório. Já a CANELA-DE-JAVA é estimulante, contra gripes, febres, antiespasmódico. E pra acabá a CAROBINHA: é depurativa, cicatrizante,

inflamações da garganta (fragmento do programa apresentado em 12 de novembro de 2005).

O programa *Certa Vez* mistura diferentes tipos de saberes e de linguagens. Saberes científicos com saberes populares, saberes velhos e novos, medicina popular e a não popular, causos e história das cidades e dos bairros. Há uma incorporação de aspectos “científicos” e utilitários, operando com a memória dos ouvintes através de conselhos práticos e simples da vida do dia a dia, conselhos de saúde misturados com piadas e uma boa dose músicas sertanejas. Palavras como “natureza”, “saúde”, “saudável”, “mato”, “roça”, “sabedoria”, “generosidade” também são muito frequentes nos programas.

E nesse universo do “caboclisto” qual é o lugar do amor em relação às mulheres? No programa apresentado no dia 24 de janeiro de 2004 temos várias músicas “açucaradas” que colocam em ação sentimentos do amor que foram perdidos como por exemplo: *Lembrança*, *Moreninha Linda*, *Terra Mar e Ar*. Vejamos alguns fragmentos dessas músicas:

Lembrança por que não foge de mim/Ajude a arrancar do peito esta dor/Afaste meu pensamento e o seu/Porque vamos reviver este amor/Amando nós padecemos iguais/Eu tenho meu lar e ela também/É triste ser prisioneiro e sofrer/Sabendo que a liberdade não vem (...) Vai lembrança não volte mais/Para acalmar os meus ais/Deste dilema de dor/Vai para bem longe de mim/Não posso viver assim/Devo esquecer este amor (Música: *Lembrança*, composição de José Fortuna).

Podemos perceber em várias canções que são tocadas no programa a fusão de elementos de nostalgia do campo com os sentires urbanos:

Você está comigo quando eu sonho/Em toda a minha vida terra, mar e ar/Você está presente no que eu penso/Nas decisões, nos atos, no que eu sinto/Em toda a minha vida terra, mar e ar/ (...) Eu sou um cara solitário, caminhando, desejando/Esperando por você/Levo no meu peito bem guardado/Um lugar desocupado esperando por você (Música: *Terra, mar e ar* interpretada por Renato Teixeira).

O sentimento de solidão, típico do indivíduo urbano que vive no meio da multidão, aparece misturado com o sentimento de perda de uma mulher que está fundida com a terra, o ar e o mar. A mulher aparece tanto nos causos como nas músicas de duas formas, ora como inocente, virtuosa, resignada, paciente, ora como aquela que remete ao abandono, desprezo e falsidade. Há certo

“esbanjamento” e excesso no modo de exhibir os sentimentos.

Meu coração tá pisado/Como a flor que murcha e cai/Pisado pelo desprezo/Do amor quando se vai/Deixando a triste lembrança/Adeus para nunca mais/Moreninha linda do meu bem querer/É triste a saudade longe de você/O amor nasce sozinho/Não é preciso plantar/A paixão nasce no peito/Farsidade no olhar/Você para outro/Eu nasci para te amar.Eu tenho o meu canarinho/Que canta, quando me vê/Eu canto por ter trsiteza/Canário por padecer/Da saudade da floresta/Eu saudades de você (Música: Moreninha linda interpretada por Tonico e Tinoco).

Além da referência ao amor perdido não falta também ao programa o riso que provocam suas piadas que em sua maioria de caboclos, o interessante que no momento das piadas aparece uma variedade de tipos de caboclo: o esperto, o ingênuo, o vagaroso, o velhaco, o pão-duro, o sincero, o bobo, dentre outros.

O caipira, muito pão-duro, recebe a visita de um amigo. A certa altura da conversa, o amigo pergunta: "- Se ocê tivesse seis fazenda, ocê me dava uma?" "- Claro, uai!" "- Se ocê tivesse seis carro, ocê me dava um?" "- Claro!" "- E se ocê tivesse seis camisa, ocê me dava uma?" "- Não!" "- Porque não?" "- Porque eu tenho seis camisa!"

O caipira chega ao banco e procura o gerente:

- Posso falar com o senhor?

- Claro, pois não! Pode sentar!

- Se o senhor não se incomoda, eu gostaria de que a gente conversasse ali no fundo.

- Oras, mas por quê?

- É que eu estou precisando de um empréstimo e me disseram que apesar de trambiqueiro, no fundo o senhor é um bom sujeito...

O Caboclo, descendente de Português, queria entrar para a polícia. Se inscreveu e foi chamado para um teste: - Seu Juca! Neste teste aqui é necessário ter raciocínio rápido!!

-O que foi que o Senhor falou?

- Que tá dispensado!!!

Tanto os causos como as piadas, quando ouvidos, pelas formas como são narrados, levam o ouvinte a um irreprimível riso. Embora não possamos afirmar que esses risos provocados pelas piadas e os causos tenham um caráter subversivo ou corrosivo, eles são contagiantes e agregadores.

O programa Certa Vez tem a particular capacidade para mediar a vida no campo e a vida na cidade. É possível o cidadão comum urbano encontrar orientações para a sua saúde, saber mais sobre a história da cidade, dos

municípios, dos bairros, receitas de chás, dentre outros. Já o caboclo, além de tudo isso, encontra também modos de manter-se ligado a sua terra natal.

As formas de percepção, as sensibilidades construídas através das canções com uma forma "cabocla" de enunciar mostram-nos claramente o deslumbramento pelo rural, pelo campo e uma vida simples. Uma forte nostalgia marca o programa Certa Vez e isso nos leva a afirmar que estamos diante de um sintoma que não podemos negar porque está presente no sucesso dos causos do Geraldinho que atualmente espalham-se com uma velocidade vertiginosa pela internet, no sucesso do programa Certa Vez e também em vários outros programas de rádio e de televisão veiculados atualmente. Perguntamo-nos: o que provoca essa nostalgia? Esse desejo de retorno a uma vida no campo supostamente mais significativa e proporcionadora de uma felicidade que está em algum lugar, sabe-se lá aonde. Tal "sintoma" está aí e não pode ser negado, basta-nos tentar compreendê-lo e é isso que buscaremos fazer no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 4 A NOSTALGIA DO “CERTA VEZ...”

Nas participações do programa, os ouvintes demonstravam uma forte identificação com a vida no campo. Por quê? Quais as características da vida no campo e como é a vida na cidade? Algumas participações davam conta de que numa grande cidade como Curitiba a vida era muito corrida. Até aí não há novidade, mas o que o ouvinte defendia era que o “jeitão” das cidades, sobretudo as maiores em tamanho populacional, não possibilitava o convívio com os amigos, com a família, e o lazer acabava sempre ficando para trás, em segundo plano, pois “o tempo fica curto”, sem aproximação e aconchego. Enfim, essas falas em prol do campo, do interior, eram frequentes e os ouvintes faziam parte de uma faixa etária bem diversificada. Parecia que queriam dizer: “É capital: a paz vem do Interior”. Ao refletir sobre o mecanismo de identificação e projeção com o campo e o rural Martín-Barbero diz que Morin

“encontra” Freud e sua proposta sobre os mecanismos de identificação e projeção, para pensar os modos como a indústria cultural responde, na era da racionalidade instrumental, à demanda de mitos e heróis. Pois, se uma mitologia “funciona”, é porque dá resposta a interrogações e vazios não preenchidos, a uma demanda coletiva latente, por meios e esperanças que nem o racionalismo na ordem dos saberes nem o progresso na dos haveres têm conseguido extirpar ou satisfazer (MARTÍN-BARBERO, op. cit., p.91).

Neste capítulo refletiremos sobre a tônica nostálgica do conteúdo dos programas *Certa Vez...* ancorados na distinção que Martín-Barbero (2008) faz sobre

o “povo na política”, elaborada pela Ilustração, e o “popular na cultura”, levada a cabo pelos Românticos, e sobre a narração e memória em Walter Benjamin.

A filosofia política dos ilustrados tem como pensamento-matriz de suas reflexões o Estado Moderno. O “povo” em seu discurso é a condição de uma verdadeira sociedade, ele é fundador da democracia não como população, mas apenas como uma categoria que possibilita o nascimento do Estado Moderno. E uma sociedade moderna, para ser pensada, deve ser constituída a partir da “vontade geral” (Rousseau), e é essa vontade que constitui o povo enquanto tal. “A racionalidade que inaugura o pensamento ilustrado se condensa inteira nesse circuito e na contradição que encobre: está contra a tirania em nome da vontade popular, mas contra o povo em nome da razão” (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.34). Portanto, cabe ao povo, portador da razão, a tarefa política fundadora. Quanto ao “povinho” e suas “necessidades básicas”, deve receber filantropia e ser educado por meio de uma disciplina imposta pelo trabalho industrial, uma educação fundamental para não estimular as “paixões obscuras que os dominam” e, sobretudo, sua inveja, que se mascara de igualitarismo (MARTÍN-BARBERO, op.cit.).

A invocação do povo legitima o poder da burguesia na medida exata em que essa invocação *articula* sua exclusão da cultura. E é nesse movimento que se geram as categorias do “culto” e do “popular”. Isto é, do popular como inculto, do popular designando, no momento de sua constituição em conceito, um modo específico de relação com a totalidade do social: a da negação, a de uma identidade reflexa, a daquele que constitui não pelo que é, mas pelo que lhe falta (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.35).

Em outra perspectiva, do lado oposto, temos o “popular na cultura”, no qual os Românticos têm a expectativa de que com a afirmação da “alma popular, do sentimento popular, da imaginação, simplicidade e pureza populares quebre o racionalismo e o utilitarismo da Ilustração, considerada por eles causa da decadência e do caos social” (CHAUÍ, op.cit., p.17).

Martín-Barbero (op.cit., p.36) diz que é possível fazer outra leitura histórica do movimento romântico, diferente daquela que o acusa de ter deformado a Idade Média e de ser confundido com o melodramático e sentimental. Uma leitura atual possibilita “valorizar a ruptura que o movimento romântico introduz no espaço da política e da cultura”. Para este autor, “o interesse atual pelo movimento romântico

está ligado à crise de uma concepção da política como espaço separado, separado da vida e da cultura, convertida em atividade desapaixonada, um espaço sem sujeitos”.

Martín-Barbero destaca três vias de “descoberta” do povo pelos românticos, mas que não são convergentes. A primeira seria a “exaltação revolucionária” dotando o populacho de uma imagem que integra duas ideias, a de uma “coletividade que unida ganha força, um tipo peculiar de força, e a do *herói*, que se levanta e faz frente ao mal”. A segunda via seria o surgimento e a exaltação do “nacionalismo reclamando um substrato cultural e uma ‘alma’ que dê vida à nova unidade política, substrato e alma que estariam no povo enquanto matriz e origem telúrica”. Finalmente, a terceira via, que consiste na “reação contra a Ilustração a partir de duas frentes: a política e a estética”. A reação<sup>7</sup> política consiste na oposição à fé racionalista e ao utilitarismo burguês, que em nome do progresso transformaram o presente em caos, em uma sociedade desorganizada. Em consequência teremos uma “idealização do passado e revalorização do primitivo e irracional” (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.36).

Através dessas três vias o Romantismo “constrói um novo imaginário no qual pela primeira vez adquire *status* de cultura o que vem do povo”. Herder<sup>8</sup> coloca em igualdade, de forma relacionável, a poesia literária e a poesia dos cantos populares. Vem daí a importância histórica da posição romântica de “afirmação do popular como espaço de criatividade, de atividade e produção” (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.37). Sobre as críticas ao Romantismo assim se expressa este autor:

Frente a tanta crítica fácil e recorrente da concepção romântica do popular, na qual se faz tão difícil separar o que vem de uma percepção histórica dos processos daquilo que é proposto por um obstinado preconceito racionalista, é necessário afirmar com Cirese que “a posição romântica faz progredir definitivamente a idéia de que existe, para além da cultura oficial e hegemônica, outra cultura. A noção romântica do ‘povo’, cuja utilização conceitual é hoje refutada, foi então um instrumento positivo para o

---

<sup>7</sup> Esta reação não é necessariamente reacionária, é mais uma reação de desconcerto e fuga diante das contradições brutais da nascente sociedade capitalista. Também é reação de lucidez e crítica diante do racionalismo ilustrado e sua legitimação dos “novos horrores”. Esta reação também é chamada de “rebelião estética” (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.35-36).

<sup>8</sup> Martín-Barbero (2008) assinala como um bom exemplo sobre a mudança na idéia de cultura e do acesso popular a publicação de Herder em 1778 dos *Volkslieder*, em que apresenta como autêntica a poesia que vem do povo, “comunidade orgânica” e alguns anos depois escreve *Idéias para uma filosofia da história da humanidade*, na qual apresenta, dentre outras coisas, a necessidade de aceitar a existência de uma pluralidade de culturas.

alargamento do horizonte histórico e da concepção humana” (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.38).

Marilena Chauí (op.cit., p.18), diz que o imaginário romântico opera em um duplo registro, o da origem perdida e como resgate contra o capitalismo. O povo romântico, “sensível, simples, iletrado, comunitário, instintivo, emotivo, irracional, puro, natural, enraizado na tradição”, nasce por motivos estéticos, intelectuais e políticos.

Esteticamente, é a resposta do Romantismo ao Classicismo, a revolta da Natureza contra a ‘arte’. Intelectualmente, é a resposta dos sentimentos contra o racionalismo Ilustrado, a revolta da tradição contra o progresso das Luzes, do sobrenatural e do maravilhoso contra o “desencantamento do mundo”. Politicamente é a reação contra o império napoleônico, a afirmação da identidade nacional contra o invasor estrangeiro: a cultura popular ou popular na cultura torna-se alicerce dos nacionalismos emergentes (CHAUÍ, op.cit., p.19).

Ainda segundo Chauí (op.cit.) será através do Romantismo que teremos as principais características da cultura popular: o primitivismo (a cultura popular seria a retomada e preservação das tradições que necessitam do povo para não caírem no esquecimento), o comunitarismo (a criação popular é coletiva e anônima, uma manifestação espontânea da Natureza e do Espírito do Povo) e o purismo (o povo é o povo pré-capitalista, aquele que não foi contaminado pelo modo de vida urbano). Ressalta a autora que o Romantismo, ao assinalar “a bondade natural e a pureza sentimental do povo anônimo e orgânico, localiza a Cultura Popular: é guardiã da tradição, isto é, do passado” (Ibid., p.20).

*Folk*, *Volk* e *povo* são palavras que, pelos diversos corredores de sentido advindos de diferentes traduções, podem dificultar a visualização de suas diferenças e os diversos imaginários que acionam. *Folk* e *Volk* atrelam-se a sufixos nobres – *Folklore* e *Volkskunde* – que lhe dão um sentido de novo saber elaborado pelos folcloristas; ou seja, a ideia da diversidade das culturas com estatuto científico. Já a palavra *peuple* terá uma ligação com sentido político e pejorativo, o populismo.

*Folklore* apreende um “movimento de separação e coexistência entre dois ‘mundos’ culturais: o rural, configurado pela oralidade, as crenças e a arte ingênua, e o urbano, configurado pela escritura, a secularização e a arte refinada”. *Volkskunde* apreende a relação de “superposição – entre dois *extratos* ou *níveis* na

configuração 'geológica' da sociedade: um exterior, superficial, visível, formado pela diversidade, a dispersão e a inautenticidade, tudo isto resultado das *mudanças* históricas; e outro interior, situado debaixo, na profundidade e formado pela estabilidade e pela unidade orgânica da etnia, da raça". Enquanto que nos usos românticos, *folklore* significa a "presença perseguida e ambígua da tradição na modernidade, *Volk* significaria basicamente a matriz telúrica da unidade nacional 'perdida' e por recuperar" (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.39).

No decorrer da história, as relações entre povo-tradição e o povo-raça contêm entrelaçamentos que tanto os aproximam como os confundem. No entanto, estes dois imaginários possibilitam diferenciar o idealismo histórico, o historicismo<sup>9</sup>, de um racismo-nacionalismo telúrico em sua negação da história. Em relação ao uso romântico da palavra *peuple* refere-se a campesinato e massas operárias como um universo de sofrimento e miséria, uma parte da sociedade que a burguesia vê como uma permanente ameaça que "ao assinalar o intolerável do presente, indica o sentido do futuro" (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.39).

No que atrapalha esse modo romântico de pensar o popular? Responde-nos Martín-Barbero que o modo romântico de pensar o popular leva a mistificar a relação povo-Nação como se possuísse uma "alma" ou matriz, "constituída por laços biológicos, telúricos, por laços naturais". Sobre esta mistificação do popular pelos românticos diz Canclini que "os conflitos em meio dos quais se formaram as tradições nacionais são esquecidos ou narrados lendariamente como simples trâmites arcaicos para configurar instituições e relações sociais que garantam de uma vez por todas a essência Nação" (CANCLINI, *apud* MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.39). Em segundo lugar, seria a ambiguidade na forma de entender "cultura popular", pois ao mesmo tempo em que os românticos resgatam a atividade do povo na cultura, ressaltando o seu reconhecimento eles produzem o seu "sequestro" ao afirmarem que a originalidade da cultura popular

residiria essencialmente em sua *autonomia*, na ausência de contaminação e de comércio com a cultura oficial, hegemônica. E ao negar a circulação cultural, o realmente negado é o *processo histórico de formação do popular e o sentido social as diferenças culturais*: a exclusão, a cumplicidade, a dominação e a impugnação. E, ao ficar sem sentido histórico, o que se resgata

---

<sup>9</sup> O historicismo "situa no passado a verdade do presente, de um racismo telúrico em sua negação da história" (MARTÍN-BARBERO, op. cit., p.39).

acaba sendo uma cultura que não pode olhar senão para o passado, cultura-patrimônio, folclore de arquivo ou de museu nos quais conversar a pureza original de um povo-menino, primitivo (MARTÍN-BARBERO, op.cit. p.40).

A ideia de *povo* engendrada pelo movimento romântico será modificada ao longo do século XIX: “pela esquerda, no conceito de *classe social*, e pela direita, no de *massa*”. A transformação do conceito de povo em classe será de grande importância no debate entre os anarquistas e os marxistas. Os anarquistas conservarão ainda alguns traços dos românticos enquanto os marxistas farão uma total ruptura com os românticos e acabam recuperando características da racionalidade ilustrada. No entanto, tanto os anarquistas como os marxistas rompem com o *culturalismo* dos românticos ao colocarem uma dimensão política na ideia de povo. Uma dimensão que mostra a “relação no modo de ser do povo e a divisão da sociedade em classes, e a historicização dessa relação enquanto processo de opressão das classes populares pela aristocracia e pela burguesia”. Trocando em miúdos: Os marxistas e anarquistas compartilham de um entendimento do popular que,

[...] frente aos ilustrados, significa que a ignorância e a superstição não são meros resíduos, senão efeitos da “miséria social” das classes populares, miséria que por sua vez constitui a contraparte vergonhosa e ocultável da “nova sociedade”. E frente aos românticos, isso implica descobrir na poesia e na arte populares não uma “alma” atemporal, mas as pegadas corporais da história, os gestos da opressão e da luta, a dinâmica histórica atravessando e fendendo o enganosamente tranquilo gerar-se da tradição (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.42).

A concepção de popular nas esquerdas terá divisões radicais. Os anarquistas conservarão o conceito de povo porque há coisas que o conceito de classe oprimida não dá conta de enunciar e, se fosse o caso de localizar a concepção anarquista, pode-se dizer que se situa entre a afirmação romântica e a negação marxista. A verdade e a beleza “naturais” que os românticos desvelaram no povo se transformam em “virtudes naturais” configuradas em seu “instinto de justiça”, sua crença na Revolução como a única via para conquistar a “sua dignidade” (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.43).

Martín-Barbero considera um ponto crucial na diferença entre anarquistas e marxistas: a *memória do povo* ou mais especificamente a memória de suas lutas.

Os anarquistas concebem suas formas de luta em *continuidade* direta com o longo processo de gestação do povo. Já os marxistas que rejeitam o uso teórico de “povo” por ser ambíguo e mistificador e o substitui pelo de proletariado, colocando em primeiro plano as rupturas nos modos de luta implicadas nas rupturas nos modos de produção.

A continuidade para os libertários não é apenas uma tática, mas a sua estratégia, isto é, significa pensar a ação política como uma atividade de articulação dos diferentes modos de lutas engendradas por diferentes sujeitos oprimidos que são capazes de resistir, desde crianças até os velhos, as mulheres, os delinquentes. Seria então uma questão de valorizar a luta cotidiana, que o marxismo, de acordo com Castoriadis, tem se mantido cego (MARTÍN-BARBERO, op.cit.).

Será através da memória das lutas que os anarquistas se ligam à cultura popular. Sua percepção de cultura é um terreno não só de manipulação, mas também de conflito e possibilidade de transformar em meios de liberação as diferentes práticas culturais. Na estética anarquista há a luta contra tudo que separe a arte da vida; mais do que nas obras,

a arte reside *na experiência*. E não na experiência de alguns homens especiais, os artistas-gênios, mas mesmo na do homem mais humilde que sabe narrar ou cantar ou entalhar a madeira. Os anarquistas são contra a obra-prima e os museus, mas não por serem “terroristas” ou por um “insano amor pela destruição”, como pensam seus críticos, mas por militarem em favor de uma *arte em situação*, concepção decorrente da transposição para o espaço estético do seu conceito político de “ação direta” (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.45).

A estética anarquista, de acordo com Martín-Barbero, é romântica quando proclama a arte baseada na espontaneidade e na imaginação, mas também anti-romântica porque não concebe a arte como a expressão de uma subjetividade individual; o que vai torná-la autêntica será a sua capacidade de expressar a voz coletiva. Será a percepção anarquista que levantará uma nova problemática cultural advinda das relações entre arte e tecnologia, sendo este um aspecto fundamental das reflexões de Walter Benjamin anos depois.

Os marxistas “ortodoxos” negarão tanto a validade teórica como política da concepção de povo dos anarquistas. A explicação da opressão e a estratégia de luta se situam apenas no aspecto econômico. Todos os outros planos ou níveis se

organizam e adquirem sentido a partir das relações de produção e no contexto de uma sociedade capitalista, a ideia de povo seria mistificadora e enganosa. Os marxistas consideram “superada” a ideia de *povo*. Para eles, não cabem mais atores populares que a classe trabalhadora, nem mais conflitos que os que provêm dos choques entre capital e trabalho, nem mais espaços que os da fábrica e do sindicato, e ainda uma visão heróica da política que, diferentemente dos românticos, deixa de fora o mundo da cotidianidade e da subjetividade.

O. Sunkel (apud Martín-Barbero, op.cit.), analisando esta questão “superada” do popular pelos marxistas ortodoxos, afirma que produz uma dupla negação: a não-representação e a repressão. O *popular não-representado* é o conjunto de atores, espaços e conflitos que, embora aceitos socialmente, não são interpelados pelos partidos políticos de esquerda, tais como a mulher, o jovem, os aposentados, os inválidos enquanto portadores de reivindicações específicas; espaços como a casa, as relações familiares, o seguro social, o hospital, etc. Outro tipo de popular não-representado, constituído pelas tradições culturais tais como as práticas simbólicas da religiosidade popular, os diferentes tipos de conhecimento produzidos a partir da experiência, como a medicina, a cosmovisão mágica ou a sabedoria poética, tudo o que se refere às práticas festivas, as romarias, as lendas e, finalmente, o mundo das culturas indígenas (MARTÍN-BARBERO, op.cit.).

O *popular reprimido* é o conjunto de atores, espaços e conflitos que tem sido condenado a ficar à margem do social, sujeito a uma “condenação ética e política”, como as prostitutas, os homossexuais, os alcoólatras, os drogados, os delinquentes, entre outros; espaços como reformatórios, os prostíbulos, os cárceres, os lugares de espetáculos noturnos.

Para Martín-Barbero, essa negação do popular não é só uma questão de temas, não se restringe ao desconhecimento ou à condenação de determinados tipos de temas ou problemas, mas explicita a dificuldade do marxismo ortodoxo para pensar a ideia da alteridade cultural. A ânsia de explicar a diferença cultural pela diferença de classe impedirá a consideração da especificidade dos conflitos que articula a cultura e os modos de luta, pois não é possível remeter todos os conflitos a uma só contradição e analisá-los a partir de uma só lógica, a lógica interna da luta

de classes. Por isso, para avançarmos nessa reflexão, é importante retomar esta questão a partir das relações entre cultura e modernidade.

Benjamin foi um pensador preocupado em pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, ou seja, as mudanças no *sensorium* dos modos de percepção, da experiência social. Ele vê no capitalismo moderno a consumação da destruição da experiência sensível dos homens. Benjamin, constatando a dificuldade da sociedade capitalista moderna em intercambiar experiências, assinalou que

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, não tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca (BENJAMIN, 1994, p.198).

A experiência da guerra tornou-se humanamente impossível de ser transmitida por aqueles que lá estiveram. O choque da guerra e a memória traumática impossibilitaram a linguagem cotidiana e a narração tradicional de assimilar o choque e inviabilizou a narração da guerra por seus soldados.

Esse autor nos instiga a pensar sobre o empobrecimento da experiência na época moderna e as consequências do capitalismo na vida dos homens. As condições de produção marcam de forma decisiva não somente o cotidiano, mas também os modos de expressão cultural e os modos de percepção. Assim, na medida em que ocorre o declínio da experiência, a memória comum, que é transmitida pela arte de narrar, é destruída pela rapidez e violência das transformações capitalistas, e a linguagem é transformada em instrumento, coisa, mercadoria.

Na sociedade pré-capitalista, principalmente, na atividade artesanal o ritmo era lento e sem a fragmentação do trabalho, o que proporcionava o tempo para contar. Para Benjamin, as condições de transmissão de uma experiência plena não existem mais na sociedade capitalista, uma vez que,

"[...] pode-se dizer que com o avanço do sistema capitalista, principalmente a partir do século XIX, esgarça-se, cada vez mais, a vida coletiva, o respeito aos mais velhos, a cadeia temporal. Passa a predominar o que chama de *vivência*, ou seja, o despojamento da imagem de si e do outro, a liquidação da memória, quando o passado deixa de ser referência de continuidade e os

indivíduos, como *massa*, como *a nova horda dos novos bárbaros*, atropelam-se na vertigem de um tempo fugaz e se dispersam na busca solitária e atordoante do *novo* como o *sempre igual*" (GALZERONI, 2004, p.289-290. grifo da autora).

Benjamin em seus escritos de 1930 revisitando a figura do narrador, "[...] demonstra o enfraquecimento da 'experiência' intercambiada pelo narrador, no mundo capitalista e, ao mesmo tempo, o predomínio do que chama de 'vivência'" (GALZERONI, 2009, p.54). O ritmo acelerado dessa sociedade, a forma de organização produtiva e as invenções tecnológicas isolam o trabalhador do contato com os demais trabalhadores (GALZERONI, op.cit., p.54). Cada trabalhador encontra-se limitado ao espaço de sua sala ou ainda à parte que lhe cabe do processo global de trabalho. A impossibilidade de trabalhar ao lado dos demais trabalhadores, bem como, o ritmo alucinado das máquinas e da produção em série dificultam a transmissão de experiências.

A natureza da verdadeira narrativa constitui-se em uma norma de vida, um ensinamento, um provérbio, um conselho, ou seja, o narrador sabe dar conselhos. Mas, se "dar conselhos" parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, "não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros" (BENJAMIN, 1994, p.200).

Apesar da constatação do fim da narrativa tradicional, Benjamin vislumbra uma nova narração, "uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas" (GAGNEBIN, 2001, p.90).

Para Benjamin, a memória é a "musa da narrativa", é a "mais épica de todas as faculdades". É a resignificação das experiências vividas, um cenário onde se entrecruzam o passado e o presente, mas não como saudosismo, nem como repetição do que passou, mas com significados e sentidos ambivalentes, com inúmeros corredores de sentido, interpenetrando o consciente e o inconsciente. Para Benjamin, "a memória é crítica, é afetiva: ela articula sempre, por um ato de vontade, elementos voluntários e involuntários" (GALZERANI, 1997, p.103), instaurando uma nova ligação entre o passado e o presente. Rememorar é, portanto, transformar o presente de modo que ao reencontrar o passado ele seja retomado e transformado.

A memória é viagem no tempo com passagem de ida e volta. Benjamin, apoiando-se em Aristóteles, reconhece que o registro mnemônico em si não tem valor, pois os animais e os computadores também têm essa capacidade. O salto qualitativo para o homem contemporâneo é a rememoração (*anamnesis*) sempre a partir do presente, e ao invés de repetir aquilo que se lembra, detém-se nas brechas, no esquecido, no recalçado, ou naquilo que ainda não teve direito de lembrar ou de dizer (GALZERANI, 1997, p. 102).

A rememoração é, então, uma atenção precisa ao *presente*, especialmente às que prorrompem do passado no presente. Não se trata somente de não esquecer o passado, mas de agir sobre o presente. Ser fiel ao passado, não como um fim em si mesmo, mas com o objetivo de transformar o presente (GAGNEBIN, 2001).

Os acontecimentos vividos são encerrados no presente. Mas quando lembramos de um acontecimento nos lembramos de muitas coisas que vieram antes e depois, esse acontecimento nos leva a outras lembranças vividas, passadas, guardadas, ou esquecidas. Benjamin, em seu ensaio "A imagem de Proust" (1994, p.36), assinala que Proust não escreveu sobre uma vida de fato como ela foi, mas sim uma vida lembrada por quem a viveu, mas o importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração. O importante para quem rememora não é a exatidão do que foi vivido mas o "tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência". Não é o fato ou o acontecimento que chama a atenção e, sim, as circunstâncias, as sensibilidades, os espaços, os vazios, que permeiam a rememoração. Rememorar para Benjamin não é devaneio ou fuga ao passado, mas um agir sobre o presente.

As mudanças que Benjamin estudou foram aquelas produzidas pela dinâmica convergente das novas aspirações da massa e as novas tecnologias da reprodução, e para ele "a nova sensibilidade das massas é a da *aproximação*" (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.82). Esse novo *sensorium*, o que se expressa e se materializa nas técnicas torna possível outro tipo de existência das coisas e o acesso a elas:

A morte da aura na obra de arte fala não tanto de arte quanto dessa nova percepção que, rompendo o envoltório, o halo, o brilho das coisas, põe os homens, qualquer homem, em posição de usá-las e gozá-las. Antes, para a maioria dos homens, as coisas, e não só as de arte, por próximas que estivessem, ficavam sempre longe, porque um modo de relação social lhes fazia parecer distantes. Agora as massas sentem próximas, com a ajuda das

técnicas, até as coisas mais longínquas e mais sagradas (MARTÍN-BARBERO, op.cit., p.82).

Para Benjamin (1994, p. 192) a massa possui uma atitude diferente diante da obra de arte. "A quantidade converteu-se em qualidade. O número substancialmente maior de participantes produziu um novo modo de participação". Entretanto, tal modificação não deve induzir ao erro de afirmar que as massas buscam na obra de arte *distração*, enquanto que o conhecedor a aborda com *recolhimento*. Nesse raciocínio, a obra de arte seria então objeto de diversão para as massas e para o especialista, "objeto de devoção". A distração e o recolhimento possuem uma distinção: aquele que "se recolhe diante de uma obra arte mergulha dentro dela e nela se dissolve, como ocorreu com um pintor chinês, segundo a lenda, ao terminar seu quadro". De forma distinta do conhecedor "A massa distraída, faz a obra mergulhar em si, envolve-a com o ritmo de suas vagas, absorve-a em seu fluxo" (BENJAMIN, op.cit., p. 193). A recepção "distraída" das massas, para Benjamin, é diferente, mas não inferior. A obra de arte, pela sua reprodutibilidade técnica e de diferente acesso é absorvida pelas massas por uma relação contínua de proximidade e hábito como é o caso da arquitetura, pois "os edifícios acompanham a humanidade desde a sua pré-história. Muitas obras de arte nasceram e passaram, mas a arquitetura nunca deixou de existir uma vez que "a necessidade humana de morar é permanente".

Os edifícios comportam uma dupla forma de recepção: pelo uso e pela recepção. Em outras palavras: por meios táteis e óticos. Não podemos compreender a especificidade dessa recepção se a imaginarmos segundo o modelo de recolhimento, atitude habitual do viajante diante de edifícios célebres [...] A recepção tátil se efetua menos pela atenção que pelo hábito. No que diz respeito à arquitetura, o hábito determina em grande medida a recepção ótica. [...] As tarefas impostas ao aparelho perceptivo do homem, em momentos históricos decisivos, são insolúveis na perspectiva puramente ótica: pela contemplação (BENJAMIN, op.cit., p. 193).

Benjamin, apesar de considerar que as novas formas de produção da obra de arte, em especial a fotografia e o cinema tinham modificado substancialmente as antigas referências da obra de arte, também observou o quanto elas induziam a uma fruição reificada. Sobre a potencialidade da cultura de massa, viabilizada pela

reprodutibilidade técnica na época moderna, Benjamin projeta uma visão positiva da cultura de massa, pois esta poderia se constituir em uma fonte de emancipação.

Quais as sensibilidades que operam no programa *Certa Vez...* e os causos do Geraldinho? Chegamos ao final deste capítulo com muito mais indagações que respostas. Mas arriscamos dizer que, quando escolhemos o título para esse capítulo "*A nostalgia do Programa Certa Vez*" foi porque as análises que fizemos no capítulo anterior, intitulado "*Certa Vez... aqui a gente informa, se interte e se diverte*", explicitaram os ideais românticos propagados pelo programa. No entanto, de nada contribui para a pesquisa simplesmente colocar uma etiqueta no programa, como a de "romântico". O que nos propomos foi, através desse estudo, pensar as experiências e narrativas na contemporaneidade a partir dos causos do Geraldo e do conteúdo do programa *Certa Vez...* nos inspirando em Benjamin, que nos alerta sobre a importância capital de uma "história da recepção", e que é necessário superar o historicismo sem anular a história e uma dialética do passado-presente sem nostalgias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais paradoxal que possa parecer, nestas considerações finais, o que primeiro surgiu foram dúvidas, muitas dúvidas, e também perguntas, algumas sem respostas e o receio de que algumas delas não pudessem ser esclarecidas com a simplicidade que gostaríamos que tivessem e que a pesquisa acadêmica possibilita.

Mergulhar num campo de pesquisa acadêmica, trabalhando com uma temática que tínhamos, ou ainda temos em parte, uma relação quase umbilical não é tarefa das mais fáceis. Falar de cultura popular na contemporaneidade, afinar o referencial teórico e tentar criar uma narrativa, senão literária, mas que tenha coerência é de tirar pica-pau do toco!

Fomos atrás de pistas, de clarões, abrimos picadas na direção de novas possibilidades de lampejos, no mundo contemporâneo, que pudessem se expressar como alternativas de narrativas possíveis no contexto dito moderno. A nossa ferramenta para tentar refletir sobre a produção da tradição, de alternativas de narrativas, de nosso romantismo em relação ao popular, do gosto pelas coisas do campo, da simplicidade, das sensibilidades e visão de mundo, nossa ingenuidade, foi o programa de rádio *Certa Vez...*

Meio no escuro, fomos percebendo, através da pesquisa, o quanto tínhamos a apreender, a refletir sobre nosso "romantismo", e chegar, senão a uma conclusão, mas pelo menos perceber que esse popular, essa tradição, tem origens remotas e que o popular não é tão puro assim como imaginávamos. Mas mesmo assim

tocávamos a barca da vida e a produção do programa em frente, e tínhamos companheiros de viagem: o ouvinte.

Não entendíamos direito porque a temática do programa fazia ecoar no imaginário dos ouvintes esse mesmo romantismo e essa ingenuidade. O ouvinte se mostrava simpatizante do que dizíamos no ar, do que defendíamos, do que criticávamos na sociedade tensa e sua realidade circundante. Não tínhamos idéia, antes da nossa pesquisa, que os meios de comunicação de massa, como o rádio, padronizam condutas. Estávamos adestrando, sem saber, ou por ingenuidade, os ouvintes?

Os meios de comunicação de massa operam com elementos da cultura popular, mas também não podemos esquecer que Beto Guiz e Marcos Recchia, enquanto agentes, eram também receptores. Assim, também "contaminados" pela cultura de massa operávamos com elementos da memória, com os fragmentos desta memória e criávamos empatia como o público ouvinte ressaltando de forma idealizada o mundo rural.

Sobre Geraldo Nogueira, tínhamos uma modesta intenção de apresentá-lo para a comunidade acadêmica, e percebemos as dificuldades de saída. Não encontramos pesquisas, ou estudos e acabamos por concluir que não existe quase nada do Geraldo em termos de pesquisa, que estávamos sem referências, que nenhum pesquisador escolheu o caboclo Geraldo como tema de investigação. Transcrever os causos do Geraldo, não foi a minha intenção de trabalho inicialmente. Não me propus a analisar o Geraldo, ou os causos dele e talvez isso possa ser feito na continuidade dos meus estudos.

As descobertas, as perguntas da minha pesquisa foram suscitadas pelo esfacelamento do homem social dito moderno, pela contundência da cultura de massas, pelo desaparecimento das tradições, pelo "degenerativo" do "moderno", que foram discutidas a partir das análises dos programas de rádio *Certa Vez...*

Como últimas palavras registramos que a produção da cultura e, especificamente, a cultura popular nunca está separada das condições materiais de existência e que precisamos atentar para essa trama, pois nem toda a assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa também não é resistência. A resistência nos conduz a brechas para que

visualizemos uma circularidade entre as culturas chamadas subalternas e hegemônicas, as culturas orais e escritas, cultura popular e "aristocrática"... Esse movimento é fecundo em possibilidades para a construção de novas práticas culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. **Obras escolhidas**. Vol II. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paul Rouanet. 7ed<sup>a</sup>, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.1)

\_\_\_\_\_. A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução. In: Benjamin, Walter; Adorno, Theodoro & Goldman, Lucien. **Sociologia da Arte IV**. Org. Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Memória e esquecimento: linguagens e narrativas. In: BRESCIANI, Stela & NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração. In: **Anais do III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História**. Campinas, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. **O almanaque, a locomotiva da cidade moderna**: Campinas, décadas de 1870 e 1880. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Memória, história e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org). **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Imagens Entrecruzadas de Infância e de Proteção de Conhecimento Histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. 3 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MARTÍN-MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 3. ed. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Por uma sociologia crítica**: um ensaio sobre senso comum e emancipação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

BRESCIANI, Stela & NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DELEUZE, Gilles.(1990) **Conversações**. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**: Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 5. Trad. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V**; Ética, sexualidade, política. Trad. de Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **Autoridade e tradição**: as imagens do velho e do novo nas relações educativas. São Paulo: Summus, 1999.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso sobre a Servidão Voluntária**. Curitiba. Ed. Revista dos Tribunais. 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. São Paulo: Rocco, 1943.

LOPES, Fátima Faleiros. **A cidade e a produção de conhecimentos histórico-educacionais**: aproximações entre a Campinas moderna de José de Castro Mendes e a Barcelona "modelo". Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, SP, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Boom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MORIN, Edgar. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NIETZCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da Tragédia**. Obras incompletas. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil III** (República: da Belle Époque à Era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil III** (República: da Belle Époque à Era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa** – Educando o Profissional Reflexivo de Donald A. Schön. Porto Alegre. Artmed 2001.

## ANEXOS

---

## **CERTA VEZ... UM PROGRAMA DA NOSSA TERRA**

### **PROGRAMA DE 24/01/04**

*(Abertura tradicional modinha de viola)*

LOCUTOR 1 - Nasceu na roça e com os ensinamentos rudimentares do seu pai aprendeu que todos devem ser solidários. Na roça é assim e isso funciona como uma troca de gentilezas.

Todos os seus familiares que conseguiram algo na vida estavam em São Paulo. Uns juntaram bens materiais e outros amealharam formação intelectual. Era nestes seus parentes que Zé dos Anzóis sempre se espelhava e cresceu com o pensamento voltado para o dia em que completaria a maioridade, pois nesta data iria comprar uma passagem no primeiro pau-de-arara que o agente Edgar enviasse para São Paulo. São Paulo: um mar de esperanças. O eldorado que realizaria o sonho de consumo daquele menino criado na roça e que tinha na viagem para lá o seu principal objetivo de vida.

Trabalhou duro, de sol a sol, no cultivo de feijão, no trato de mandioca, na despalha de milho. Queria e precisava de uma reserva para o tão esperado dia. Completou dezoito primaveras no mesmo ano em que o lugar sofria por conta de uma terrível seca. Não havia mais como permanecer nas suas lides rurais. Como se emancipara, podia tocar seu caminho ao seu bel-prazer. Nem mesmo o amor que tinha por Paraíso lhe prendia mais naquela terra. Temendo acabar a sua pequena fortuna amealhada ao longo da sua adolescência, resolveu partir. Foi em busca de Edgar e comprou uma passagem de pau-de-arara para a capital metropolitana. A viagem se estendeu por longos dez dias num sacolejar enlouquecedor. Quando enfim o veículo alcançou a rodoviária do Brás, a sua bunda já estava tão calejada que o sonhador não conseguia mais sentar.

Desembarcou, iludido pela crença de encontrar emprego facilmente, porém ralou e penou sem nada encontrar. Vagou pelas ruas de São Paulo numa fria noite de início de inverno. Entrou no primeiro botequim que encontrou a fim de tomar um trago para aliviar o cansaço e dar um rumo para a sua vida nova. Ao encostar-se no balcão sujo, notou que alguém lhe observava. Temeu por sua vida. Havia escapado dos perigos nos muitos quilômetros de estrada de terra em busca de um sonho e ao chegar seria alvo de um pesadelo. O que fazer naquele momento? Investiu-se de coragem e, mesmo cansado, falou alto com seu sotaque carregado. O sujeito que lhe observava se aproximou e puxou conversa, descobrindo que eles foram amigos de infância e costumavam praticar mergulho no açude municipal. E foi o amigo quem lhe encaminhou para uma construtora onde já trabalhava. No dia seguinte seria o seu primeiro dia de labor como servente de pedreiro – profissão que ele desconhecia, mas que logo aprenderia, devia ser parecido com limpeza de mandioca e plantio de feijão, pois tudo era feito no cabo da enxada. E o primeiro serviço seria a construção de um muro alto na casa de um político influente da capital. Tudo seguia o seu ritmo normal quando soou a sirene anunciando a hora do almoço. Dirigiu-se ao improvisado refeitório e não encontrou a sua marmitta. Um colega lhe avisou que havia visto um cachorro bonito e grande a degustar o seu almoço com um certo prazer até.

- Até cachorro de rico sente prazer em maltratar os pobres. – Pensava ele enquanto buscava uma solução para o seu dilema.

Dirigiu-se com humildade até a cozinha, onde uma negra gorda preparava quitutes para o almoço dos patrões e relatou o seu padecimento. A cozinheira, em desespero, ligou para o poderoso líder e lhe narrou o acontecido. O servente queria apenas um prato de comida para saciar a fome que embrulhava o seu estômago. Ao retornar do telefone, a cozinheira foi curta e grossa: - Além de falar com o patrão, liguei também para o veterinário. É provável que esta sua comida faça mal ao nosso cachorrinho.

E ele ali a lembrar dos ensinamentos do seu saudoso pai...

LOCUTOR 2 - Mas isso é coisa séria hein Compadre Guiz, comé que tem gente que ainda trata as pessoas mais humildes desse jeito?

LOC.1 - Pois é compadre, esse causo fala da falta de sensibilidade, da insensatez com que muitas pessoas agem!!

LOC.2 - É verdade, são pessoas que não sabem o que é a simplicidade, o que é a essência do homem de bem, não é verdade Compadre Guiz?

LOC.1 - Óia, o Sr. agora falô bonito e pra miorá só com moda da terra nas orêia!

LOC.2 - É, vai ser de esquentá o fio da vitrola !!!

LOC.1 - Pois intão vamo de Renato Teixeira e Almir Sater !

LOC.2 - Então vamo botá pra rodar Caminhando com Almir Sater !

LOC.1 - E essa Música é um pedido de um ouvinte né Compadre Recchia!!

LOC.2 - Bem Lembrado, o meu amigo e ouvinte Sidnei Sens o Sidão Véio De Guerra, amigo e irmão camarada, está oferecendo está música para o Seu filho Sidemar, outro caboclo dos graúdo, gente boa como são os Sens os Uchôa, um abração pra tudo ocêis!!!

LOC.1 - Vamo simhora intão, é moda que vai se de afroxá os pé da cadeira.

LOC.2 - Desse a madeira nessa moda aí sôr.

*Música - Caminhando (3.03 min) Faixa 02 - CD Almir Sater.*

LOC.1 - Que modão hein, , mas compadre Recchia, vamo sortá umas dicas de saúde pra nossa companheirada que tá ouvindo o Certa Vez?

LOC.2 - Bem lembrado compadre! O Sr. vai divurgando aí que nós vamo escuitando!

LOC.1 - É pra já, e o negócio é o seguinte: se você quer prevenir as queimaduras de sol, o Suco de Cenoura, puro ou misturado com outros, vai ajudar a proteger a pele contra o sol, e ainda você vai ficar lindão, com um bronzeado saudável. Mas mesmo que tome o suco não deixe de usar protetor solar, e cuidado pra não fritar o couro, porque senão você vai ficar que nem um camarão pistola ao bafo, sem o bafo!

LOC.2 - Então vamos passar agora , sugestões de chás e seus benefícios. Por exemplo: para os males de afecções das vias urinárias e para dores lombares, você pode recorrer sempre e sem medo, do Carrapicho, que as dores vão diminuir com certeza.

LOC.1 - E se você esta com diabete, colesterol fora dos conforme, e inflamações na garganta, você tá sarvo, porque existe na Mãe Natureza o Cajueiro, que acaba loguinho com esses males que afligem a gente.

LOC.2 - Êta belezura cumpadre, essas dicas são muito importantes não é mesmo, é tiro e queda, a Natureza é uma beleza com certeza!!! Excelente Maravilha!

LOC.1 - Se é, mas cumpadre vamo sapecá agora uma receita aqui no Certa Vez porque já tá na hora!!! Vamo manda pro nosso ouvinte a receita da semana?. O Sr. sabe que uma boa alimentação é um dosezinha de uma boa pinguinha, na dose certa vira remédio!!!

LOC.2 - Ô se é, mas sem exagero né!! Então é o seguinte: é a receita de Batata Assada com Frango e Alecrim. Modo de preparo:

1. Ligue o forno em temperatura média (180 graus).
2. Lave bem as batatas e embrulhe, uma a uma num pedaço de papel alumínio. Leve ao forno pré-aquecido e deixe assar por aproximadamente 45 minutos ou até que fiquem macias.
3. Enquanto as batatas estão assando, comece a preparar o recheio. Coloque o filé de frango sobre uma tábua e corte em tiras (0,5 cm) e as tiras em cubos (0,5 cm). Vai ficar com uma aparência de frango "triturado".
4. Pique a cebola e o alho finamente.
5. Coloque metade da manteiga numa panela e leve ao fogo baixo para esquentar. Junte a cebola e o alho e mexa bem. Refogue por 3 minutos ou até a cebola ficar transparente.
6. Acrescente o frango picado à panela e mexa bem. Deixe cozinhando até o frango ficar douradinho. Esta etapademora um pouco (cerca de 10 minutos).
7. Quando o frango estiver dourado, tempere com sal, pimenta-do-reino e alecrim. Mexa bem e desligue o fogo.
8. Quando as batatas estiverem prontas, retire do forno. Jogue fora o papel alumínio. Corte uma "tampa" da batata no sentido horizontal, cerca de 1/3 da parte de cima da batata.
9. Com uma colher de sobremesa, retire o miolo das batatas com cuidado para não furar a casca. Numa tigela misture o miolo da batata, o requeijão, o frango e o alecrim.
10. Divida este recheio em duas partes e, com a ajuda de uma colher, coloque cada metade numa batata. Polvilhe o queijo parmesão, cubra com a tampa e leve ao forno para esquentar.
11. Retire do forno e sirva a seguir, e vai muito bem com uma salada verde.

LOC.2 - Tá feito o carroto. Vamos pra frente, e hoje já que tamo falando de comida vamos passar uma dica para quem quiser dar um toque especial naquele vidro de azeite que você tem, usa e gosta de saborear.

LOC.1 - Com certeza cumpadre, e uma dica destas vai na direção daquilo que chamamos de uma boa alimentação não é mesmo Cumpadre Recchia?

LOC.2 - Claro, toda vida!! Então companheiro sorta o verbo aí!!!

LOC.1 - Então é o seguinte: Lá vai... Um simples galho de alecrim no azeite pode fazer a maior diferença. Quem gosta de temperar a salada com molho a base de azeite de oliva pode dar um toque ainda mais especial ao colocar no vidro do azeite, um galho de alecrim fresco, um dente de alho, uma pimenta de cheiro ou malagueta ou as ervas e especiarias que mais gostar. Para começar, escolha um vidrinho pequeno, assim você não precisa aromatizar uma embalagem inteira de azeite!

LOC.2 - Então tá aí a receitona das bem boa mesmo e as dicas de como aromatizar um azeite com o saudável alecrim, aqui no nosso programa Certa Vez.

LOC.1 - Então pra completar vamos ouvir Meu Paraná e essa e daquelas de quem sabe o que é a boa música brasileira e é uma composição do Lápis!

LOC.2 - Vamos prestar atenção na música que fala do Paraná, estado onde vive um povo de gente trabalhadora e honesta e quem canta e o Grupo Viola Quebrada .  
Sorta o botão dessa aí Nhô Gabriel

*Música - Meu Paraná (3.52 min) - Faixa 11 - CD Sertaneja.*

LOC.1 - Êta coisa boa cumpadre! Belezura de moda, mas o compadre, o Sr. tá percebendo que já tamo na horinha do nosso primeiro intervalo?.

LOC.2 - É verdade compadre, e o tempo não para !

LOC.1 - Mas então o Sr. monte um mate daqueles e vamo saborear!

LOC.2 - Com certeza e um bom mate de uma boa erva e coisa muito saudável, não e verdade?

LOC.1 - Mas intão tá feito o carreto, vamo pro intervalo e daqui a pouco, depois do Mate, tamo de vorta!

Intervalo 1

LOC.1 - Cumpadre Recchia tamo de vorta do intervalo. Vamo fala mais um pouco sobre a Natureza a serviço da Saúde pros ouvintes do Certa Vez?

LOC.2 - Mais cráro compadre Guiz, o Sr. conta pra nós aí o que é que vai ser!

LOC.1 - É o seguinte, vamos passar mais umas dicas de ervas medicinais que têm todas as propriedades curativa de que necessitamos, é só saber usar.

Se você precisar estiver precisando de um energético físico e mental, um revitalizante, não se esqueça que na Natureza tem Guaraná, que é bom pra tudo isso. Então, não perca mais tempo e aproveite!

Já a Manjerona você pode usar como analgésico, expectorante, e para cólicas.

A mudança brusca de temperatura ocasiona males de efeitos variados, dentre eles o resfriado, mas existe a Laranja Folha que é um excelente estimulante sedativo, é muito bom para abaixar a febre e também combate os males da gripe.

E não se esqueça de contar com a Baleeira que combate o reumatismo, artrite, e dores musculares.

E a Natureza oferece também o Capim Limão, que é um sedativo, ótimo para quem sofre de insônia, alcoolismo, asma e hepatite.

LOC.1 - Excelente Maravilha sô!! Que tar Compadre Recchia?

LOC.2 - Excelente Maravilha. È a natureza e isso aí né compadre?

LOC.1 - É verdade! Quem tem a cura para todos os males é a nossa Mãe Natureza mesmo, e é uma pena que estejam judiando tanto dela assim!!.

LOC.2 - É verdade, mas então vamos tocar uma musica boa pra todo mundo que tá escutando o programa apreciar.

LOC.1 - Então vamos relembrar mais uma da Dupla Leo Canhoto e Robertinho que vão desenvolvê a música que se cahama Fofinha

LOC.2 - Então ô da radiola, tá com você, aperte a Fofinha aí pra gente!!

*Música - Fofinha (2.46 min) - Faixa 08 - CD Leo Canhoto e Robertinho.*

LOC.1 - Êta belezura o Leo Canhoto e Robertinho com sua boa música aqui na Paraná Educativa!

LOC.2 - É isso aí, né cumpadre? Mas que tar o Sr. aproveitar o clima e sorta uma daquelas piadinhas do nosso caboclo brasileiro?

LOC.1 - Verdade cumpadre, deixa comigo que eu tenho uma boa aqui, é o seguinte: O caipira, muito pão-duro, recebe a visita de um amigo. A certa altura da conversa, o amigo pergunta: "- Se ocê tivesse seis fazenda, ocê me dava uma?" "- Claro, uai!" "- Se ocê tivesse seis carro, ocê me dava um?" "- Claro!" "- E se ocê tivesse seis camisa, ocê me dava uma?" "- Não!" "- Porque não?" "- Porque eu tenho seis camisa!"

LOC.2 - Tá certo Cumpadre, esse é o nosso jeito caboclo de ser !! Mas vamos em frente ?

LOC.1 - De pleno acordo cumpadre, mas intão vamo em frente, que Tal a gente botar mais uma do Almir Sater a pedido do nosso ouvinte Sidney Sens?

LOC.2 - Então vamo bota pra rodar a linda música Moreninha Linda !!

LOC.1 - E essa é especiar cumpadre Recchia, e quem canta é o nosso grande violeiro Almir Sater!

LOC.2 - Vamo simbora. Sorta a Moreninha Linda pra cantar aí cumpadre Gabriel.

*Música - Moreninha Linda (3.58 min) - Faixa 04 - CD Almir Sater.*

LOC.1 - Que tar essa música hein cumpadre? Essa é do tempo que os Afonsinho andavam de mão dada né?

LOC.2 - Ô se é!! Mais ô cumpadre, que tar a gente pegar um vale transporte do saber e ir pra mais um bairro de Curitiba?

LOC.1 - E qual é o Bairro da Semana?

LOC.2 - É a história do Bairro Pinheirinho !!!

LOC.1 - Beleza, o Sr. prega o verbo aí cumpadre Recchia?

LOC.2 - Deixa comigo Cumpadre Guiz !

História do Bairro:

A Fazenda Pinheirinho localizava-se numa região que era conhecida, no começo do século XIX, como Capão do Alto, formada por campos e capões, cortados por pequenos arroios, e com a presença esparsa de pinheiros (de onde viria a tirar o seu nome). O bairro Pinheirinho, formado, no passado, por várias fazendas de gado, era chamado pelo nome "Capão dos Porcos" devido à grande criação desses animais, que passavam todos os dias pela atual via rápida, antigamente rua Olho D'água. A Avenida Winston Churchill, sua principal via de acesso, era conhecida como "Carrerão dos Pretos".

LOC.1 - Isso é uma beleza hein cumpadre Recchia, taí o Bairro do Pinheirinho né?

LOC.2 - É verdade, é a nossa Cidade e seus bairros pra todo mundo conhecer né cumpadre?

LOC.1 - Pois é, e quando a gente falar de todos os bairros, daí vamos começar a contar um pouco da história dos Municípios do estado do Paraná?

LOC.2 - É certo cumpadre Guiz, então vamos contar mais um pouco sobre a história da nossa rica cultura brasileira através da música, e ouvi mais uma moda aqui na Paraná Educativa?

LOC.1 - Tá certo Vivente!!! Vamo bota pra rodar mais uma! A música se chama Chalana de Mario Zan e Arlindo Pinto do e é uma moda cantada pelo mestre Almir Sater.

LOC.2 - Deixe a Chalana navegar Compadre Gabriel. Vai ouvindo...

*Música - Chalana (3.11 min) - Faixa 06 - CD Almir Sater.*

LOC.1 - Depois dessa musicona, vamos passar pro nosso ouvinte uma receita de Suco pra todos aproveitarem o nosso verão?

LOC.2 - Craro, vamo informar porque esse assunto é de utilidade pública!!

LOC.1 - Certeza! Então pregue o verbo nos microfone aí!

LOC:2 - O suco se chama Marinheiro Popeye, e tem um sabor delicioso, um poder alimentício que ressalta as suas qualidades. Ingredientes:

- 5 cenouras
- 1 beterraba com folhas
- 1 grande punhado de Espinafre

Corte as cenouras e a beterraba em cubos finos junte com o espinafre, bata tudo no liquidificador e mande brasa porque o suco tem poder e não é a toa que o Marinheiro Popeye usada sempre que precisava duma forcinha mais!!!

LOC.1 - No Certa Vez é assim: A gente informa, intéрте e se diverte...

LOC.2 - E cuida da saúde!! Então cumpadre é mais um bróco que tá chegando ao fim e noiç vamo pra mais um intervalo e daqui a pouquinho tâmo de vorta.

LOC.1 - É, tá certo Cumpadre! E vamo aproveitar e toma mais uma cuiada de mate, e esse é daqueles da erva bem verdinha e fresquinha.

*Intervalo 2*

LOC.2 - Tâmo de vórta. Mas Cumpadre, agora que tâmo de vorta, eu vou aproveitar, como sempre, e mandar uns abraços pro nossos ouvintes, um abraço pro Reinaldo Siloto e a filharada, caboclo bom de prosa, pro Rene Schos, pra Téia, pra família do Sidney Sens que trouxe um CD do Almir Sater pra gente tocar aqui na Rádio, e pra todo mundo que tá ligado. E vamo botá mais música na cunversa aqui ô Cumpadre Guiz?

LOC.1 - Vamo ouvi mais uma moda intão!!! Vamos ouvir Lembrança de José Fortuna.

LOC.2 - Com os nossos amigos do Viola Quebrada !

LOC.1 - Compadre Gabriel, vamos relembrar a Lembrança!

*Música - Lembrança (3.34 min) - Faixa 10 - CD Sertaneja.*

LOC.1 - Músicão lindo né compadre? Mas compadre, o Sr. tem mais um carsinho de caboclo aí pra contar pra nós ?

LOC.2 - Mas é comigo mesmo, é assim ó:

O caipira chega ao banco e procura o gerente:

- Posso falar com o senhor?

- Claro, pois não! Pode sentar!

- Se o senhor não se incomoda, eu gostaria de que a gente conversasse ali no fundo.

- Oras, mas por quê?

- É que eu estou precisando de um empréstimo e me disseram que apesar de trambiqueiro, no fundo o senhor é um bom sujeito...

LOC.1 - Deus nos livre que trem bem feio compadre, quer dizer que o caipira era meio sincero é? !

LOC.2 - E verdade e é bem desse jeitão mesmo né compadre?

LOC.1 - E já que o senhor contribuiu com uma lá vai outra:

LOC.2 - Mas então o sr. dibuia o verbo porque isso sempre vai bem!

LOC.1 - É assim ó:

O caipira subiu em um táxi no Rio de Janeiro, uma reluzente Mercedes e foi logo perguntando:

- Moço, pra que serve aquele estrelinha ali na ponta?

E o carioca, gozador:

- Aquilo ali é uma mira! Quando eu quero atropelar uma pessoa, eu miro na estrelinha e pumba!

Ao perceber o olhar assustado do caipira, o carioca continuou:

- Quer ver só? Tá vendo aquela mulher ali...

E acelerou o carro em direção da mulher, só que na hora H ele desviou... e Bumba!

- Ué? Que barulho foi esse? - perguntou o motorista.

- Ora, se eu não abro a porta o senhor ia errar a mulher!

LOC.2 - Êta nóis hein cumpadre esses caboclo são tudo meio mar criado né? Mas o cumpadre, e as tar das dica de cultura da nossa cidade hein ?

LOC.1 - Pois intão é o seguinte: Curitiba tá agitada com a oficina de Música e é só consultar a programação da Oficina promovida pela Fundação Cultural de Curitiba que tá cheio de coisa boa na cidade..

LOC.2 - É verdade, consultando os jornais e programas da FCC você vai ficar sabendo de tudo .

LOC.1 - Tá dado o recado né cumpadre Recchia?

LOC.2 - Craro! E que tar a gente se lança pra entrevista de hoje cumpadre, porque é a última parte do bate papo que o Certa Vez levou com o violeiro Pereira da Viola.

LOC.1 - É, vamos saber mais um pouco sobre o trabalho desse que é o verdadeiro mestre da cultura de tradição do Brasil e não é a toa que o nome do vivente e Pereira da Viola!.

LOC.2 - Então vamo prosiá cumpadre Guiz.

LOC.1 - Então tá certo! Vamo prosiá!

*Entrevista Pereira da Viola (7.30 min).*

LOC.1 - Beleza Pura! Taí, a última parte da entrevista com o grande violeiro Pereira da Viola.

LOC.2 - E que pessoa né cumpadre? Além de um grande entendedor do assunto viola, ainda por cima toca com tudo que é gente boas, já tocou com Inezita o cara e fera e manda muito bem mesmo!

LOC.1 - Gente boa da melhor qualidade, e além de tudo e uma pessoa muito simples e também muito talentosa! No Certa Vez é assim: A gente informa, intéte e se diverte...

LOC.2 - E bate papo com gentarada boa né?! Então cumpadre é mais um programa que tá no final e nois vamo indo pra frente, mas semana que vem tâmo de vorta.

LOC.1 - É! tá certo, Cumpadre, semana que vem tamo aqui de novo, e quem estiver sintonizado aqui na Paraná Educativa vai poder acompanhar mais um Certa Vez.

LOC.2 - Isso mesmo Cumpadre Guiz e vamos informar o ouvinte o telefone da rádio, pra quem quiser fazer algum pedido ou sugestão, passar umas notícias, umas receitas. Então o número do telefone é (041) 331- 7400 né cumpadre?

LOC.1 - É verdade compadre Recchia, e o nosso endereço eletrônico pra quem se entende com os computador é [certavez@brturbo.com](mailto:certavez@brturbo.com) e quem tiver vontade de escrever uma carta, anote o endereço da Paraná Educativa: Rua Júlio Pernetá, n 695, no Bairro Mercês, então tá com você!

LOC.2 - Inté pessoar! E pra terminar a gente vai se despedir com mais música, vamos encerrar o programa de hoje com uma música que se chama Terra Mar e Ar do Renato Teixeira e que é o fino da musica que fala de amor.

LOC.1 - Simbora... Renato Teixeira aqui no Certa Vez, inté pessoar!!

*Música - Terra Mar e Ar (3.01 min) - Faixa 03 - CD Um Poeta e Um Violão.*

---

## **CERTA VEZ... UM PROGRAMA DA NOSSA TERRA**

### **PROGRAMA DE 20/05/2006**

*(Abertura tradicional modinha de viola)*

LOCUTOR 1 - Um solado que possuía na parte entre o dedão e o dedo seguinte, uma espécie de nó feito na tira de couro que atravessava o mesmo solado . Mais ou menos como uma "sandália de dedo". Homem de aspecto rústico . Mulato grande com feições de índio . Sua figura emanava uma sugestão de enorme força física , que todos percebiam à primeira vista . Fortíssimo, de fato ,era dono de uma personalidade mansa e de um coração muito generoso . A sua mulher, dona Zefa , era famosa como lavadeira de roupas. Cada uma tinha a sua idade porem tinham as feições muito parecidas entre si . Uma família trabalhadora e respeitada . A sua casa era uma das últimas na "rua do sapo" . Cerca de bambu muito bem feita , casa sempre "caiadinha" , jardim na frente e horta farta nos fundos . No canto desse fundo estava o telhado aberto onde "Siô" Atílio armava os seus balaios e peneiras . Por sua perícia e capricho nunca lhe faltava serviço . Do outro lado da cerca ,perto de cem metros , estava o grande bambual para a sua produção . Vida simples e digna . Dos cinco filhos, o terceiro , João , uma espécie de xodó de todos , resolveu ser seminarista . Seis meses antes da sua ordenação sacerdotal , "Siô" Atílio enfrentava um dos mais angustiantes problemas da sua vida . Vestir um calçado fechado, um sapato. Foi à sapataria do Delcídio procurando uma solução . A boa vontade do sapateiro esbarrou com o problema de não ter forma suficientemente grande para fazer o calçado no tamanho exigido . Enfrentou o desafio : tomou as medidas dos pés do Atílio, assuntou , assuntou. Foi no marceneiro Roberto e , juntos , esculpiram e fizeram uma forma especial .

Bispo sagrando João como padre . No banco dos convidados especiais , um mulatão enorme chamava a atenção por seu porte velho, robusto, ereto e orgulhoso. Seu terno simples mas bem feito. Seu cabelo embranquecido mostrando ser indomável . Terminada a cerimônia , veio a surpresa. O bispo estava convidando os familiares dos três novos sacerdotes ao jantar que seria oferecido no Palácio Episcopal . Teve de ir . Na hora das apresentações , Sua Reverendíssima esqueceu a postura e não escondeu a surpresa diante dos sapatões do avô do padre João . Esse seria um episódio banal . Entretanto a maior alegria do "Siô" Atílio era contar essa história e concluir : "Aposto que o Bispo pensou que eu fosse um ganso vestido de terno ". Ria , ria e batia a mão na coxa . Homem feliz. Conheci ele...

LOCUTOR 2 - Eita trem bão sôr!!!! Taí um homem simples. "Siô" Atílio aos sessenta e seis anos nunca havia usado qualquer carçado, a não ser um tipo de chinelo que ele mesmo fazia. Que coisa bonita!! O Compadre Batata sempre participando do Certa Vez. Então compadre é mais um programa que está no ar,e esse é o número duzentos! Que tar? E um abraço a todos que estão com a gente neste momento iniciar!!

LOC.1 - Sejam bem vindos!! E seja muito bem vinda também a primeira moda de hoje, vamo ouvi Êta Mundo no Certa Vez desta semana. Um grande abraço para os nossos companheiros que sempre estão com a gente!

LOC.2 - Êta Mundo, de autoria de Rolando Boldrin!!

LOC.1 - Então vamo lá!! Canta ele mesmo, o autor. Compadre Gabriel, Vai Rolando...

*Música - Êta Mundo (3.51 min) - Faixa 13 - CD Popularidade - Rolando Boldrin.*

LOC.2 - Compadre Guiz, Êta Mundo veio hein? Mas que tar irmos pra frente?

LOC.1 - Vamo pra frente sim, Sinhô Recchia!

LOC.2 - E logo em frente vem a nossa receitadesta edição do programa!

LOC.1 - E vai afroxá as obturação! Vamo fazê a Costela no Bafo compadre Recchia!!

LOC.2 - Opa, que beleza sôr... é uma receita muito saborosa viu pessoar!! Vamo nessa Compadre Guiz?! Vamo mateá cumpadre, enquanto preparemo a receita?

LOC.1 - Ah, sô parcêro! Mais intão vamo nessa, o Sr.envereda os ingredientes e eu me largo com o modo de fazê!!

LOC.2 - Cuminado!!!!?? Ós ingredientes:

- 1 costela grande (pesando cerca de 7kg), inteira, daquelas bunitonas mesmo!
- Daí, pra essa peça de costela você aparta ½ kg de sal grosso. E agora tá na tua mão compadre Guiz, cô Modo de Preparar!

LOC.1 - To na veiz intão! Essas peças grandes, inteiras, de costela são fornecidas praticamente só pelos frigoríficos. Por isso, talvez seja difícil encontrar num açougue. Mas, as boas casas do ramo, com certeza têm esse corte em seus estoques. E da maneira como elas chegam do açougue, são apenas temperadas generosamente com sal grosso e colocadas no forno. A temperatura constante do fogão deve ser em torno de 40º, onde a costela fica durante até 15 horas para garantir um cozimento lento, gradual e uniforme. Ao ser servida, toda a carne está macia, solta dos ossos e facilmente separável das gorduras indesejadas. A costela inteira, do matambre até o miolo fica com a mesma textura. Elas são servidas em porções fartas, fatiadas, e chegam à mesa ainda chiando na chapa. Os acompanhamentos podem variar de acordo com o gosto do chefe de cozinha da casa. Podem fazer essa receita que é batata!! Agrada mesmo!

LOC.2 - Ah isso agrada mesmo!! E falando em agradar, vamos ouvir mais moda das que agradam os ouvidos. Quem ta de chegada é Tônico e Tinoco. E a moda se chama Paranaense.

LOC.1 - E a cumposição é da própria dupla. Vamo escuitá a moda moçada?

*Música - Paranaense (2.23 min) - Faixa 10 - CD Tônico e Tinoco.*

LOC.2 - Mas que linda canção hein!!?!? Gostou da Paranaense compadre? É poesia pura! E muito bem cantada viu! Olha as prantinha que ajudam a gente pessoar!!? Remédio a Natureza desde sempre oferece pra gente !! Vamo nessa Compadre Guiz?

LOC.1 - Já to começando: a AVEIA, essa amiga véia de guerra é aquele fortificante, que dá sustância mesmo, e no mais é normalizadora da pressão baixa, e qualquer estado de doenças.

O SENE, esse meio parente do Airton Senna é laxativo, purgativo, regulador intestinal, e ajuda nos casos de obesidade.

UNHA-DE-GATO: Olha gente, o inverno ta chegando, então vamos usar a Unha de Gato porque ela aumenta o sistema imunológico. Num vamo dexá a gripe pegá nós!!!

LOC.2 - Minha vez!!

MACA: Pra você não ter que ser carregado numa maca, use a Maca, pois é um energético físico e mental dos bõ , revitalizante, e ajuda na reposição hormonal.

MACELA: Essa bichinha é bondosa também. É eficaz contra a diarreia, bõ pra fígado, pâncreas, colite, e vesícula.

MALVA: A malva é uma grande aliada dos dentistas e dermatologistas em geral pois é eficaz nas inflamações da pele, boca e gengiva.

LOC.1 - E a gente não esquece de comentar, as informações passadas aqui têm finalidade informativa!! Use, mas com cautela e comunique seu médico! Vamo pra frente! E no continuar Compadre, uma piadinha de caboclo ta na manga né?

LOC.2 - Taqui ó: Essa piada começa assim...

O Caboclo, descendente de Português, queria entrar para a polícia. Se inscreveu e foi chamado para um teste:

- Seu Juca! Neste teste aqui é necessário ter raciocínio rápido!!

- O que foi que o Senhor falou?

- Que tá dispensado!!!

LOC.1 - Que barbaridade moço!! Coitado do candidato compadre, numa dessas tava só meio nervoso. Intaum vamo caminhando e escutando moda? Qualé que ta na vez do Certa Vez... Compadre Recchia?

LOC.2 - Quem tá na vez é Zé Carreiro e Carreirinho e essa se chama Viajando a Cavallo!!

LOC.1 - E a música tem a composição de Carreirinho! Gabriel Guiz, sorta a melodia da dupla seu moço... E você, vai nessa viagem tumem...

*Música - Viajando a Cavallo (2.28 min) - Faixa 04 - CD Zé Carreiro e Carreirinho.*

LOC.2 - Que modão hein cumpadre!! Mas o compadre, vem chumbo grosso agora, uma notícia muito boa que diz respeito a proteção da população contra o açúcar e é mais que utilidade Pública, é uma questão de saúde!

E essa o Sr. pode iniciar Compadre? Em seguida eu dou uma demão!! É meio longuinha a prosa, por isso vamos passar em duas partes no programa de hoje, dada a importância do assunto e vale a pena! É nossa obrigação informar a população através da Rádio Pública!

LOC.1 - E é uma prosa do Paulo Gibiologica: - Bem, aqui quem vos fala é simplesmente um cidadão que recebeu um tapa na cara ao ler um livro sobre o nosso tão querido AÇUCAR - "Sem Açúcar Com Afeto" de Sônia Hirsch. O açúcar é uma coisa TÃO REFINADA que vai direto para o sangue e causa uma série de alterações físicas e mentais no consumidor. O açúcar dá uma certa bobeira mental, cientificamente explicada pelo encontro da insulina com um aminoácido que é rapidamente convertido no cérebro em serotonina, um tranquilizante natural.

LOC.2 - Na Índia, alguns séculos antes de Cristo, os médicos usavam o açúcar como remédio. Foi só ali perto do ano 600 que os Persas bolaram a rapadura, daí começou o tráfico. Na Europa não tinha açúcar, era importado e custava muito caro e só os nobres podiam comprar. Em 1532 Martin Afonso de Souza instalou em São Vicente o primeiro engenho de açúcar no Brasil.

LOC.1 - Em 1665 a Inglaterra já importava 8 milhões de kilos por ano. Nesse mesmo ano a peste bubônica matou 30.000 pessoas em Londres, pessoas que tinham acesso ao açúcar, porque no campo, entre os pobres ninguém morreu. Será que ninguém desconfiou da relação da nova doença e o espantoso consumo de açúcar? Já que o açúcar predispõe o corpo a infecções por causa da acidez exagerada que ele provoca. Desconfiaram, mas ficaram calados pois seria um crime de lesa-majestade insinuar que a Coroa enriquecia as custas de um vício pernicioso. E aí ficou por isso mesmo e está assim até hoje.

LOC.2 - É UMA VERGONHA, QUE ATUALMENTE AS AUTORIDADES DE SAÚDE PERMITAM ISSO !!

Por volta de 1600, as autoridades inglesas sabendo que o açúcar boa coisa não era, proibiram severamente o uso do açúcar para apressar a fermentação de Cerveja.

EM 1792 os melhores cientistas da Europa fundaram uma sociedade anti-sacarina.

E depois continua essa notícia de extrema importância, agora vamos de mais música.

E essa moda se chama Carreiro Sebastião, e é composta e interpretada por Tonico e Tinoco aqui no Certa Vez.

LOC.2 - Esses tem alma cabocla! Compadre Gabriel, é ôce que tá no comando! Sorta a modinha pra quem tá apreciando o Certa Vez...

*Música - Carreiro Sebastião (2.40 min) - Faixa 14 - CD Tonico e Tinoco.*

LOC.1 - Ô belezura, Carreiro Sebastião aqui no Certa Vez, um clássico.

LOC.2 - Com certeza, e esse caboclo Sebastião não era fraco hein?! E agora temos mais uma prosinha sobre regras de saúde que é supimpa!!? Escutem:

LOC.1 - REGRAS DE SAÚDE

1. Guarde o coração em paz à frente de todas as situações e de todas as coisas. Todos os patrimônios da vida pertencem a Consciência Divina .
2. Apoie-se no dever rigorosamente cumprido. Não há equilíbrio físico sem harmonia espiritual.
3. Cultive o hábito da oração. A prece é a luz na defesa do corpo e da alma.
4. Ocupe o seu tempo disponível com o trabalho proveitoso, sem esquecer o descanso imprescindível ao justo refazimento. A sugestão das trevas chega até nós pela inércia
5. Estude sempre. A renovação das idéias favorece a evolução do espírito.
6. Evite a cólera. Enraivecêr-se é animalizar-se, caindo nas sombras de baixo nível.
7. Fuja à maledicência. O lobo agitado atinge a quem o revolve.
8. Sempre que possível, respire ar puro e não esqueça o banho diário, ainda que ligeiro. O ar puro é precioso alimento e o banho revigora as energias.
9. Coma pouco. A criatura sensata come para viver, enquanto a criatura imprudente vive para comer.
10. Use a paciência e o perdão incansavelmente. Todos nós temos sido caridosamente tolerados pela Bondade Divina, milhões de vezes, e conservar o coração no vinagre da intolerância é provocar a própria queda na morte inútil.

LOC.2 - Viu come qui é? Então ô Compadre, vamos escuitá Futebór da Bicharada, e quem vai cantar é a Mestre Rolando Bordrin! O Tiago Recchia que é o autor do Los Três Inimigos, personagens representantes do futebol paranaense foi quem pediu a

moda. Gabriel Guiz, vamo escuita essa partida de futebór e atender o pedido no mano véio?

*Música - Futebol da Bicharada (2.58 min) - Faixa 14 - CD Popularidade.*

LOC.1 - Que tar a bicharada? É como diz a coluna do Tiago Recchia: Futebol é uma Caixinha de Surpresas!! Bela composição de Raul Torres!!

LOC.2 - Bela mesma, de gente que entende do riscado e de futebol! É isso aí, né compadre?

LOC.1 - É isso aí ! Mas compadre, dando prosseguimento sobre o assunto das nossas cidades do Paraná, hoje vamos ter a satisfação de falar de Canta Galo, o Sr. é quem ta na vez compadre!

LOC.2 - Já tô começando! Então hoje é a vez de Canta Galo, continua a letra C. do nosso Certa Vez véio de guerra!!!

Por volta de 1930, os tropeiros ao levarem suas tropas de gado com destino a Ponta Grossa, utilizavam um itinerário com traçado muito próximo ao da atual BR 277. Ao longo deste, faziam paradas para descanso e pernoite, surgindo, daí, várias vilas, uma delas a da Fazenda Cantagalo, nome dado pelos tropeiros que certa vez, foram acordados pelo cantar de um galo, onde hoje se localiza o Município. Criado através da Lei Estadual de 12 de maio de 1982, e instalado oficialmente em 01 de fevereiro de 1983, foi desmembrado de Guarapuava.

LOC.1 - Então compadre Recchia, foi a prosa de mais um dos nossos municípios, e quero dizer também que foi também o primeiro broco do programa, nois vamo para uma paradinha pros reclames e daqui a pouco tamo aqui de novo!! Inté Pessoaor!

LOC.2 - Se tiverem gostando, aguardem. Inté daqui a pouco!...

### Intervalo

LOC.2 - Eita trem bão sôr!!! Tâmo de vórta. O nosso mate sempre daquele jeitão né Compadre?! É de azulá a bomba!! E é hora de abraços aqui no Certa Vez! Vamos mandar um abraço pra Cumpañeirada que ta com a gente, o James Kraus, a Malu, a Dada, e pro pessoar lá de Tamanduá, da Pousada Cristal do Horizonte, a Cumadre Madalena, o Cumpadrre Lazinho, a Índia, a Ita, e o cumpadrito pescador, Itamar. Agora a Rádio ta pegando bem lá, viu? Transmissor novo né? E vamo tocar no Certa Vez mais moda, e essa oferecemo com carinho pra toda a companheirada que ta com a gente nesse segundo bróco de programa... Side, Juca, Pascoar, tudo certo, tudo Certa vez!? Olha a música aí pessaor!

LOC.1 - E essa música se chama Panela Véia. Os caboclo escrivinhadô foi Moraezinho mais o Auri Silvestre. Cárque-lhe fogo Compadre Gabriel!!

*Música - Panela Véia (3.18 min) - Faixa 15 - CD Sergio Reis.*

LOC.1 - Isso é uma beleza hein compadre Recchia, Panela Veia com Sérgio Reis já tocou um bocado nesse brasilzão hein compadre, e toca também aqui no Certa Vez, pra cumpañeirada que tá no pezinho do rádio!!

LOC.2 - Tá certo compadre Guiz, boa a moda né! Bom, agora vamos passar uma prosa das mais sérias sobre a Natureza. Começa Nhô Guiz?

LOC.1 - Os rios são fonte de vida. Desde a Antigüidade, suas águas são essenciais para que as pessoas possam viver, além de outras utilidades. Mais recentemente, até mesmo energia elétrica é produzida pela força das quedas d'água dos rios, iluminando as cidades.

Um rio sem poluição é aquele em que os peixes e as plantas crescem naturalmente, tem águas limpas e cristalinas. Para um rio ser assim, é preciso que não se jogue lixo, nem esgoto diretamente nele.

LOC.2 - A poluição da água é a introdução de materiais químicos, físicos e biológicos que estragam a qualidade da água e afeta o organismo dos seres vivos. Esse processo vai desde simples saquinhos de papel até os mais perigosos poluentes tóxicos, como os pesticidas, metais pesados e detergentes.

LOC.1 - A poluição mais comum é aquela causada pelo lixo que o homem joga nos rios. O crescimento das cidades e de sua população aumentaram os problemas, porque o tratamento de esgotos e de fossas não conseguiu acompanhar o ritmo de crescimento urbano.

LOC.2 - Produtos químicos e sujeira dos esgotos são jogados diretamente nos rios ou afetam os lençóis d'água que formam as nascentes. O excesso de sujeira funciona como um escudo para a luz do sol, afetando o leito dos rios e seu ciclo biológico. Ou seja, as plantas e animais que nele vivem passam a sofrer problemas.

LOC.1 - Como Contribuir Para Evitar A Poluição dos Rios

- Não jogue lixo nas águas dos rios.
- Não canalize esgoto diretamente para os rios.
- Não desperdice água, em casa ou em qualquer outro lugar.
- Observe se alguma indústria está poluindo algum rio e avise as autoridades sobre a ocorrência.

LOC.2 - Gabriel Digiovanni sortia mais uma moda pro pessoal do Certa Vez apreciar então?! Do CD do Tônico e Tinoco Volume número 5, vamos ouvir Ranchinho de Taquara! E ocê, vai nesse embalinho, que é bom...

*Música - Ranchinho de Taquara (2.17 min) - Faixa 15 - CD Tônico e Tinoco Vol. 5.*

LOC.2 - Apreciô a moda Compadre, "não ama sua terra quem não tiver coração!! Viu comé Qui é? No Certa Vez é assim... A gente vai continuar a prosa sobre o Açúcar e seus males terríveis!

LOC.1 - Em 1912 o DR. Robert Boesler, dentista norte americano escrevia que " ...a moderna fabricação do açúcar nos trouxe doenças inteiramente novas".

O açúcar comercial nada mais é do que um ácido cristalizado. No passado, com seu alto preço só uma minoria nobre podia utilizá-lo, contudo, agora o seu altíssimo consumo está causando a degeneração nos seres humanos e até em animais. Por exemplo: beija-flores que utilizam bebedouros de água com açúcar.

LOC.2 - Mas... e o açúcar mascavo orgânico, o mel, também fazem mal ??? Um exemplo bem simples para podermos entender:

Um certo dia, andando pela mata, uma pessoa descobriu a cana-de-açúcar "Nossa, que delícia !!! " e levou para sua casa.

Bom...o caboclo conseguiu chupar 3 paus de cana em meia hora e ficou com a boca cansada. Ele devia ter ingerido aproximadamente 350 ml de um líquido contendo:

água, sacarose, sais minerais, vitaminas, fibras, etc... Beleza, ele conseguiu digerir numa boa. Seu pâncreas nem reclamou.

LOC.1 - E agora, todo mundo "chupa cana?" Passado algum tempo, eis que: " Pô, chupar cana num é mole não...num dá pra espremer o bagaço?" E deu ... inventaram a garapa. QUE MARAVILHA !!! Opa! Mas já era tarde, o caboclo começou a tomar garapa que nem água - 500 ml a 1 litro em 10 minutos.

Aí o Sr. Pâncreas começou a reclamar porque estava fazendo horas extras todos os dias! Um certo dia, alguém resolveu ferver a garapa, e saiu o melado de cana, muito mais concentrado: 10 litros de garapa virou um copo de melado. "Que delícia! Vamos fazer um bolo?"

LOC.2 - Para agravar a situação, os Persas bolaram a rapadura, ainda mais concentrada, e logo após as benditas refinações. Aí "ferrou o jegue" !

Surge então uma doença nova e mortal: a DIABETES MELLITUS que fazia as pessoas eliminarem açúcar pela urina, ou seja, vazarem pelo ladrão.

Inicia-se a era das novas doenças "a degeneração da raça humana" causada pelo mau uso do açúcar, que causa um STRESS absurdo no organismo e o pâncreas para de produzir insulina.

LOC.1 - Não bastando ainda, causa defeitos genéticos. Por exemplo: hoje, a cada 5 crianças que nascem uma será diabética.

Hoje existem 6,5 milhões de diabéticos no Brasil. Morrem 300.000 por ano nos EUA. Portanto não importa se é açúcar orgânico, mascavo ou mel, o problema é a SUPER CONCENTRAÇÃO DE AÇÚCAR; que quando ingerida, vai depressa demais para a corrente sanguínea, queimando todas as etapas da digestão, fazendo subir o nível da glicose no sangue, aí o pâncreas é obrigado a produzir uma quantidade extra de insulina.

LOC.2 - A insulina vai lá e abaixa o nível, aí da vontade de comer mais açúcar. Sobe o nível e o pâncreas solta insulina, abaixa o nível...E assim por diante, até chegar uma hora que o pâncreas não entende mais nada. Você come um bombom seu pâncreas solta insulina para a caixa inteira; é a HIPOGLICEMIA. Entre jovens e adultos, três a cada cinco tem a doença - estágio pré-diabético.

SERÁ VOCÊ O PRÓXIMO ?

Como se não bastasse tanto malefício, a acidez causada pela ingestão concentrada de açúcar predispõe o corpo à infecções (como a conjuntivite) e também à vírus e bactérias.

LOC.1 - MAS NÃO PARE POR AQUI !!!! Informe-se, discuta, reflita, passe para frente, descubra soluções, alternativas, pesquise ! POR FAVOR, DIVUGUEM !!!!

LOC.2 - Falô e disse compadre!!! Que prosa séria hein compadre Guiz? Depois dessa só uma piada pra aliviar as tensões... E essa é com o Compadre Guiz e este caboclo é quera nisso!

LOC.1 - Lá no interior, a menina acorda as 3 horas da manhã e chama a sua mãe, que vem até o seu quarto:

- O que foi filhinha?

- Eu perdi o sono mamãe... Conta uma história pra eu dormir?

E a mãe:

- Espera mais um pouco minha filha, que daqui a pouco seu pai chega. Daí ele vai contar uma história pra nós duas!!

LOC.2 - Eita ferro sôr!! Momento descontração aqui no Certa Vez!!. Vamo ouvi mais uma moda intão!!

LOC.1 - Com Certeza!! Então, Compadre Gabriel, vamo escutar no rádio, Cabecinha no Ombro,.. ôo de casa, vai ouvindo mais essa também...!

*Música - Cabecinha no Ombro (3.12 min) - Faixa 08 - CD Caminhos me levem, Almir Sater.*

LOC.1 - Não é uma lindeza, Cabecinha no Ombro aqui no Certa Vez, e essa é de Paulo Borges na bela voz de Almir Sater. Que maravilha!

LOC.2 - Eu num digo sempre: aqui no Certa Vez, a gente informa, interte e se diverte, escutem só essa prosinha, que deve servir para reflexão e pensamento sobre as gerações futuras:

Isto sabemos.

Todas as coisas estão ligadas

Como o sangue que uma família...

Tudo o que acontece com a Terra ,

Acontece com os filhos e filhas da terra.

O homem não tece a teia da vida;

Ele é apenas um fio.

Tudo o que faz à teia,

Ele faz a si mesmo.

LOC.2 - Eita trem bão Compadre Guiz! Profundo e importante Nhô Guiz?!! Em frente compadre?

LOC.1 - Tem essa piada bem curtinha ó: Lá no interior...

- Manhê, o Pedrinho me falou que ele tem ta-ta-ta-tá-taravô!!

- O Pedrinho é um mentiroso meu filho!

- Não é não mãe... Ele é gago...!!

LOC.2 - Ô piadinha infame sôr!! Eh, eh...! E agora Compadre vamo saborear mais uma boa música no entremeio da nossa prosinha ?

LOC.2 - Vamo nessa! E o nome da próxima moda tem autoria de Leo Canhoto e Robertinho e quem vai canta essa moda Compadre?

LOC.1 - Ah, é deles mesmo e tá na ponta da Agulha!! Ô Compadre Gabriel é ocê que ta cos botão na mão! Vamos ouvir mais uma aqui no Certa Vez.

*Música - Caixa Postal 95 (2.37 min) - Faixa 16 - CD Meio Século... Vol. 06.*

LOC.2 - Que belezura hein Compadre Guiz, é a fala do nosso sertanejo e da vida do nosso caboclo!! Ele é simples, autêntico e verdadeiro. Tudo isso aqui, no Programa da Nossa Terra, que tar!?!

LOC.1 - Que tar mesmo? Aqui é assim mesmo, a gente gosta do que faz e por isso fazemos com sастisfação!

LOC.2 - Tá bão compadre Guiz! Vamo chegando Compadre? O tempo não para e nós acabemo mais uma jornada do Certa Vez. Mas semana que vem tem mais, mais um Programa da Nossa Terra!!

LOC.1 - Certamente Cumpadre!! Semana que vem tamo aqui de novo, pra mais uma edição do nosso Certa Vez. Tem sido assim a mais de 4 anos...

LOC.2 - E Certa Vez é aqui na Paraná Educativa Am e FM e na Internet também... Inté pessoar!! E vamos encerrando com mais moda: apreecem a modinha, é uma moda de tirá picapau do toco!!! Então até semana que vem... Um grande abraço a todos que nos acompanharam e tenham uma boa semana!!

LOC:1- Então, tchau companheirada , até o nosso próximo programa. Fiquem em paz!! Um grande abraço meu povo!! Tiavorta!

Quarqué uma que fechar o tempo.

---

## **CERTA VEZ... UM PROGRAMA DA NOSSA TERRA**

### **PROGRAMA DE 30/10/2004**

*(Abertura tradicional modinha de viola)*

LOCUTOR 1 - Domingo de manhã, solzinho de inverno. O caseiro, velho caboclo cheio de histórias, vai regando os canteiros na horta e - nem sei por que motivo - desanda a falar de Juca Preto. O nome, de imediato, aflora na minha memória. Cresci ouvindo falar dele, mas nada sabia do personagem além do nome. Nem mesmo que ele não era negro, apesar do apelido.

Estava mais para mulato, esclarece o "seo" Antonio, o caseiro. E vai esclarecendo mais, satisfazendo a minha curiosidade. O "seo" Antonio é fonte segura, "fidedigna", como diriam jornalistas de ontem e advogados de hoje. Ele passou a vida quase inteira em Amparo e foi empregado numa das fazendas de Juca Preto. Numa das muitas fazendas, para ser mais exato. Juca Preto foi dono de fazendas e sítios que somavam pra mais de 30, umas 39, entre Serra Negra e Amparo, na região das estâncias. Foi lá pelas décadas de 40, 50 ou 60, a época não importa muito. As histórias que cercam Juca Preto, verdadeiras ou não, é que interessam. Conta-se que a maioria das terras ele nem precisou comprar. Empréstava dinheiro e dava um prazo para o pagamento. Podia ser 20 dias, um mês ou mais. Vencido o prazo, nem um dia a mais, tomava as terras do devedor, conforme o combinado.

Não importavam o valor do empréstimo nem o valor das terras. "O que é combinado não é caro", não é o que diz o ditado popular? Apesar de rico, Juca Preto era mão-de-vaca, um muquirana. Não abria mão de nenhum centavo. O "seo" Antonio lembra que um dia o barbeiro não tinha duzentos réis de troco. Coisa de moedinhas, hoje. Pois Juca, cabelo cortado e barba feita, não arredou pé da barbearia até que o barbeiro atendesse outros fregueses e juntasse o suficiente para o troco. O fazendeiro não abria mão também de qualquer pedacinho de terra, apesar do tanto que possuía. Sempre que era preciso renovar a cerca, os administradores das fazendas tinham a ordem que não podia ser descumprida: os mourões novos tinham que ser fincados um metro além, no terreno do vizinho, é claro. Assim suas terras iam se expandindo a cada troca de mourões. Até que um dia belo dia um fazendeiro vizinho resolveu comprar briga e mandou voltar a cerca no lugar de origem. Juca Preto retrucou e ordenou que a cerca fosse recolocada onde ele tinha mandado. O vizinho não se deu por vencido e mudou a cerca de novo. E assim foi, num põe-tira-repõe que parecia não ter fim, até que o vizinho resolveu chamar Juca Preto para uma conversa definitiva.

Juca foi logo ao ataque: "eu tenho muito dinheiro e meus fio são adevogados formado. Vois mecê num tem chance comigo".

O vizinho contra-atacou: "pois eu num tenho dinheiro nem adevogado. Mais aqui em casa eu tenho um saco cheio de bala, boa pontaria e uma garrucha que num nega fogo". Juca se rendeu e deixou a cerca no lugar certo. Dizem que foi a única vez que o nosso personagem foi derrotado. Caboclo espertalhão, agiota e sovina tem muito por esse mundão afora. Mas nenhum deles consegue desaparecer e reaparecer misteriosamente, nem estar em dois lugares ao mesmo tempo como Juca Preto...

LOCUTOR 2 - Ehrê Compadre, que caboclo hein, era bem veiáco mesmo! Ma está tudo muito bem!! Porque? Está no ar o Programa da Nossa Terra, tá começando o nosso Certa Vez semanário e sempre especial não é verdade Compadre !!

LOC.1 - Certeza Compadre Recchia, e o programa de hoje não vai ser diferente, é o Certa Vez de todas as semanas aqui na Paraná Educativa !

LOC.2 - Que maravilha, excelente maravilha!! E vamos mandar um abraço pro pessoar que está em sintonia com o Certa Vez não é Compadre Guiz?

LOC.1 - Com certeza, olha pessoar, muito obrigado pela audiência um grande abraço pra tudo ôceis e continuem com a gente, se estiverem gostando é claro! Mas compadre, chega de conversa mole né, porque tá na hora de música, não tá não?

LOC.2 - Sempre tá na hora de música aqui no Certa Vez. E vamo começar com Galo da Campina, e essa foi um pedido do Giuliano Bruel Recchia, meu filho mais velho, que disse: - Pai, toca o galo da Campina no Certa Vez, eu gosto tanto!

LOC.1 - E essa e do Renatão Teixeira que sempre tá por aqui com a gente! Então meu fío, larga a agulha da vitrola bem em cima dessa moda, pro fío do Nhô Recchia, e ôce vai ouvindo...

*Música - Galo da Campina (2.24 min) - Faixa 11 - CD Renato Teixeira.*

LOC.2 - Compadre Guiz, O Seo Renato Teixeira pegou bunito nesta moda hein?

LOC.1 - Deus que atálhe! E como ele diz na música: "Deixe que a barca da Vida sabe como agir."

LOC.2 - É, e o tempo não vai fugir! Mas, O Compadre, e aquela piadinha de sempre pra alegrar o ser e ativar o humor, hein?

LOC.1 - Ah, mas deixa comigo porque eu tenho uma no jeito aqui na manga. LOC.2 - Mas o Sr. não se acanhe, e meta ficha na prosa!

LOC.1 - É assim :

Os dois caipiras se encontram e um fala pro outro :

- Ô cumpadre ! Quais são as novidades ?
- Óia, a novidade é que o Benedito morreu!
- Morreu ? Nã me diga! Ma morreu de que Home do Céu?
- De catarata!
- Mas i agora... e catarata mata Cumpadre ?
- Ah , pois é ... é que empurraram ele... !

LOC.2 - Que tar hein Compadre Guiz , tinha argum marvado com marquerência pra cima do pobre Benedito é!!

LOC.1 - Com Certeza, e pincharam ele água abaixo! Mas compadre o Sr. sabe que já chegou a hora da nossa receita aqui no Certa Vez?

LOC.2 - Muito bem!! Tá na hora da nossa receita!

LOC.1 - Mas então Compadre Recchia qual vai ser a receita desta semana hôme!

LOC.2 - Deixa comigo Caboclo!! A receita ta aqui, não tá lá em casa! Então é o seguinte: é a receita da Costelinha de Porco, é fácil de fazer, e bem prático! Lá vai...

- 1 kg de costelinha de porco
- 1 colher de sopa de tempero verde
- 1 limão espremido

- 2 pimentas de bode
- 1 copo de vinho branco seco
- 1 colh. de café de gengibre ralado
- 1 molho de salsa
- 1 molho de cebolinha, e o jeito da confecção, Compadre, cumé qui é?

LOC.1 - Tá na mão, é assim ó:

Temperar a carne com todos os ingredientes. Deixar em vinha dalho por 24 horas. Esquentar uma panela e colocar a carne para cozinhar, apenas para dar uma pré-cozida. Em seguida, esquentar uma outra panela com o suficiente de óleo para mergulhar a carne. Jogar um palito de fósforo na panela e assim que o palito de fósforo ascender, fritá-la para que fique crocante. Aí é só servi com o acompanhamento da sua preferência!

LOC.1 - E pra acompanhar a costelinha, vamo ouvi mais uma aqui no Certa Vez. É o nosso amigo Reinaldo Godinho com a moda chamada Pescador!

LOC.2 - E a composição dessa moda e no nosso amigo Silvio de Tarso!

*Música - Vai, Pescador (5.50) - Faixa 01 - CD Vai Pescador.*

LOC.1 - Que tar a moda do moço Compadre, a vida que vem do mar é bem assim né!!!

LOC.2 - Cum certeza, uma toada linda que fala da importância da vida do mar que alimenta outras vidas! Pois eu vou nesse embalo e já vou levar pros nossos companheiros umas dicas da semana, tá certo? E o assunto tá variadinho, sortido como sempre!! Eu mando uma daqui e o Sr. cutuca outra de lá, cumbinado? **Botão da camisa quase caindo** - Se o botão de sua camisa estiver se soltando, pingue uma gota de esmalte incolor sobre a linha em botões de metal, renova o brilhorenova o brilho e disfarça arranhões.

**Gordura na roupa** - Salpique na mesma hora talco sobre a mancha e deixe por alguns minutos, antes de escovar.

**Chiclete na roupa** - Passe gelo no local e retire o chiclete quando ele ficar duro.

**Fixar cor nas roupas** - Para isso, substitua o amaciante de roupas por 1/2 copo de

vinagre branco na água de enxágüe das roupas.

**Mancha de fruta** - Coloque leite morno em cima do tecido seco.

**Mancha de vinho** - Passe uma pedra de gelo no local onde caiu o vinho até que a mancha desapareça.

**Manchas de batom** - Esfregue um pouco de álcool no tecido. Também pode ser benzina. **Mancha de café** - Lave com água morna e glicerina.

**Remova manchas de meias brancas** - Ferva-as em água com fatias de limão.

**Mancha de ovo** - Lave com água fria, pois a água quente vai fixar ainda mais a mancha. Antes de lavar, use uma pasta de sal (sal com gotinhas de água) sobre a mancha. **Mancha de refrigerante** - Se deixar cair algum líquido na roupa, como refrigerante, tire a mancha com água fria. A água morna vai fixar a mancha. **Se o zíper encrascar** - Passe um lápis comum para baixo e para cima. O grafite lubrifica as duas partes e faz com que o zíper passe a se movimentar, sem problemas.

LOC.2 - Tá feito o Carreto. Taí a receita e várias dicas pra facilitar a vida da gente, e pro programa continuar bem bom Compadre, vamo sapecá mais uma piadinha de caboclo: Então é assim:

Na cidade do interior, no meio de uma roda de amigos, um cara metido a besta e espertinho goza do caipira: Seu Tônico. O Senhor não quer fazer um favor pra mim?. - Uai, faço sim e com muito gosto: O que é que o Sr. qué?

- Eu quero que o Sr. faça o seguinte. O Sr. vai até aquela árvore lá adiante e vê se eu tô lá!

- É pra já. Mas primeiro me dá um cabresto pra eu levá porque se por um acaso eu achá o Sr. lá, eu aproveito e trago...

LOC.1 - E essa agora? O espertinho se estrepô nessa hein compadre Recchia?

LOC.2 - Pois é compadre, pro Sr. vê que situação. Isso é que dá querer bancar o besta né!!!

LOC.1 - Tá certo...Mas vamo em frente! Então vamo ouvir agora mais uma moda das boa. Vamo de Caçador de Tião Carreiro e Carreirinho!

LOC.2 - E a moda é cantada neste momento pelo grupo Viola Quebrada. Gabriel Guiz, sorta o Caçador tá bão?.

*Música - Caçador (3.15 min) - Faixa 05 - CD Viola Quebrada.*

LOC.2 - Êta coisa boa cumpadre! Belezura de moda, o Sr. viu que o caçador sorta os cachorro no rastro e vai rebentando taquara né? Mas o compadre, o Sr. botô reparo que já tamo verando o finar do primeiro bróco do programa Certa Vez, Homê do Céu?.

LOC.1 - É verdade compadre, esse primeiro bloco parece que ficô meio curto né, então vamo mateá!

LOC.2 - É comigo mesmo, vamo pro intervalo e daqui a pouco, depois do mate, tamo de vorta.

*Intervalo 1*

LOC.1 - Ô Cumpadre Recchia o intervalo terminou mesmo?

LOC.2 - Claro Compadre, o Sr. se agarre com o microfone aí e vamo trabaiá moço! Vamo deixar o papo e vamo de mais música! Vamo aprecia uma composição de Renato Teixeira e Armir Sater.

LOC.1 - E essa moda o Renatão canta em Catejãno Compadre e se chama Marchando Al Frente, vamo conferi?.

LOC.2 - Vamo conferi! E a Versão pro espanhol ficou por conta de Antonio Tarrago Ros. Compadre Gabriel, o CD do Renato Teixeira tá na mão? Então desse o braço aí na vitrola, e ocê, sinte esse modão!!

*Música - Marchando Al Frente (2.25 min) - Faixa 03 - CD Renato Teixeira.*

LOC.1 - Cumpadre Recchia, depois dessa moda vamo contar pro nosso ouvinte mais uma piada pra intertê?

LOC.2 - Ôpa! Deixa comigo porque piada de caboclo é especialidade aqui no nosso programa!!

O Filho chega pra mãe dele e fala:

- Mãe, óia, o Pedrinho me falou que ele tem ta-ta-ta-ta-taravô!!
- Ora, o Pedrinho e um mentiroso meu fio, é impossível!
- Não é não mãe... É que ele é gago...!

LOC.1 - Credo Compadre, que piadinha mas sem graça!!

LOC.2 - O Sr. acho Compadre? Até que é engraçadinha. Então vamos ouvir agora uma música pra adoçar as orêia!

LOC.1 - Então vamo de Viola Quebrada Cantando Viola Quebrada !

LOC.2 - E a autoria é de Mário de Andrade. Então ô Compadre Gabriér, vamo escuitá a Viola Quebrada!.

*Música - Viola Quebrada (2.53 min) - Faixa 01 - CD Viola Quebrada.*

LOC.1 - Êta belezura, que tar o Oswaldo Rios no Vocal, gostou da moda hein Compadre!

LOC.2 - Gostei! É isso aí, né cumpadre? E a Comadre Margaret também manda muito bem né?

LOC.1 - Com certeza. Mas compadre vamo dá um galeio na conversa e vamo falar um pouco da nossa Curitiba e hoje o lugar escolhido é o Parque Tingui, o Sr. qué debulhar Compadre,?

LOC.2 - Deixa comigo que eu resorvo!!

O nome do parque é uma homenagem ao povo indígena que primeiro habitou a região de Curitiba, os tingüis, índios combativos, hábeis na execução de armas e utensílios de pedra. Orgulhosos de sua ascendência, tinham um belo porte, daí o nome tingüi que em tupi guarani significa "nariz afinado". Como marco, há no parque a estátua do cacique dos campos de Tindiquera, líder da tribo tingüi, que, segundo conta a lenda da fundação da cidade, foi quem indicou aos colonizadores o local onde deveria ser instalada a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. "Aqui, Kur' yt' yba!" (Aqui, muito pinhão), teria gritado o cacique, assentando forte a sua lança, onde hoje é a Praça Tiradentes. A estátua, esculpida em bronze e em tamanho natural, apresenta Tindiquera carregando em uma mão o varapau com que demarcou o sítio da futura capital paranaense, e na outra, uma pinha, simbolizando as araucárias e a garantia de alimentação.

Obra de saneamento e preservação ambiental, o Parque Tingüi possui, entre outros equipamentos, ciclovia, pista de cooper, churrasqueiras, canchas e playground. Apesar de Ter um nome indígena e servindo como um bom exemplo da salada cultural curitibana o parque também abriga o Memorial Ucrâniano, uma das mais belas construções da cidade com portal, capela, mirante e campanário, todos eles obedecendo ao estilo arquitetônico da Ucrânia.

**Como chegar** - Rua Mateus Leme / Rua João Gava / Av. Fredolin Wolf. Ir até a Ópera de Arame e continuar subindo pela Rua João Gava, seguindo sempre a via principal, até chegar ao Parque.

**Ônibus** - Convencional: Raposo Tavares / Fredolin Wolf / Júlio Graff - Praça Tiradentes. Descer em frente ao Parque.

**Horário de visitação** - Diariamente, das 8 às 18 horas.

LOC.1 - Que beleza !! E olha, vá mesmo e leve a criançada conhecer porque conhecer não ocupa espaço, tá ouvindo!

LOC.2 - Tá certo Cumpadre, mais um lugar bonito da nossa Cidade!! Mas vamos caminhando em frente Seu Roberto ?

LOC.1 - Cumbinado Seu Marcos. E agora chegou a vez do nosso bloco sobre as erva!!

LOC.2 - Perfeitamente Compadre. Vamos passar umas dicas de ervas medicinais, porque as plantas ajudam a gente de verdade, por exemplo:

O Colorau: Planta arbustiva, com caule ramificado, flores branco-rosadas e frutos espinhosos e marrons. Seus frutos e sementes são aproveitados na cozinha, principalmente como coloríficos.

Possui propriedades adstringente, afrodisíaca, bactericida e corante. O colorau, é usado para dar cor a carnes, arroz, queijos, molhos e sopas. É vendido na forma de um pó avermelhado ou em folhas secas.

LOC.1 - E eu já vou completando o time com a o Espinheiro-Marítimo: Planta arbustiva, de ramos espinhosos, folhas com pelugem cinza e frutos amarelos em forma de baga. Apenas os frutos são utilizados na culinária. Rico em vitaminas C, A, B1 e B2, E, K e P, o espinheiro-marítimo atua como anti-cancerígeno, anticoagulante, antiinflamatório e hipotensor. Os frutos têm elevado valor nutricional e podem ser consumidos na forma de suco, geléia, licor, cerveja, sorvete e doces. A polpa também é usada como corante. A fruta é vendida na forma fresca.

LOC.2 - Que beleza!! Que coisa boa, mas então vamo preparar uma boa dose de música agora. E vamo tocar no Certa Vez mais Viola Quebrada, este grande grupo que tanto prestigia a música de raiz.

LOC.1 - E a música se chama Meu Céu e quem canta e o Grupo com Pena Branca e Xavantinho. Vamo escuitá? Sorta o som ô Compadre Gabriér!!

*Música - Só Pra Você (2.28 min) - Faixa 18 que é 19 - CD Mário 60 anos.*

LOC.1 - Isso é uma beleza hein cumpadre Recchia, taí Meu Céu aqui no Certa Vez, e a composição dessa moda é do Xavantinho e Zé Mulato.

LOC.2 - Tá certo compadre Guiz, afinada a moda né? Bom, então vamos apreciar mais um pouco das ervinha que curam compadre.

LOC.1 - Certeza e eu já vô falando dos Efeitos medicinais da Araruta: Planta herbácea, folhas compridas, flores pequenas e brancas e frutos vermelhos. Da araruta é feita uma farinha de alto teor nutricional. A araruta tem efeito analgésico, cicatrizante, digestivo e diurético. A farinha é usada em biscoitos, molhos, cremes, sopas, doces, caldas e mingaus. É vendida em sacos plásticos ou a granel.

LOC.2 - Coisa boa de aproveitar né! Que belezura e compadre o Sr. sabe que podemos usar também a Curcúma - Planta de pequeno porte, de folhas longas, flores amareladas e frutos arredondados. É aproveitada como condimento devido ao seu sabor amargo e à sua coloração amarelo-dourada. Auxilia no combate à diarreia e exerce funções antimicrobianas e antitóxicas. Pode ser aproveitado para colorir molhos e para aromatizar temperos, queijos, xaropes, sucos, carnes, pickles e arroz. A cúrcuma é vendida seca e moída em saquinhos plásticos ou potes, que tar?

LOC.1 - E o Jasmim? Trepadeira lenhosa, com flores brancas, amarelas ou rosadas e fruto escuro e em forma de baga. As flores são utilizadas como aromatizante na

culinária. O jasmim produz efeitos afrodisíaco, anti-séptico e calmante. É aproveitado principalmente para aromatizar doces. Seu chá também é apreciado para acompanhar refeições e lanches. E é sempre bom a gente estar lembrando que essas dicas são apenas para informar, e que você antes de fazer uso, deve consultar o médico de sua preferência. A melhor orientação deve ser com ele.

LOC.2 - Mas vamo bota mais moda então! A música se chama Memória Praeira e é uma moda cantada e composta por Renato Teixeira.

LOC.1 - Vamos ouvir Renato Teixeira. Compadre Gabriel sorta a moda. E ocê, Vai ouvindo...

*Música - Memória Praeira (1.42 min) - Faixa 09 - CD Renato Teixeira.*

LOC.2 - Viu que modão Compadre. No Certa Vez é assim: A gente informa, intérte e se diverte...

LOC.1 - É mesmo!! Então cumpadre é mais um bróco que tá chegando ao fim e nois vamo pra mais um intervalo e daqui a pouquinho tâmo de vorta outra vêis.

LOC.2 - É, tá certo Cumpadre! E vamo aproveitar a forguinha e reformá o mate porque aquela erva tá podendo ainda e a água começou a chiar e não pode ferver! É lá e cá, aguarde que nós já vortamo.

### Intervalo 2

LOC.2 - Tâmo de vórta. E chegou a hora dos abraços no Certa Vez! Um abraço pro José Ville, tivemos conversando esses dia e trocando umas idéias, pro Thiago Recchia, meu sobrinho que tá firme com a gente, o nosso abraço pro Roberto Bittencourt, grande poeta que tá com a gente né, a Christiane Petrelli, e vai também nosso abraço pro Sérgio Bruel, e pra todo mundo que tá sintonizado no Certa Vez. E ocê Sidão taí firme, e ocê Carlão, também tá, passe lá em casa na Terça viu, tem uma erva boa pra gente mateá e prosear?

LOC.1 - Que Beleza Sôr !! Vamo ouvi mais uma moda intão!!! Vamos ouvir Capim Azul, um Instrumental dos miór de Almir Sater e aproveitamo pra oferecer pra toda a companheirada que tá apreciando o Certa Vez.

LOC.2 - E essa é uma composição dele mesmo e olha o manejo com a viola que o caboclo faz!

LOC.1 - Com Certeza!! Então, Compadre Gabriel, vamo escutar a moda Capim Azul e ôcê vai ouvindo...!

*Música - Capim Azul (3.16 min) - Faixa 11 - CD Almir Sater.*

LOC.1 - Que música linda né compadre, que capricho na moda né? Mas compadre, hoje tem mais entrevista no programa né?

LOC.2 - Opa! Aqui no Certa Vez, a gente entrevista gente de peso, e continua a entrevista com Sir MÁRIO ZAN!!

LOC.1 - Eita beleza!!!! E como nós proseamo bastante, tem mais um pedaço pra mostrar pro nosso ouvinte né compadre Recchia?

LOC.2 - Com Certeza, e vocês já vão fica sabendo mais um pouco de Mário Zan, tá bão??

LOC.1 - É pra já, então vamo proseá compadre Recchia?

LOC.2 - Vamo proseá compadre Guiz!!

*Entrevista Mário Zan (+ou- 6 min)*

LOC.1 - Taí a entrevista com Dotor Mário Zan. O Rei da Sanfona!

LOC.2 - Que beleza Compadre Guiz e semana que vem continua né?

LOC.1 - É, semana que vem tem mais né Nhô Recchia? Tem mais outra parte da Entrevista com Mário Zan. E agora Compadre bem que pode ser mais música na conversa né?

LOC.2 - Agora o Sr. falô bunito, e por falar nisso compadre, já que a entrevista foi com Mário Zan vamo lembrar a música chamada Serelepe, o que que o Sr. acha?

LOC.1 - Agora vocês vão ver, ou escutar, o que é um sanfoneiro de verdade, tá bão? Compadre Gabriel, sapeca essa moda aí ligerô porque é das boa!

*Música - Serelepe (2.43 min) - Faixa 14 - CD Mário Zan 450 anos S. Paulo.*

LOC.1 - Que belezura hein Compadre Recchia, o Sr. sentiu a qualidade do sanfoneiro?

LOC.2 - O sr. sabe que fiquei até meio sem folego de tão ligêra essa moda! Então cumpadre é mais um programa que tá nos finir e nois vamo queimando o chão, mas semana que vem nós estaremos aqui outra vez com mais um Certa Vez...

LOC.1 - É! tá certo, Cumpadre, semana que vem tamo aqui pra mais uma edição do Certa Vez.

LOC.2 - Certeza Cumpadre Guiz e quem precisá entrar em contado com a Paraná Educativa não fique acanhado, o endereço é Rua Júlio Perneta, n 695 – no Bairro Mercês!.

LOC.1 - Bem lembrado compadre Recchia, e o telefone pra quem quiser investir uma ficha pra prosear com a rádio é 331-7400.

LOC.2 - E o e-mail do Certa Vez é [certavez@terra.com.br](mailto:certavez@terra.com.br), tudo minúsculo e tudo junto reunido na mesma bolada!!

LOC.1 - Beleza Compadre Recchia, e vamos indo embora porque o tempo trêminô!

LOC.2 - Isso mesmo, o tempo não para, Vamo simhora. Até semana que vem e saúde a todos. \* Mais se der tempo o nosso ouvinte fica com mais música, quem vai tocar é Luiz Gonzaga o Rei do Baião, que falou que Mário Zan é o Rei da Sanfona, e a melodia se chama Qui Nem Giló. Então até semana que vem... E saúde pra todos.

LOC:1- Então, tiavorta pessoazarada , até semana que vem... E muita saúde pra todos nós!!

*Música - Qui Nem Giló (2.46 min) - Faixa 02 - CD Luiz Gonzaga.*

---

## **CERTA VEZ... UM PROGRAMA DA NOSSA TERRA**

### **PROGRAMA DE 26/07/03**

*(Abertura tradicional modinha de viola)*

LOCUTOR 1 - Certa vez dois caboclos e ainda por cima compadres que moravam em sítios vizinhos e eram muito amigos. Tudo ia correndo as mil maravilhas, até que certo dia um deles que se chamava Antonio e era conhecido como "Tonho", cismou que a mulher do outro que se chamava Sebastiana e era conhecida como "Tiana" estava interessada nele. Como enfiou essa idéia na cabeça, todos os agrados que recebia da comadre "Tiana", ele imaginava que eram insinuações e que ela estava a fim de trair o compadre com ele. E assim o "Tonho" esperava uma chance de ficar a sós com a comadre para agarrá-la. Até que certo dia ele foi até o sítio do compadre Benedito, que era mais conhecido como "Dito" e a comadre "Tiana" ao ver o "Tonho", imediatamente mandou que entrasse e como sempre fazia mandou que sentasse enquanto passava um cafézinho.

A comadre explicava que o marido tinha saído para trabalhar e perguntava curiosa o que o compadre queria ali tão cedo e este por sua vez com a idéia fixa de que toda a gentileza da comadre era interesse com ele, investiu sobre ela e enquanto falava ter percebido do interesse dela a agarrou tentando beijá-la.

Ela afastou o compadre com um empurrão e dizia que ele estava louco e que ela jamais seria capaz de tamanha covardia com o marido.

Depois de certa insistência e vendo que estava completamente enganado em relação à comadre, o "Tonho" começou a perceber a idiotice que tentou fazer e morrendo de vergonha começou a chorar e pedir desculpas.

A Sebastiana por sua vez, disse que em nome da velha amizade, o perdoava, e se o "Tonho" jurasse que nunca mais tentaria uma besteira dessa o assunto morria ali. E assim o "Tonho" saiu para ir embora, mais acabou de sair e o "Dito" que tinha esquecido em casa a sua lima de amolar a enxada voltou para apanhá-la, e sendo recebido pela mulher na porta e vendo pelas costas o compadre já a alguma distância, indagou com a mulher o que ele queria ali tão cedo. A mulher para evitar o que poderia ser uma tragédia se contasse a verdade, inventou que o compadre tinha vindo emprestar a espingarda para dar uma caçada. E o marido vendo que o compadre ia indo embora sem nada, disse porque ela não tinha emprestado.

Como a mulher disse que tinha receio de entregar a espingarda sem ordem dele, ele mais que depressa entrou em casa, pegou a espingarda que estava atrás da porta e começou a correr atrás do compadre gritando para que ele parasse. Quando ouviu o seu nome e viu o compadre correndo atrás dele com a espingarda o "Tonho" pensou aflito:

- Aí Jesus a comadre contou para o compadre e ele quer me matar. E saiu correndo feito um desesperado e continuou assim por um bom tempo com o compadre "Dito" correndo atrás dele para emprestar a espingarda gritando:

-Espera compadre Tonho, espera compadre...

LOCUTOR 2 - Eta, Compadre Guiz! Você viu só o que aconteceu com o metidão a besta que achou que a comadre tava a fim dele?

LOC.1 - Óia compadre Recchia, esse caboclo aprendeu uma lição né?

LOC.2 - É verdade compadre, e o Sr. sabe que independente das intenção dele ele deveria pesquisar melhor se a comadre tava afim de barganhá uns aroxo com ele, o Sr. mnão acha?

LOC.1 - É verdade, se ele tivesse sido mais humilde tinha pensado melhor e tinha tirado isso da cabeça na primeira vez né?

LOC.2 - Pois olha, eu se tivesse numa situação dessas eu teria vergonha na cara só de pensar em partir pra cima da comadre dele, não é mesmo?

LOC.1 - É... O sr. sabe que isso é verdade mesmo, mas o Sr. acha que alguém já tentou sso e deu certo?

LOC.2 - Olha, essa coisa são delicada de fala, mas a vida é assim mesmo, eu acho que esse causo existe e não é a toa não!

LOC.1 - É verdade, essa situação é dificil da gente troca uma prosa mais firme, cada um tem um jeitão de pensar !

LOC.2 - Mas intão vamo pra frente?

LOC.1 - Mas intão vamo, vamos ouvir uma moda daquelas pra lá de boa?

LOC.2 - Vamo simbora intão, vamos ouvir no programa de hoje umas moda que vai levantar a bandeira da diversidade, tá bem variado, e é tudo de tirar picapau do toco mesmo, intão vamo ouvir logo de saída Caçador de Tião Carreiro e Carreirinho na bela voz de Oswaldo Rios do Viola Quebrada!

*Música - Caçador (3.15 min) - CD Viola Quebrada.*

LOC.1 - Que modão hein, mas compadre Recchia, vamo de mais Valêncio Xavier em Lendas Paranaenses? Porque nós ainda temo bala na agulha!

LOC.2 - É mesmo, compadre? Mas que beleza, o Sr. aperte o gatilho intão.

LOC.1 - Mas claro , lá vai ? Maria Bueno:

Contam muitas lendas sobre a prostituta que foi morta por seu amante em 1893 e virou a santa de Curitiba. Muitos milagres a ela atribuídos aconteceram no seu túmulo, no Cemitério Municipal. De noite, os ladrões que não conseguem arrombar o cofre onde está o dinheiro deixado por fiéis agradecidos põem fogo no túmulo, mas por milagre da santa as chamas se apagam sozinhas.

LOC.2 - Êta belezura cumpadre, o Valêncio Xavier e suas lendas é de tirar picapau do toco, e sempre com muito humor?

LOC.1 - Se é, mas compadre vamo se largá pra outra prosa aqui no Certa Vez?. Vamo manda pro nosso ouvinte uma receita das bem boa?. O Sr. sabe que uma boa alimentação é de sartá butiá dos borso né?

LOC.2 - É verdade. Vamos pra frente, e hoje a receita é de um prato que é de tira picapau do toco também cumpadre.

LOC.1 - Tá certo, cumpadre, é daquelas de faze froxá as obturação!

LOC.2 - É a Jardineira, e não é aquela da música da Jardineira que estava triste, essa é daquelas bem alegre!

LOC.1 - Então é o seguinte: lá vai os ingredientes: 1 quilo de aipim, 1 molho de cenoura, 1 quilo de abóbora, 8 espigas de milho, 1 quilo de batata inglesa, 1 quilo de chuchu, 3 quilos de carne sem osso, 4 cebolas médias, 6 tomates, 4 dentes de alho, 1 molho de tempero verde, sal como sempre a gosto.

Modo de Preparo: Cortar a carne em tirinhas , por para fritar. Depois de bem dourada, juntar o alho e a cebolas picadas. Os demais ingredientes devem ser

cortados em pedaços pequenos, sendo que o milho deve ser debulhado pois fica bem miór. Depois de fritos a carne e os demais temperos, colocar dois dedos de água na panela e ir juntando os ingredientes, começando pelos de mais difícil cozimento . A água deve ser mantida apenas o suficiente, para não secar sendo que o tempero verde deve ser misturado ao servir . Está receita da para mais ou menos umas 10 pessoas, isso se não tiver ninguém muito ocado de fome, e o acompanhamento é arroz com couve (faça o arroz como sempre, colocando a couve cortada bem fininha na hora de por a água).

Bom apetite pra todo mundo que for apreciar essa receita das boa!

LOC.1 - Muito bom, taí um delicioso prato saudável até a última colherada!

LOC.2 - E com certeza pode ser chamado de um poli vitamínico e rico em proteínas, não é mesmo compadre?

LOC.1 - É verdade, falô bunito! Gostaram pessoarzarada. Olha podem fazer esse prato e desgustar que é muito bõo mesmo, o Certa Vez assina em baixo!

LOC.2 - Então tá dada a receita, e pra ficar miór ainda vamos de mais moda da terra com o Nhô Belarmino, autor entre tantas músicas, de mocinhas da cidade e que criou outra música que é as mocinhas do sertão e que, vai desenvolve é o Grupo Viola Quebrada que sempre tá por aqui no Certa Vez. Essa é de chacoalhar o Esqueleto, esquenta até a carteira de identidade.

LOC.1 - Então vâmo passar as oréia e aprecia Nhô Recchia! Vamos ouvir As mocinhas do Sertão de Nhô Belarmino com o Grupo Viola Quebrada..

*Música - As mocinhas do Sertão (2.48 min) - CD Viola Quebrada.*

LOC.1 - Êta coisa boa cumpadre! O Nhô Belarmino não deixou as mocinhas do sertão pra trás o Sr. não acha?.

LOC.2 - É verdade, ele se lembrou ligeiro das cabocla que são tudo umas formosura ne cumpadre?

LOC.1 - Toda vida cumpadre e nós do certa Vez vamo passando pro nosso ouvinte tudo que é coisa boa, seja da cidade do sertão, coisa boas tem que divulgá.

LOC.2 - Isso mesmo. Mas compadre a prosa tá animada, mas tô oiando no meu cebolão... Mas ué, ele tá parado sô! Coitado, esqueci de dar corda e nós tamo chegando no final do primeiro bloco pelo relógio ali da parede, confere?. Então vamo pros intervalo e já aproveitamo pra toma um mate. E eu tô com uma loca de buena que é de esverdear os dente!!

LOC.2 - Tá bõo cumpadre, bem lembrado. Então pessoar, aproveitem pra espreguicá a preguiça, porque daqui a pouco nós já tamo de vorta e depois do intervalo continua o Certa Vez aqui na Rádio.

LOC.1 - É bem Ligeróte!

*Intervalo 1*

LOC.1 - Cumpadre Guiz tamo de vorta do intervalo. Já que falamo de preguiça no final do primeiro bloco vamo apresentar uma prosa do nosso Balaustre da Cultura popular o rico Camara Cascudo pra nós passar pro nosso ouvinte escuitá?

LOC.2 - Mais cráro cumpadre Recchia, o Sr. sorta o Câmara Cascudo aí!!

A Preguiça - A filha da preguiça estava com dor de parir, daí saiu a mãe preguiça em busca da parteira. Sete anos depois ainda estava viajando, quando deu uma tropeçada e gritou muito zangada:

- Ô meu deus, que coisa chata, isto é que dá o diabo das pressas...

Afinal, quando chegou de volta em casa com a parteira, encontrou os netos da filha brincando no terreiro!

LOC.1 - Êta demora sô!! Que coisa bunita hein cumpadre, o bicho preguiça é bem assim mesmo né? Ele podia dar umas dicas de como não se stressar pra gente, não é mesmo? Ele é tão calminho que a gente devia aprender qual é o segredo dele.

LOC.1 - Falô bunito. O bicho preguiça é mais uma das maravilhas da natureza não é verdade, e a natureza, eu desconfio que nem sabe que é maravilhosa.

LOC.2 - É verdade. Que coisa boa! Agora fiquei até meio devagar, e me deu vontade de ficar meio quieto e de ouvir música boa!

LOC.1 - Então o negócio agora e botar mais uma moda que é do compadre Celso Braga e Eliberto Barroncas, vamo manda cumpadre?

LOC.2 - Opa!, Vamo simhora que coisa boa é pra toda hora! Vamos ouvir Cheiro Bom com o Grupo Raízes Caboclas que são lá da Amazonia!

LOC.1 - Então ô da radiola, toca essa aí pra todo mundo que tá ligado dá uma escuitada!

*Música - Cheiro Bom (2.17 min) - Faixa 12 - CD Raízes Caboclas.*

LOC.2 - Mas cumpadre, depois dessa música e daquela prosa de antes, me deu vontade de sorta uma prosa boa desse nosso mundão que fala da verdade, da bondade e da necessidade e se a gente reparar bem, embora meio filosófico, porque é uma prosa d aquele filósofo antigo, o Sócrates, tem a ver com a sabedoria do nosso povo, do nosso caboclo, aquele sertanejo que aprendeu com a vida as coisas importantes, mas que infelizmente do jeitão que tá a vida nos dias de hoje, as pessoas parece que estão esquecendo!

LOC.1 - Mas intão o senhor sorta a prosa aí que nós vamo apreciar!

"Augustos procurou Sócrates e disse-lhe: - Sócrates, preciso lhe contar algo sobre alguém! Você não imagina o que me contaram a respeito de... Augustus nem chegou a terminar a frase, quando Sócrates ergueu os olhos do livro que lia e perguntou: - Espere um pouco Augustus. O que você vai me contar já passou pelo crivo das três peneiras? - Peneiras? Que peneiras? Perguntou Augustus. - Sim. A primeira, Augustus, é a **VERDADE**." Você tem certeza de que o que você vai me contar e absolutamente verdadeiro? - Não. Como posso saber? O que sei foi o que me contaram! - Então suas palavras já vazaram a primeira peneira. Vamos então para a Segunda peneira: a **BONDADE**. O que vai me contar, gostaria que os outros também dissessem a seu respeito? - Não Sócrates, absolutamente não! - Então suas palavras vazaram também a Segunda peneira. Vamos agora para a terceira peneira: a **NECESSIDADE**. Você acha mesmo necessário me contar esse fato, ou mesmo passar adiante? Resolve alguma coisa? Ajuda alguém? Melhora alguma coisa? - Não Sócrates... passando pelo crivo das três peneiras, compreendi que nada me resta do que iria contar.

E Sócrates sorrindo concluiu: -Se passar pelas três peneiras conte! Tanto eu, quanto você e os outros iremos nos beneficiar. Caso contrário, esqueça e enterre tudo. Será uma fofoca a menos para envenenar o ambiente e fomentar a discórdia entre amigos. Devemos ser sempre a estação terminal de qualquer comentário infeliz! Da próxima vez que ouvir algo, antes de ceder ao impulso de passá-lo adiante, submeta o que quer contar aos crivo das três peneiras.

LOC.1 - Ô loco! Que que bunito sô, é um pensamento bem importante pra gente se espertar um pouco sobre o nosso dia a dia e fazer uma reflexão, o Sr. não acha?.

LOC.2 - É isso aí, temo que valorizar tudo que a vida ensina e tem de bom e divulgar pra todo mundo, e a intenção é apenas contribuir para um mundo sem tantas coisas feitas sem pensar prejudicando o ser humano.

LOC.1 - Beleza pura compadre, e o Sr. se lembra compadre, da prosa sobre o nosso entrevistado no programa de hoje que é a Segunda parte da entrevista com o nosso querido Ari Toledo.

LOC.2 - É verdade e hoje nós vamos saber um pouco mais sobre Ari Toledo e muito mais, aguardem que no nosso bloco de entrevista nós vamos continuar com a Segunda .

LOC.1 - É verdade, a gente resolveu no último programa, reprisar a entrevista com a nossa querida Odelaí Rodrigues pra escuitá mais uma vez a falinha alegre e descontraída dessa que foi e será sempre umas das nossas grandes artistas que não surgem todo dia.

LOC.2 - Tá certo Cumpadre, e vamos em frente ? E eu tô desconfiado que tá na hora de mais música aqui na educativa, o sr. não acha nhõ Guiz?

LOC.1 - Bem dito compadre, tá na hora de mais moda aqui no certa vez.

LOC.2 - Então vamo fazer o seguinte, vamo apresentar uma dupla que já é nossa conhecida, é Marinho Galera e Paulo Vítola.

LOC.1 - E uma dupla desse naipe merece todo o nosso respeito. A se chama Serraria.

LOC.2 - Toca aí ô da vitrola Serraria com Marinho Galera e Paulo Vítola!

*Música - Serraria (1.39 min)*

LOC.1 - Que tar os compadre hein compadre? Beleza de música né?

LOC.2 - Ô se é, é com certeza uma musica que fala só verdades, "Florestas inteiras, madeiras de lei, que senhores do espaço deitaram no chão, ergueram castelos, palácios e reis, deixaram a devastação..." mas ainda bem que tem gente cuidando destas coisas que nosso artistas sempre estão denunciando em seus trabalhos, mas vamos em frente e sempre avanti! Vamos sortá mais uma prosa sobre os bairros de Curitiba pro nosso ouvinte?

LOC.1 - Ôpa, bem lembrado, essas novidade são muito boas e tem gostando e pedindo mais né compadre?

LOC.2 - É verdade então vamos falar sobre mais um bairro!

LOC.1 - Então é assim ó: É sobre o bairro do Capão Raso.

História do Bairro:

As origens do bairro se confundem com a história de Antonio e Catharina Gasparin, imigrantes italianos que se casaram e fizeram bodas de ouro no bairro. Proprietários de uma grande chácara e chefes de família numerosa (14 irmãos), trabalharam na

construção da Estrada de São José. Essa estrada que levava a São José era de macadame até a porta dos Gasparin, razão pela qual a região onde se originou o Capão Raso era conhecida como o "Fim do Macadame".

LOC.1 - Isso é uma beleza hein cumpadre, e o Sr. sabe que o Bairro do Capão Raso esta a 8.766 metros de distancia do centro de Curitiba?

LOC.2 - É verdade, não é longe não, e se o caboclo não teve muita pressa dá até pra ir a pé de vez em quando pra fazer uns exercícios né cumpadre?.

LOC.1 - É mesmo, o caminho se fizer uma dessas por semana já ajuda a manter a forma né cumpadre?

LOC.2 - E inclusive economiza quase dois real da passagem! Mas cumpadre vamo aproveita o que o papo tá animado e ouvi mais uma moda aqui na Rádio Educativa?

LOC.1 - Ôpa intão vamo apreciar mais uma sôr! A música se chama Tar, com Tar.

LOC.2 - Ô nhô Gabriel, desse a mão na botãozera aí!

*Música - Tar (2.59 min).*

LOC.1 - Depois dessa musicona, vamo sortá uma receita do poder dos sucos? Faz horinha que a gente não fala.

LOC.2 - Craro! Essas receitas são simples e é uma delícia.

LOC.1 - Então vamo para receita de suco que se chama Tônico Curitiba pro inverno!

Ingredientes: 6 Cenouras

½ beterraba e com as folhas e tudo

03 galinhos de salsa

Como fazer: Lave bem as verduras, do seu jeitão, corte a cenouras e a beterraba em pedaços, junte a salsa e bata tudo no liquidificador. Daí e só entornar um copão bem cheio que o resto a natureza cuida, e você sabe, suco é suco!!

Com este suco você vai Ter vigor e saúde, vai se sentir bem e melhorar a aparência, este suco é de tirar picapau do toco!!

LOC.1 - No Certa Vez é assim: A gente informa, intéрте e se diverte...

LOC.2 - Então cumpadre é mais um bróco que tá chegando ao fim e nois vamo pra mais um intervalo e daqui umas duas vorta no ponteiro do segundo do meu cebolão, tâmo de vorta.

LOC.1 - É! tá certo, Cumpadre, e vamo aproveitar e dar mais uma beijada no mate que tá bom barbaridade.

*Intervalo 2*

LOC.2 - Tâmo de vórta. Mas Cumpadre, agora que tâmo de vorta, eu vou aproveitar pra mandar uns abraços pro nossos ouvinte, que estão sempre se manifestando de maneira amável, comentando sobre o programa, sugerindo algumas músicas e oferecer pra todos eles a música que se chama tar, com o mestre Renato Teixeira tá bão?

LOC.1 - Tá falado, sorta a bicha aí porque o nosso ouvinte merece e nós também gostamo muito, e eu já tava com sardade do renatão!

LOC.2 - Então eu vou mandá ficha, a música é o verdadeiro hino do caboclo que vive no mato e sabe das coisas !

LOC.1 - Então sorte o Argum Cansaço aí moço!

LOC.2 - Óh, é o seguinte: Ocêis escutem e prestem atenção que essa letra é de sarta butiá do bolso, e vocês já sabem que "é capital, a paz vem do interior"!

*Música - Argum Cansaço (3.3 min) CD Renato Teixeira.*

LOC.1 - Eta belezura hein cumpadre, e olha, é lindo e uma satisfação receber o retorno do nosso ouvinte, seja dando sugestões, fazendo sua crítica, mandando contribuições, porque nós tamo aqui para isso?

LOC.2 - É verdade, é isso é muito gratificante e trás satisfação, inclusive estimula a gente continuar o nosso trabalho e a procurar melhorar cada vez mais, e o Sr. sabe que a nossa ouvinte Dona Irene anda gravando os nossos programa pra mostra pros familiar que não pode ouvir no dia que nós apresentamo.

LOC.1 - É isso mesmo, tudo de bão pros nossos ouvintes e temos a sorte de viver num estado, num país que tem bastante gente boa que tá fazendo a nossa cultura, nossa educação, e o povo merece esse respeito.

LOC.2 - É mesmo, aqui na nossa cidade e no nosso estadão do Paraná e assim mesmo, tá chei de gentarada boa, é gente que tá batendo bem no meio que é pra raxá mesmo!

LOC.1 - O Sr. tem razão compadre!

LOC.2 - Mais intão eles merece música boa, não merece cumpadre?

LOC.1 - Toda vida, eles merece mesmo, concordo com ocê plenamente!

LOC.2 - Que tar ponhá essa óh...João de Pé no Chão !

LOC.1 - É isso aí, essa vai muito bem!

LOC.2 - Intão pessoar, vamô de mais moda boa aqui no Certa Vez!

LOC.1 - Tá cumbinado! Óia só, vamo envia essa música, e é do João Gonçalves e Toni Cezar.

*Música - (3.19 min) - Faixa 11.*

LOC.2 - Que modão hein cumpadre? Mas o cumpadre, as dica de cultura da nossa cidade hein ?

LOC.1 - Pois bem lembrado, tá acontecendo coisarada boa na nossa capitar, por exemplo: lá no teatro Zé Maria Santos tá em a cartaz a peça de Teatro O caminho da Montanha de Quarta a Domingo as 21:00H e as quartas o ingresso custa apenas R\$ 1,99, e a peça Linguíça no Campo também continua em cartaz lá no teatro Cleon Jaques e você não se esqueça de dar uma passada lá no tuc, prestigiar a canja de viola que já completou 17 anos de boas tardes de Domingo, e é sempre a partir das 3 da tarde, o só chegar lá e se divertir, tá bão?

LOC.2 - Então ta com você ouvinte aproveite, por que tá boa a programação, e só escoliê e se divertir e não se esqueçam da canja de viola todos os domingos a partir das 3 da tarde lá no Tuc, na Galeria Júlio Moreira, perto da Catedral.

LOC.1 - Tá dado o recado né cumpadre Recchia?

LOC.2 - Craro! E que tar nós ir indo pra entrevista de hoje cumpadre que é a Segunda parte da entrevista com o nosso amigo ari Toledo que tem bastante coisa pra falar pra gente.

LOC.1 - É, vocês já vão saber mais um pouco sobre o nosso querido Ari Toledo e suas contribuições com a "terapia do humor e do riso".

LOC.2 - Então vamo prosiá.

LOC.1 - Então tá cumbinado! Vamo prosiá!

*Entrevista Ari Toledo (8 min).*

LOC.1 - Taí. A entrevista com o Ari Toledo.

LOC.2 - E foi um grande prazer fazer a entrevista e também tomar um mate com ele no saguão do Hotel né cumpadre?

LOC.1 - No Certa Vez é assim: A gente informa, intéрте e se diverte...

LOC.2 - E toma mate! Então cumpadre é mais um programa que tá chegando ao fim e nois vamo saindo de mansinho, devagar, porque não há pressa, mas semana que vem tâmo de vorta.

LOC.1 - É! tá certo, Cumpadre, semana que vem tem mais, pra quem ficar ligado aqui na Rádio Educativa.

LOC.2 - Certito, e lembrem-se do nosso e-mail : É certavez@brturbo.com, né cumpadre?

LOC.1 - Certeza, e quem quizer mandar uma cartinha é só escrever para a Rua Júlio Pernetá, nº 695 - Mercês, que nós teremos o prazer em responder e divulgar sua correspondência aqui no programa da nossa terra, um grande abraço e até semana que vem.

LOC.2 - Inté pessoar! E pra terminar bem na conta, vamos encerrar o programa de hoje com uma do tar!

LOC.1 - Simbora... A música se chama tar e quar.

*Música - Tar e tar (03.41 min.)*

---

## **CERTA VEZ... UM PROGRAMA DA NOSSA TERRA**

### **PROGRAMA DE 12/11/2005**

*(Abertura tradicional modinha de viola)*

LOCUTOR 1 - Salustino resolveu dar uma volta a pé e ver as coisas mais de perto daquele pequeno Vilarejo. Puxou a mula Mascavo para a sombra de uma árvore, tirou o freio e repôs a cabeça, desapertou o arreio. Caminhando devagar, com jeito aberto, cumprimentava os homens passantes. Parou na farmácia, pediu uma cera para dor nos dentes e perguntou se havia uma barbearia por perto. O farmacêutico, meio que carrancudo, disse que era só virar a esquina. O boiadeiro agradeceu. Ele sabia que o melhor lugar para se conhecer uma localidade e suas pessoas era a barbearia. Uma portinha, entrou. Dois desocupados e o barbeiro tratando dos passarinhos. No canto, um gancho sustentando uma tarrafa sendo trançada ainda. Cumprimentou com bons ares. O barbeiro, homem pequeno, franzino o recebeu alegremente: "Vamos chegar, vamos chegar... Amigo parece querer usar meu serviço. Já atendo... já atendo...". Veio e estendeu a mão. Ainda colocando aquele pano para proteger dos cabelos cortados, começou perguntas visando conhecer quem era o boiadeiro. No bom grado, recebia respostas francas. O barbeiro era exímio na tarefa. Salustino também colheu informações importantes sobre a vila e moradores. Antes de pagar o cabelo e barba, já se dispunha a fazer amizades. Saiu com a promessa do barbeiro ir à venda para um "aperitivo da janta". Um carro de bois, carregando lenha, rodeava a pracinha. O boiadeiro soltou pequeno abôio e cumprimentou alegremente o carreiro. Na volta, cavalgando a mula Mascavo, cutucou a bichina para ela mostrar um trote mais nervoso. Por cima de uma cerca, não muito longe da venda, viu a moça de blusa vermelha puxando água da cisterna. Ambos rabiscaram o olhar. Começo sempre tem começo... Conhecido já estava ficando e, depois da primeira talagada, se permitiu fazer umas perguntas mais aprofundadas. Alegrou a venda com sua simpatia. O vendeiro e ele esticaram um pouco mais a noite conversando e jantando ovos, lingüiça e mandioca cozida. Foi dormir no puxado, onde estendeu a rede que o acolheu muito bem. Sonhos não faltaram antes do sono...

LOCUTOR 2 - Eita trem especial!! Que beleza Compadre Guiz, o que é a tar da simplicidade hein! Prosa da Coluna do Batata no saite Sitio do Caipira. Com certeza o segredo está na simplicidade do homem, mateiro ou não, seja da onde for, mas o do interior é mais autentico! Mas então meu amigo véio e companheiro, está no ar mais um Certa Vez, o Programa da Nossa Terra, que que acharam turmaiada?! O Senhor tá bão né Compadre Guiz?

LOC.1 - Mas craro!! Tudo bão Compadre Recchia! Ainda mais que recebi a visita do mano véio, o Robi, lá de Floripa. Deve ta ouvindo o Certa Vez pela Internet. Mas como passou a semana Compadre?

LOC.2 - Ah, sempre daquele jeito! Cada vez mais Sossegado. E o Certa Vez, continua daquele jeito também, informando, intertendo, e divertindo!!

LOC.1 - Com certeza, e companheirada: um Abraço daqueles de amigo do peito, bem apertado, dos Compadre que aqui vos falam neste momento especial! Mas Nhô Recchia, vamo sortá a primeira página musical desta edição do Certa Vez?!

LOC.2 - Opa Nhô Guiz!! O Compadre Gabriel é o nosso companheiro de todas as jornadas! Vamo nessa Compadre Gabriel?

LOC.1 - Vamo sortá o cedezóte! É Necessário, linda composição do Geraldo Espíndola que o Almir Sater musicol e esta é a primeira do programa de hoje!! Então Compadre Gabriel, larguemo né? e ôce já sabe? Vai ouvindo...

*Música - É necessário (4.11 min) - Faixa 01 - CD Almir Sater.*

LOC.2 - Compadre Guiz, é necessário ouvir esta moda de vez em quando não é verdade!? Mas ah Gallo Véio!. Pra frente então?

LOC.1- Claro índio véio, pra frente! "Colher esperanças de querer", como diz a moda. Mas... Não tenho dúvidas de que a turma já ta esperando a nossa receita dessa semana Nhô Recchia?!

LOC.2 - Com Certeza!!? A nossa cumpanheirada de casa já sabe!!

LOC.1 - Vamo assá aquela costela de Carneiro compadre Recchia??!!

LOC.2 - Eu sou parceiro!!! Compadre Guiz, o titulo de foguista de primeira é do Senhor mesmo!?!

LOC.1 - De primeiríssima sim Sinhô! Bão Compadre Recchia, o cumbinado continua né, o Sr. fala dos ingredientes da receita, e em seguida, eu ajudo a fazê!

LOC.2 - Cumbinado é cumbinado!! O mate tá pronto Compadre! Bão, Vamo assá uma Costela de Carneiro de tirar picapau do toco! E essa é na brasa túmeme! Eu vou temperá a bichinha e o compadre Guiz vai metê no fogo!

Ingredientes: 1 peça de costela de carneiro.

Para o Tempero

- 2 dentes de alho descascados e esmagados
- ½ cebola pequena descascada e cortada em cubos
- ½ copo de vinho branco seco
- 1 xícara de chá de água filtrada
- 1 colher de sopa de vinagre de vinho branco
- 1 pitada de pimenta-do-reino branca, moída na hora
- ½ colher de chá de sal refinado

LOC.1 - Agora é minha vez:

Limpe totalmente a costela e separe o matambre (aproveite para prepará o bichão recheado). Num recipiente de louça, refratário ou plástico, misture todos os ingredientes de tempero e mergulhe neles a costela. Deixe marinando por 12 horas na geladeira. Quando for assar, retire da geladeira e deixe pelo menos 1 hora em temperatura ambiente. Leve à grelha a uma distância de 40cm do braseiro forte, vermeião mesmo, e deixe durante 40 minutos com a parte dos ossos voltada para baixo. Depois vire e deixe mais 10 minutos para dourar a camada mais generosa de carne. Sirva cortando a peça entre os ossos, separando cada "ripa" com sua devida porção de carne. E uma cachachina da boa não é proibido, desde que você beba com moderação...

LOC.2 - É a tar da dose certa que nós sempre tamo falando aqui né compadre? E na companhia da nossa receita de hoje, vamos ouvir Sina de Violeiro!!

LOC.1 - E quem compôs foi o Renato Teixeira e já que ele compôs, nada melhor que ele mesmo cantar. Vamo escuitá a moda? E ocê, vai ouvindo...

*Música - Sina de Violeiro (3.34 min) - Faixa 12 - CD Meio Século de Música.*

LOC.2 - E como canta esse rapaz hein compadre Guiz, eita Renatão véio!!?! E agora que já escuitemo a moda, vamos de dicas Compadre! Vamos aprender mais um pouquinho, porque saber não ocupa espaço. Vamo nessa Compadre Guiz?

LOC.1 - Então vamo principiá o trem: A tar da BATATA-DE-PURGA e um laxativo esperto e um energético de tirar picapau do toco, e não fosse só isso, ainda por cima é depurativo. A BERINJELA véia de guerra reduz o colesterol e triglicérides e ácido úrico. Já a vermeiôna BETERRABA é boa contra anemia, antiácidos, e laxativa.

LOC.2 - Ah, agora sou eu, O tar de CABELO-DE-MILHO é diurético, elimina o ácido úrico. O espinhentão, o CACTUS é cardiotônico, vai bem contra palpitações, e síndromes cardíacas. Por outro lado o CAJUEIRO, o lindo cajueiro, atende na diabete, colesterol, triglicéride, e inflamações da garganta.

LOC.1 - E temos ainda a CANA-DO-BREJO, diurético, depurativo, e antiinflamatório. Já a CANELA-DE-JAVA é estimulante, contra gripes, febres, antiespasmódico. E pra acabá a CAROBINHA: é depurativa, cicatrizante, inflamações da garganta.

LOC.2 - E tá feito o Carreto. A Costela de Carneiro já ta cheirando e as ervinhas já tão fazendo bem pra saúde, e na continuação Compadre, vamo sapecá uma piadinha de caboclo?

LOC1- Essa o Senhor sabe que pode deixar comigo, eu gosto e sô companheiro!!

Então é assim:

Certa Vez, lá em Campo Largo o garoto levou uns peteleco da vizinha, e a mãe do piá, furiosa, foi tomar satisfação:

- Por que a senhora bateu no meu filho?
- Ele foi mal-educado e me chamou de gorda feia!
- E a senhora acha que vai ficar magra e bonita batendo nele?

LOC.2 - Ô loco!! Ainda bem que é só uma piadinha inocente né? Tá certo Cumpadre, num tem pra onde correr, com o caipira é bem desse tipi, é a alma cabocla sempre a se manifesta! Toquemo em frente ? O Sr. divurgue pra nós o que que tem na continuação do Certa Vez...

LOC.1 - Tá certo... Então vamo ouvir mais uma composição. Quem tá na veiz é o Compadre Luizinho, O Galo Véio Limeira e a comadre Zezinha e eles vão desenvolver a moda: Sonho de Caboclo, pra toda companheirada que ta apreciando o programa.

LOC.2 - E a composição é de Moacyr e Limeira! Sensível a Moda!! Gabriel Guiz, sorta a melodia...

*Música - Sonho de Caboclo (3.13 min) - Faixa 09 - CD Meio Século de Música. Vol. 06.*

LOC.2 - Êita modão compadre! O Sr. sabe que eu também já tive um sonho de caboclo!! Mas o compadre, agora temos uma prosa séria e importante e é sobre Febre Aftosa... E essa o Sr. pode começar Compadre?

LOC.1 - Mas então não!!! A febre aftosa é talvez a doença mais temida pelos pecuaristas. Nos animais, ela provoca afta na boca e na gengiva, além de feridas nas patas e nos tetos. A vaca fica em estado febril, não consegue pastar, perde peso e produz menos leite.

LOC.2 - **Contaminação** - Os animais que podem ser contaminados pelo aftovírus são bois, porcos, cabras e ovelhas. Enfim, todos os animais de casco fendido (partido). No caso dos humanos, não há contaminação.

LOC.1 - **Transmissão** - O aftovírus pode ser transmitido pelo leite, carne e saliva do animal doente. A doença também é transmissível para animais pela água, pelo ar e por objetos e locais sujos. Humanos não transmitem o vírus entre si, mas podem levar na roupa, no calçado, pele, cabelo, caso tenham entrado em uma área onde há aftosa.

LOC.2 - **Prevenção** - Não existe tratamento contra a Febre Aftosa e sim medidas preventivas específicas pelo uso de vacinas. No Brasil, o processo mais aconselhável é a vacinação periódica dos rebanhos, assim como a imunização de todos os bovinos antes de qualquer viagem. Em geral a vacina contra a febre aftosa é aplicada, de 6 em 6 meses, a partir do 3º mês de idade. No Paraná deve ser feita nos meses de maio e novembro. Na aplicação devem ser obedecidas as recomendações do fabricante em relação à dosagem, tempo de validade, método de conservação e outros pormenores.

LOC.1 - Depois dessa aula sobre pecuária e Febre Aftosa, vamo de mais música. E essa moda se chama Coração Sabe o Que Faz, e é interpretada pelas irmãs Galvão aqui no Certa Vez. Conferimo?.

LOC.2 - Ah de não! Os caboclo da escrivinhação, gostou compadre, escrivinhação?, foi o Bia e o Bolinha!!! Compadre Gabriel, é ôce o cara! Sorta a modinha...

*Música - Coração Sabe o que Faz (2.59 min) - Faixa 11 - CD Meio Século de Música. Vol. 06.*

LOC.1 - Ô belezura, taí Coração Sabe o Que Faz com as Irmãs Galvão.

LOC.2 - Com certeza, aqui é assim: A gente informa, interte e se diverte, dá uma escuitada!!?

LOC.1 - O caboclo, já velhinho, vai ao médico reclamando de dor na perna direita. O médico o examina, examina e não acha nada de errado.

- A sua perna não tem nada - conclui. - Está perfeita!

- Então, porque é que dói?

- Deve ser por causa da idade!

- Como é que a outra também tem a mesma idade e não dói?

LOC.2 - Mas que barbaridade compadre? Mas o véinho tinha lá sua razão não é? Vida de médico também não é fácil!

LOC.1 - Pois é, a vida tem disso. É bem sortido! Mas vamo pra frente!

LOC.2 - Vamo sim Sinhô! ? Vamo de Utilidade Pública e Utilidade Pública se Pública!  
"Todos os motoristas devem tomar cuidado para prevenir eventuais enguiços. O verão que se aproxima, indica a hora de preparar seu carro para rodar sem

problemas na estação mais quente do ano. Dedique atenção especial ao sistema de aquecimento e à bateria, que sofrem mais com o calor. Como a água evapora mais rapidamente, é importantíssimo que o motorista fique atento aos níveis com maior frequência.” E continua mais pra frente!

LOC.1 - Certeza! E música caipira também é utilidade pública, vamo escuitá uma moda das boa. Composição de Bob Nelson e Sebastião Lima!

LOC.2 - E essa é de sartá butiá do borso. Então ô Compadre, vamo escuitá Eu Tiro o Leite, e quem vai dar o ar da graça é Bob Nelson! Gabriel Guiz, vamo senti a moda. Pregue Fogo!!

*Música - Eu Tiro Leite (2.50 min) - Faixa 17 - CD Meio Século de Musica. Vol. 6.*

LOC.1 - Bob Nelsno, Eu Tiro o Leite, que tar o caboclo? “O sol desponta e eu começo a trabalhar”...

LOC.2 - Certeza, a música de tradição é sempre divertida e fala muitas coisas sérias! É isso aí, né cumpadre?

LOC.1 - É isso aí ! Mas compadre, pela ordem alfabética tem mais uma das nossas cidades do Paraná e hoje vamos falar de Boa Vista da Aparecida , o Sr. qué ter o prazer Compadre?

LOC.2 - Já to começando! Então hoje é a vez de Boa Vista da Aparecida.

A partir da década de 50, correntes migratórias oriundas das áreas cafeeiras do norte do Estado e de São Paulo, assim como catarinenses e gaúchos em busca de novas terras, trouxeram à região características econômicas e de urbanização típicas. Entre 1950 e 1967, foram criados e instalados vários municípios nesta região. A malha viária implantada veio somar-se às demais vantagens da região, facilitando o escoamento da produção aos mercados estadual, nacional e internacional. Criado através da Lei Estadual de 22 de dezembro de 1981, foi desmembrado de Capitão Leônidas Marques.

LOC.1 - A Boa Vista é sempre boa né compadre?. Então cumpadrão Recchia o primeiro broco do programa já demo conta, mas não esquentem a cabeça, porque nois vamo para um intervalinho e daqui a pouco retornemo !! Até já...

LOC.2 - É, tá certo Cumpadre! Si falemo! Inté daqui a pouco...

### *Intervalo*

LOC.2 - Tâmo de vórta. Matezinho danado de bão Compadre!!! E é hora de abraços aqui no Certa Vez! Um grande e forte abraço pra Comadre Nice, que ta melhorando de saúde, muita força viu comadre Nice !. Barbosão, Renan, vamo que vamo ta bão?! De hora em hora Deus melhora, como diz o ditado! E o Seu Pascoal tá empatando com o Compadre Sidão, eles não perdem um programa!! E pra todo mundo que tá sintonizado no Certa Vez, vai o nosso abraço. Mas então, após esse pequeno intervalo, vamo tocar no Certa Vez mais moda, e vai pra toda a companheirada que ta com a gente nesse segundo tempo de programa.

LOC.1 - E essa música se chama Baião da Serra Grande. O caboclo que escrivinhô foi o Fred Williams. Na voz eles, Parmêra e Biá. Vamo escuitá? Sorta a moda Compadrito Gabriel Guiz!!

*Música - Baião da Serra Grande (3.06 min) - Faixa 04 CD - Meio século de Música. Vol. 6*

LOC.1 - Isso é uma beleza hein compadre Recchia, Baião da Serra Grande aqui no Certa Vez, pra cumpanheirada que tá apreciando o programa conosco, hum...que tar, conosco?.

LOC.2 - Tá certo compadre Guiz, boa a moda né, a boa música de raíz! Bom, agora vamos passar uma prosa sobre saúde, que faz parte também da cultura de tradição:

LOC.1 - O Ministério da Saúde adverte: a falta de água tratada e de esgoto sanitário provocam diarreia, hepatite, salmonelose e cólera, doenças que resultam em cerca de 75% das internações hospitalares. No campo, a comumente usada fossa negra contamina os lençóis freáticos, fazendo da água usada pelo agricultor um veneno potente.

LOC.2 - A Embrapa desenvolveu um sistema barato e eficiente para livrar o produtor dessas doenças e ainda ajudá-lo no cultivo de suas lavouras. A fossa séptica biodigestora, além de evitar a contaminação do lençol freático, produz um adubo orgânico líquido que pode ser utilizado em hortas e pomares.

LOC.1 - A técnica é simples. Três caixas-d'água conectadas entre si são enterradas para manter o isolamento térmico. A primeira delas é ligada ao sistema de esgoto e recebe, uma vez por mês, 20 litros de uma mistura com 50% de água e 50% de esterco bovino fresco. Este material, junto com as fezes humanas, fermenta. A alta temperatura e a vedação das duas primeiras caixas eliminam os micróbios. No final do processo, o líquido está sem micróbios e pode ser usado como adubo.

LOC.2 - Pelos estudos da Embrapa, esse tipo de sistema é ideal para uma família composta por cinco pessoas que despejam 50 litros de água e resíduos por dia. Se houver mais gente, a sugestão é colocar mais uma caixa de mil litros.

LOC.1 - Para as propriedades que já estão com os lençóis freáticos contaminados, a Embrapa recomenda o uso de um clorador entre o cano de captação de água do poço e o reservatório. Isso elimina os microorganismos e garante água potável.

LOC.2 - Então os Gallo Véio que quiserem cuidar mais da saúde é só entrar em contato com a Embrapa da sua região!! Que tar essa Cumpadre Guiz? Vamo mandar mais moda na conversa intaum?

LOC.1 - Com prazer compadre Recchia! E essa é dos compadre Moraezinho e Ari Silvestre. Gabriel Digiovanni sorta a moda pro pessoal do Certa Vez! E ocê, vai nesse embalo, que é bom...

*Música - Panela Véia (3.14 min) - Faixa 14 - CD Meio Século de Música. Vol. 6.*

LOC.2 - Apreciô a moda Compadre, o tar do Sergio Reis imortalizou essa moda né? Viu comé Qui é? No Certa Vez é assim: A gente informa, intéрте e se diverte... Ó, escuitem essa daqui:

LOC.1 - O cara pergunta pro patrão:

- Chefe, pode me dispensar hoje à tarde? É que minha mulher vai ter um filho...

- Se é por causa disso, tá dispensado.

No dia seguinte, o patrão chega pro empregado e pergunta:

- E aí, correu tudo bem? É menino ou menina?

- Correu tudo muito bem. Agora, pra saber se é menino ou menina, temos que esperar nove meses...

LOC.2 - Deus que atáie!! Cabocrinho bem sem vergonha esse! Deu um dolangue no patrão... Mas a idéia foi boa...eh, eh... Vamo ouvi mais uma moda intão!! Vamos dar oportunidade para Gian e Giovane mostrar seu trabalho, 1,2,3, é o nome da moda.

LOC.2 - Com Certeza!! Então, Compadre Gabriel, vamo escutar no rádio, de Paulo Debétio, 1,2,3,.. ôo de casa, vai ouvindo essa tambem...!

*Música - 1,2,3, (2.42 min) - Faixa 15 - CD Meio Século de Musica. Vol. 6.*

LOC.1 - Que tar a moda compadre, Gian e Giovani no Certa Vez. E tem mais prosa das boa no programa viu nhô Recchia?

LOC.2 - Opa! Aqui no Certa Vez, a gente informa , interte e se diverte, o Sr. escuite a continuação das dicas pro verão que ta chegando, que vê ?!!

LOC.1 - As borrachas das mangueiras podem se romper. O ideal é substituir as que comecem a apresentar sinais de dilatação. Providencie também uma limpeza do radiador. As correias da bomba d'água e do comando de válvulas também estão mais expostas a estragos no verão. Verifique o estado das duas e, se for viajar, leve no porta-malas peças sobressalentes.

LOC.1 - As palhetas do limpador de pára-brisa podem estar ressecadas. Se for o caso, troque-as. Afinal, verão é tempo de chuvas fortes. Se ficar muito tempo exposto ao sol, o carro pode ter algumas partes deformadas. É o caso da superfície do painel, aerofólio e cobertura do porta-malas. O interior pode esquentar demais e até queimar os passageiros desavisados. Uma solução é cobrir os bancos com toalhas e usar um protetor de pára-brisa. Se estiver estacionado em um local seguro, deixe os vidros parcialmente abertos.

LOC.2 - *Eita trem bão Compadre Guiz! Com segurança não se brinca também!!*

LOC.1 - Com certeza compadre.! E agora Compadre vai bem uma boa música no entremeio da conversa né?

LOC.2 - Agora o Sr. falô bunito, e falando nisso vamo apreciá Laço de Amizade? De Tônico mais o Serrinha, e o Sr. diz pra nós quem vai interpretar essa moda!

LOC.1 - Vamo simhora! Essa é com os Gallo Véio Tônico e Tinoção , esses tem estrada...! Ô Compadre Gabriel é ocê que ta no comando, Vamos ouvir mais uma aqui no Certa Vez.

*Música - Laço de Amizade (2.10 min) - Faixa 05 - CD Meio Século de Musica. Vol. 6.*

LOC.2 - Que belezura hein Compadre Guiz. Laço de Amizade!

LOC.1 - Que tar? Aqui é assim mesmo, nós não cansemos de falar: a gente informa, interte e se diverte!

LOC.2 - Tá bão compadre Guiz! Fechemo as portêra? Então cumpadre é mais um programa que tá nos finir , é uma peninha porque a gente vai garrando mais gosto e acaba, mas o bão é que semana que vem tem mais, mais um Certa Vez, para onde chegar as ondas da Paraná Educativa. E pros caboclos internautas, é... porque nós semo caboclo das tecnologia boa também, os internauta podem escuitá na Internet e o endereço é ([www.agenciadenoticias.pr.gov.br](http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br)), que tar?

LOC.1 - É! tá certo, Cumpadre, sempre nesse mesmo espírito caboclo, semana que vem tamo aqui pra mais uma edição do Certa Vez.

LOC.2 - É, vamos em "boa hora". E finalizamo com mais música e essa se chama O Ganso, e é uma composição do Almir Sater, um instrumental que é DETIRARPICAPAUDOTOCO!!. Então até semana que vem... Sorte e bem estar para todo o Brasil e porque não dizer pro mundo inteiro!.

LOC.1 - Então, tiavorta pessoazarada , até semana que vem... E muita saúde pra todos nós!!

*Música - O ganso (2.35 min) - Faixa 05 - CD Terra de Sonhos – Almir Sater .*

## TRANSCRIÇÕES DOS CAUSOS DE GERALDO NOGUEIRA

---

### O MARIMBONDO (6.48 min)

**Geraldo:** Eheheh - Rapaiz, marimbondo é um trem danado mêmo mas, eheh não sendo na gente tem dia que até é engraçado. ehehehe

**Interlocutor:** Quando pega na nuca dum cumpanheiro assim perto é...

**Geraldo:** É de trusquiá êe... Ehehe

**Interlocutor:** É bom...

**Geraldo:** Eu já vi contecê uma massaróca com esse negócio de marimbondo minino, esse foi duro mêmo, mas esse não foi cumigo não, foi cum otro cumpanheiro, é, um sujeito muito abusante que nós tinha lá, ele era aqueles bichão fífo, o pai dele era o tale, então tudo dele era mió mêmo que o..., e ele judiava cum nós rapaiz, que nós era mais fraco, é, a gente não tinha nada, era nas troca de dia, ele judiava com a turma mais fraca, então, abusava... E ele tinha uma bestona muito alinhada sô, uma riata daquela que lumiava mêmo, ai um dia, e o pai dele tinha um otro piãozinho lá, aparta vaca, tiradô de leite, dia de domingo eles cabô de tirá o leite ele falo pro rapaizinho: Ah, vamo da um passeio hoje fulano vê umas moça? Aí o otrô foi, ó ocê é que manda. Não, busca a tropa pra nós, nós vamo... Ai o otro reunião a tropa, ele arriô a mulona dele o otro arriô um cavalinho véio lá do pai dele e saíram os dois sadio, e aí vai lá, moradô é longe minino, e já ia berando um matão, uma estrada berando o mato no serradão, e vai lá na cabeceira e não sei o que que deu rapaiz, que deu um dilurimento nos bófri dele, eu acho que foi um, um... um... circuíte que deu na tripa dele, eheheh e é que aquele dilurimento sô, a massa dele tava muito seca, ressecada, e ele saiu já cáquele dilurimento anssim, apiô da mula já gemeno, marrô a mula e saiu pá banda do mato no serrado caçando um lugazinho mais ajeitado pêle aninhá e aí invái aí invái ai invái, quando já tava pa entra no mato, ele rudiô uma moita de murici e deu num trierinho de gado que vinha du mato pu cerrado, ai quando deu no triero limpinho ali ai ele disarriô e aninhô. E é que o murici sô ainda tinha uma gaia na artura que ele aninhô e trancô na gaia, sô i é que o miolo da tripa dele tava era muito seco, não dava di si. Ele pegô na gaia e foi espremeno, foi ajuntano força, foi ajuntano, i, foi correno água nu zói, foi, e tinha hora que a vêia do pescoço dele pa rebentá dele... E aquilo não abalava sô e a dor, aí com muito ele fazê muita força qui foi dano di laciá um poquinho, aquilo foi dando di aluí e ele apertano, apertano e quando apontô aquela batata minino, ele ajuntano força, quando aquilo deu de di rompe um poquinho, quando ele juntava, aquilo viajava um tantinho anssim, quando ele parava pa tomá um fôlego aquilo quietava otra vez, ele tornava juntá que chegava quase rancá a gaia do murici, e aquilo foi indo desse jeito devagazinho, ocê oiava aquilo só memô cê ocê vê um cabo de formão, lizinho. E aquilo foi viajando devagazinho de tanto ele fazê força. Foi até qui aquilo bateu a testa no chão, mais inda tinha muito mantimento pa viajá ali. E eu não sei se ocês, argum do cês já deve de ter visto um marimbomdão que anda de apé, ele é um animal anssim rapaiz. E o tal do marimbondo caçadô e ívinha no triero, ai ele insistia dali apertano e o marimbondo chego naquele toco lá no meio do caminho, ai ele parô, rodiô aquilo, cherô, resorveu prumá naquilo. Quando chego lá onde o trem tava aporano, num tinha ricurso dele subi mais, ele tornô a pará, ródio otra vês e resorveu a ruê rapaiz, e a aba du trem tava pra baxo um tanto anssim, cumpanhano aquilo, quando o

marimbondo tacô aquela tisorinha que fez cócega rapaiz, ele fechô o rigistu duma veiz, e fechô a gabina do marimbondo pra dentro rapaiz e ai a carroceria dele fico pru fora e trusquiô a popa desse caboclo, um ferrão que era isso ó, quando ele mandava, sô esse sujeito rancô essa moita de murici nu estambo i bufano e pulano, e o marimbondo ta tacano o prego, quanto mais o marimbondo firruava mais ele ajuntava. O cumpanheiro qui tava isperando ele lá no caminho incomodô ca quele aranzé dele, gritava o que que é isso fulano, o que que é isso e ele ta só gaio di pau quebrando e ele bufano, foi até que ele torô o marimbondo no meio rapaiz, ai quando ele chego lá aonde tava a mula sô, que ele foi cabá de abutua a carga, a carga dele não coube a popa dele, já tinha inchado tudo, vô si vortá pa trais...

---

## O CAUSO DO RÁDIO (4.39 min)

**Geraldo:** k Rapaz, de você falar de rádio, eu lembrei da primeira vez que eu topei o tal rádio rapaiz, quase que me mata de raiva.

**Interlocutor:** Mas aquilo é um trem de tanta serventia sô?

**Geraldo:** Uai, depois que costumô acháro o recurso rapaiz, mas nesse tempo ninguém cunhicia aquilo não, já tinha visto falá que já tinha aquilo, mas achei que nós nem num ia vê, isso era muito longe, ai foi logo o trem butucô aí rapaiz. E aqueles primêro que pegô a saí pas fazenda só mesmo aqueles bichão forte que comprava, um fraco não dava conta não. E aí, uma ocasião, nessa época que apareceu esse recurso, eu fui trabaia prum cumpanhêrinho meu lá, judá ele fazê uma casinha, trabaiei prêle a semana intêra, quando foi sábadô, eu juntando minhas quiçacinha pa í imbora, aí ele falô pra mim, não Gerardinho, posa ai amanhã cedo nós vamo escutá uns caipira. Aí eu danei com ele. Cê ta ficando loco rapaiz! Onde cê vai rumá caipira aqui amanhã cedo? Aí ele falo, não ali no veinho Inófre, tem um rádio. Aí eu falei, uai já tem? Tem! Tá cum uns oito dia que chegô! Aí eu falei, uai, então eu vô posá que eu fico conhecendo essa ferramenta. Kkkkk Aí cedinho, nós bebeu café, eu fui fazendo o pito pú caminho, era perto, nós chegô logo, quando nós chegô já tinha umas quinze pessoa lá rapaiz, o povo num conhecia aquilo, frivia lá pá escuta. Aí o véio viu que o povo tava bobo cá quilo pegô a cobrá. Era quinhento réis pro cê escuta. Aí nós chego mais doise. Aí o véio era um veião preguiçoso tava deitado numa camona lá na sala prosiando, aí nós chegô, o cumpanheiro falô, ó Seu Inófre, nóise veio escuta uns caipira. Aí ele levantô espriguiçô falô, - ele era um veião casado segunda veiz, a muié nova, - vô lá dentro chamá a Maria, eu num sei mexê cum isso não. Aí eu oiêi apaiz, tinha um caxotinho em riba duma mesinha tá pertinho, pra mim aquilo era um caxotinho deles pô alguma mundicha. Quando ele apontô lá, a muiezinha atrás, quando deu no meio do salão ela passô pá diante e seguiu no meu rumo eu maniei uai, onde será que ta esse trem, oiei maniei, uai, não tem nada! Quando ela chegô naquele caxotinho lá em riba da mesa, eu assim perto, oiando aquilo, quando ela pegô no imbigo dele que troceu eu vi que tinha um palitinho lá dento rolô... Maniei, tá campinhano os caipira. Rapaiz, ele deslizô dos caipira e engarupô numa missa rapaiz, e o véio era daqueles devoto antigo, quando o padre raiô lá dentro daquele caxóte ele barreu o juêio no chão lá adiante. E ai nós foi obrigado a jogá o chapéu di costa e jueiá tamém e eu não sei o que, que enfezado esse padre esse dia rapaiz e ele tirava uma meia hora pá rezá, uma meia hora pa daná cum nós rapaiz, eu fui enfezando cá quilo, eu nunca vi esse homem e ele daná cum nós desse jeito! Esse home tá é loco! Kkkk E aí o pau quebrô e ele não parava sô, e o juêio num guentô. Eu levava a mão assim pá favorecê, os dedo num guentava eu tirava, acudia num ele num guentava eu ia po ôto, e o pau quebrô, maniei, levo as carépa sô. Levantá não podia. Quando eu vi que , eu maniei, agora num tem recurso eu vô deitá, puquê num pode levantá. Quando eu já tava caçano um jeito de deitá, o padre liberô nós, eu mão no chapéu e avuei da banda di fora. Aí o cumpanheiro, vamu dá mais um prazo as vêiz os caipira vem! Eu falei ó rapaiz, o dia que eu arrumá um recurso pá vedá meu juêio eu posso vortá mais...ahaha.

---

## O CAUSO DA NAMORADA

**Geraldo:** O Sô, ôce já girô numa folia anssim pro cê vê o tanto que é bom?

**Interlocutor:** I rapais, quando ocê topa anssin uma compaheirama raxada..

**Geraldo:** Eu lembrei dum passado, faiz muito tempo, no tempo de eu moleque, ma eu vô principiá o trem du cumeço. Então, nessa época rapaiz, lá morava um vizinho lá perto, e criou uma menina muito jeitosa, bonitinha, e ai rapaiz, e era vizinho anssim pertinho, nós incontrava miudinho ali todo dia, uma hora ela tava lá em casa, outra hora nós ia lá era aquel rolo ali, então eu garrei engambelá ela, e ela deu de incriná pa minha banda tamém, e aquela amizade foi sempre aumentano rapaiz, aquela cunfiança, aquilo nois topava miudinho anssim pos caminho, e deu até rapaiz, que nós pegô a breganha uns aroxo. E quando eu nessa posição eu fiquei com medo, praque neste tempo o trem era perigoso mêmo, é, o trem num podia facilitá não. E aí, praque, eu tinha uma outra rapaiz, que eu zelava dela pra casamento mêmo. Era um tipo que ia da um muieráço memo pa zurra, e ai eu fui fiquei com medo da otra fica sabendo daquele rolo meu, e distrangolá minha idéia, ai eu apertei e pedi o casamento, nós marco ele anssim puns díinha pôco e casei e mudei pra longe, ai eu rumei lá um recurso cum fazendeiro longe, fiz um ranchinho lá numa internada e mudei, e maniei, agora nois vai custa incontra ela esquece disso, ai to pra lá rapaiz, dipois duns sete ou oito mês por ai, um dia eu tava la memo mexendo ali pu terrero quando ela chego la no meu rancho. Minino, quando eu vi ela chegano eu já fiquei anssim meio veiáco, maniei, essa moleca veio busca uma mar querência aqui. E aí eu fiquei arisco anssim, assuntando ali pu terrero, quando eu escutei a prosinha dela lá ca muié, ai eu vi que ela foi, foi faze uma visita memo. Aí eu fui La pra dentro tamém, fiquei sastisfeito ca quela visita aí sentei lá atrais anssim num banquinho e a muié deu na tenda de cuá um café, pois a caçarorinha lá na fornainha e pego aquelas outras quiçassa e falô pra ela, ó eu vo lá na aguadinha lavá os trem e você atia o fogo aí pra nós. E a fornainha baixinha, nós fico só nós dois lá, quando ela pego no cantinho da fornaia, que ela morgô pra sopra o fogo rapaiz, aquela muniçãozinha de veda tava muito regrada. Quando ela morgô ela sungo uma perninha no meu rumo anssim, eu sentado pa traiz, quando eu vi aquele trem armo no meu rumo, ai eu já fiquei meio afadigado ca quilo, não queria oiá ma o zóio quiria, eu pelejava pa oiá pa otra banda ma o zóio quiria vê aquilo, ai eu fui ficando com o fôlego curto di oiá aquilo minino, fui ficando safocado, e pelejando pra vê se eu atulerava aquilo, aí uma hora minino a paciência mínguo, e eu num atulerei, eu levantei sô e vim pur traiz dela e enfiei o braço pur baixo dus trapin dela, fui burila na guelinha dela, ai eu vim rastano a mão anssim lerdo pá traiz, vim rastano, quando chego no ubrin dela, macio minino, eu inzonei um poquinho e fui rastano, quando chego no imbiguinho dela, o imbiguinho dela tava fundo, ainda puleguei ele ca ponta do dedo. E é que eu tava, eu tava animado sô, praque ela quietinha memô, maniei, esse trem vai prestá. Quando eu cheguei no subaquinho da perna dela, aí eu garrei in zoná, e eu não sei se eu fiquei meio estorvado, ou o que ela mudo a idéia duma hora pra outra rapaiz, ela firmo na fornainha e me chamo os dois pé no imbigo, e taco eu ca nuca numa partilerinha que tinha atraiz e cuia, coité dibuio em riba de mim, i eu levantei loco no meio daquele aranzé de inmundiça e já fiquei armado na portinha de sai pa saroba, maniei, se essa muié aqui enreda pa muie, daqui memo eu vo visti no mundo e

num vórto mais nunca. E fiquei assuntano. Ai a muie escuto aquele baruião e aperto a toada, ela já invinha. Chego lá falo, uai, que baruião foi aquele que eu escutei. Minino, aí Deus me deu uma demão rapaiz, que ela distriô o trem po outro rumo, falo, não foi, eu que esbarrei numas latinha ai com um tição, mas eu já rumei e ai a muié acredito né, eu fiquei anssim sem graça la na salinha do rancho. Muié cõo o café, deu a ela e levo pra mim lá e eu fiquei reçabiado anssim, vez em quanto ela inda mi oiava lá na sala ca quela carinha lerdá, eu maniei, ah bruaca. E aí nisso ela saiu logo e aí deu sô que nois não topo mais tamém, passo muitos ano, a poco tempo qui nois encontremo, ela caso e mudo tamém potras banda, agora a poco tempo eu topei com ela num poso de folia, aí nois já tinha jantado, rezado o terço e eu cansado, então no roteiro das muié navega lá pa bica dágua, tinha um giralzinho anssim lá perto, eu encostei lá , to ali descansando e povo ta ali passando, ai invai. Quando eu vi paro aquela veinha diante de mim. Quando ela prosio que eu conheci e ai eu ainda falei pra ela, minina, mas é ocê uai. É eu! Ah, mas deferenço muito minino! Virô um taperão descanchelado, nossa senhora. Ai eu, garremo na prosa ali, ali nóis foi lembra daquele tempo que nóis era vizinho, topava todo dia, e tampemo na prosa ali e uma hora ela foi e me preguntô, você ainda é levado daquele jeito Gerardinho? Aí eu lembrei da massaroca rapaiz, ai eu falei, você ainda é coicêra daquele tanto? Aí ainda ela deu um tapa ni min e falô, você ainda lembra disso? E eu falei, eu tenho seu rastro no imbigio até hoje... ahahah.

---

## O CAUSO DA BICICLETA

**Interlocutor:** A tar de bicicleta vazô esse mundão tudo ai até chegá aqui na gente né?

**Geraldo:** E rapaiz, a topada minha com essa tar de bicicleta a primeira veiz me esfolô tudo.

**Interlocutor:** É, e como é que foi o encontro?

**Geraldo:** Uai minino, nessa época sô que pego a sai essas bicicleta, esses ricurso, uma ocasião, a muié arrumô lá uma perrenguice, uma cramura, uma gemura esquisita, aquilo num miorava, eu rancava uma saroba ali no terrero mêmo, fazia uma xaropada dava pra ela bebe, foi ficando pior, daí eu maniei, dano, aí tentei leva ela pra cidade pum dotor da uma reforma nela pra mim. Aí fui lá arrumei um agasaio e levei ela, falei pu dotor, óia eu truxe a muié o senhor expia o que ta fartando nela e arruma ela pra mim e eu não posso fica aí não, eu tinha sirviço e era longe, aí rapaiz, larguei ela e fui embora, e era di a pé, eu ia lá dia de sábado, pa vê comé qui tava, segunda feira de madrugada eu virava pa traiz di a pé, era aquela dificuldade, nesse tempo esses ricurso que tem hoje era poco, então foi indo assim, um dia sô, eu cheguei lá um dia de sábado, já pumas deiz hora da noite, tinha um cumpanheiro lá mi isperano, ia fazê um negócio cumigo, mi isperô. Eu cheguei cansado, aí nós prosiemmo ali um prazo, eu cramando prele, aí ele falo, uai Gerardinho prueque que ocê num compra uma bicicleta? Eu falei, Deus me livre sô, nunca muntei naquilo, num sei mexe ca quilo não. Aí ele falo, ce é bobo rapaiz, com duas viage que oce anda oce anda, que oce esprementá oce anda. E eu sei dum minino que ele tem uma, ele vende ela baratinho, rapaiz, eu infrui ca quela proposta. Aí eu fui e falei pra ele, ó intaum faiz anssim, ce combina com ele lá e toca esse trem pra ca pra mim, nem busca isso eu não sei não. Aí ele foi embora, quando foi domingo já de tardinha, ele chego lá ca quele aranzé rapaiz. Quando ele me entrego ela rapaiz, me deu um rependimento, eu maniei, esse trem num presta. Aí rudiei ela dum lado, do outro, pra mim tava tudo afiadinho, a gente num conhecia né. Aí nós prosio, logo ele foi embora, já o sol já tava quase di entrano. Eu maniei, ah, eu vô da um reparo nesse trem é hoje memo. Peguei ela, maniei, eu vo lá pu campo de avião, anssim tinha começado esse campo lá, vô pra lá, que lá eu to sozinho, não tem ninguém pa faze bagunça comigo. E aí, e fui de pareia com ela, eu não sabia anda de pareia com ela sô, ela ia me puxando anssim, eu tropicava naquele estribo dela e muntuava em riba dela. Eu já fui desgostando caquilo, eu falei, esse trem num presta. Da rua até lá no campo ela mi dirrubo treis veiz. Ma eu teimando. Vamo vê. Chego lá no campo, prano demaise. Virei ela pa traiz e pensei, é já eu to lá dentro da cidade. Ajeitei o cinto direito, dei um tapa na aba do chapéu, quando tranquei no xifre dela rapaiz, que eu pisei naquele estribo, que joguei a perna no lombo dela, em vez dela rompe, ela viro anssim, eu, aí eu ataiéi sô, e já fui ca cara na poera, e já começo sai coro dessas ponta de osso, eu tornei a levanta, limpei a terra do zóio, tornei a tranca no guampim dela, tornei a.. man.., quando eu passei po lombo dela, ela torno a refugá, eu maniei de novo, eu luitei lá até escurece ela não ando desse tanto. Fico puído lá onde eu aninhava. Aí eu enfezei dimais, falei, eu não do conta de amansa esse trem não, aí fui imhora outra veiz di pareia cum ela. Aí eu maniei, eu jogo isso fora, purque eu num..., aí, segunda feira eu tinha que i pu sirviço. Levantei cedinho, maniei, eu já tinha

refrescado aquela geriza, ah, eu vo leva ela cumigo, que eu do uma esfrega boa nela é no caminho. Aí a rua la na porta era discambado anssim rapaiz, aí eu tirei ela pra fora, pensei ah, eu vo começa o jogo é aqui memo. Tranquei no xifrinho dela sô, quando joguei a perna nu pelo dela, ela já, aluiu. Aí eu sai, aquele trem uma hora numa banda, outra hora dotra, pelejando pa panha aquele prumo, e ela foi azedando. Quando ela gacho memo que vento tava zuando, ai eu aprumei. Eu aprumei ma num sabia diministrá ela no rumo qui pricisava não. Eu só quilibrei em riba, e ela no rumo que ela apontasse era aí memo e lá em baixo tinha um lote fechado de arame rapaiz, a valença que era um araminho antigo, inferrujado, ela marco no arame, eu pelejei pra ela vim pu meio da rua, ma num... queria que ela viesse era tudo. Não sabia que tinha que era entorta o pescoço dela não. E ela enquexo no rumo do arame e eu to pelejando, to pelejando, quando eu vi que ela nós ia no arame memo, ai eu lembrei minino, eu falei, ah gente, eu vejo o povo fala que santo acode a gente, ai eu lembrei, falei, só aborrecendo eles agora, tem que... cuida dum trem desse, senão a gente morre memo, aí eu gritei um santo sô e ele não tava em casa, gritei outro ele tava acudindo outro pa outra banda, até que eu gritei um mais agraduado, mas ai num... já tava chegano no arame. Ai quando eu vi que ia, eu maniei, eu vô apruma que eu bato o estambo e caio di costa, quando eu aprumei rapaiz, o rodero di diante dela também levanto, e táaa!, nós vazo, o santo num pôde para ela pra mim, mas judô tora o arame pa nós passá. Aí quando... Interlocutor: - Cê não agradeceu ele não? Não, a hora qui eu disacupeí desse aranzé lá em baixo, eu num fiquei sabendo qual é que me acudiu, que eu chamei eles tudo, aí eu agradei eles tudo, falei, teve bão, aí lá adiante a rua já deu de i cabando aquela discida, ela foi manerano a toada, foi manerano, quando pego um rojãozinho anssim devagar eu fui aprendê munhecá aquele trem, eu pisava di cá, ela virava, eu acudia de cá ela virava, maniei, ma esse trem é loco. E aí, ai invai naquela labuta, i eu num tinha paia de pito sô, eu tinha que passá berando uma venda, o vendero já tinha levantado, maniei, ah, ali eu compro um botinho di cigarro, acendo uns dois ai no caminho, chego lá eu do isso pus minino, aí, i ela lá, ia passando mais puma banda da venda, eu querendo que ela viesse pa banda da venda, quando eu vi que ela passava pa diante, eu dei um górpe no chifre dela anssim rapaiz, ela fez, ruáap!! Deitô sô, eu entrei dentro da venda ca unha no chão, pa não leva o nariz no chão, ai o vendero foi, ainda dano comigo, uai rapaiz, ta caindo aí sô! Aí eu falei, não é pruque o trem trapaio ali, aí comprei um botinho de cigarro, dum antiguinho que tinha, branquinho tudo, e sai lá adiante, aí furei ele, tirei um, pus no beço, e chamei a binga nele e tornei a muntá e to luitano, uma hora num barranco, outra ora notro, e aí invô, aquela peleja, foi logo perto, deu numa discambada duns três quilômetro e ela num tinha era aquele ricursinho de minguá a toada rapaiz. Tava só aquela forminha di ferro. Ela usa uma borrachinha ali pá... num tinha não. Quando ela viro anssim, ela tornô a melá comigo no mundo. E o trem foi zuando, foi zuando, eu chamava o dedo naquele bigode que tem pru bacho du chifre, a coisa fazia tiáááá', e a toada tava do mesmo jeito. Eu levava o carcanha no rodero dela queimava o pé eu tirava, e aí invamo e o vento zuando. Acho que ela já nem num tava encostando no chão, ela ia memo... E eu num, quando eu senti o calorzinho do fogo do pito no beço, e eu não puxei a fumaça não, o vento memo veio trazendo aquilo. Eu não podia largá do chifre dela pa acudi porque sinão levava... Aí eu pensei, a hora que eu vê que quema, eu guspo ele fora. E já tava pensando sô, tinha uma ponte, pa entra na ponte tinha uma curva,

maniei, na curva eu num do conta de fazê, eu vo dendo rio. Mas ai, quando o fogo apertô que eu fui guspi ele fora, ele tinha pregado no beijo. Rapaiz, ocê precisa di vê que massaroca rapaiz, eu bufava que nem um jumento, pa vê se aquilo desapregava, e o trem, i quando eu abria a boca pa bufá o vento fazia zôôôô, ainda levava o fogo pra dentro menino e aí, nós lá ia chegando num mata burro eu maniei, ali nós vamo marrota e desacupo a mão pa acudi. Pois ela passo que nem num encosto rapaiz, quando eu vi que ela passo no mata burro, eu já gritei ao santo que corto o arame lá pra mim, pá mi dá uma cambota pa mim desacupa a mão pa acudi que tava doeno. Ele não pode pula adiante que senão ainda ia machuca ele, ai, ma ele me ajudo eu apontá ela num cupim que tinha na beira do caminho, acho que ele fico duma banda e deu um empurranzinho nela no rumo do cupim. Sô, quando nós bateu nesse cupim, ela prumo pa rima, e eu chorei o stambo na nuca dela e passei por riba do cupim. Maiei pra lá e ela caiu di costa. Quando eu levantei que eu fui acudi que tava doeno, já tava aquela pipoca no beijo, a boca puma banda e doeno demais memo, e o estambo também doeno, eu oiêi no estambo, maniei, uai, não tinha botão de camisa, até a barguia da carga tinha relaxado, ai fartando umas garra de coro também no estambo, aí eu maniei, ah um toco, certo eu bati em riba dele ai. Oei no cupim lizinho, não tinha toco. Maniei esse estrago não era... Aí quando eu rodiei o cupim, que eu panhei ela rapaiz, que eu ergui ela que eu descobri o defeito. Ela tem um berruga na nuca. Quando ela subiu, eu chorei o stambo naquilo e virei. Tava cheinho de linha de botão, coro do estambo, tudo ao redor daquela berruga. Aí eu ainda falei suzinho lá rapaiz, ah, aqui a miséria que me estrago. Intero três obejeto que pra mim eu não tenho confiança mais nunca, é bicicleta, e cigarro de papel e sordado também.